REVISTA DA SEMANA

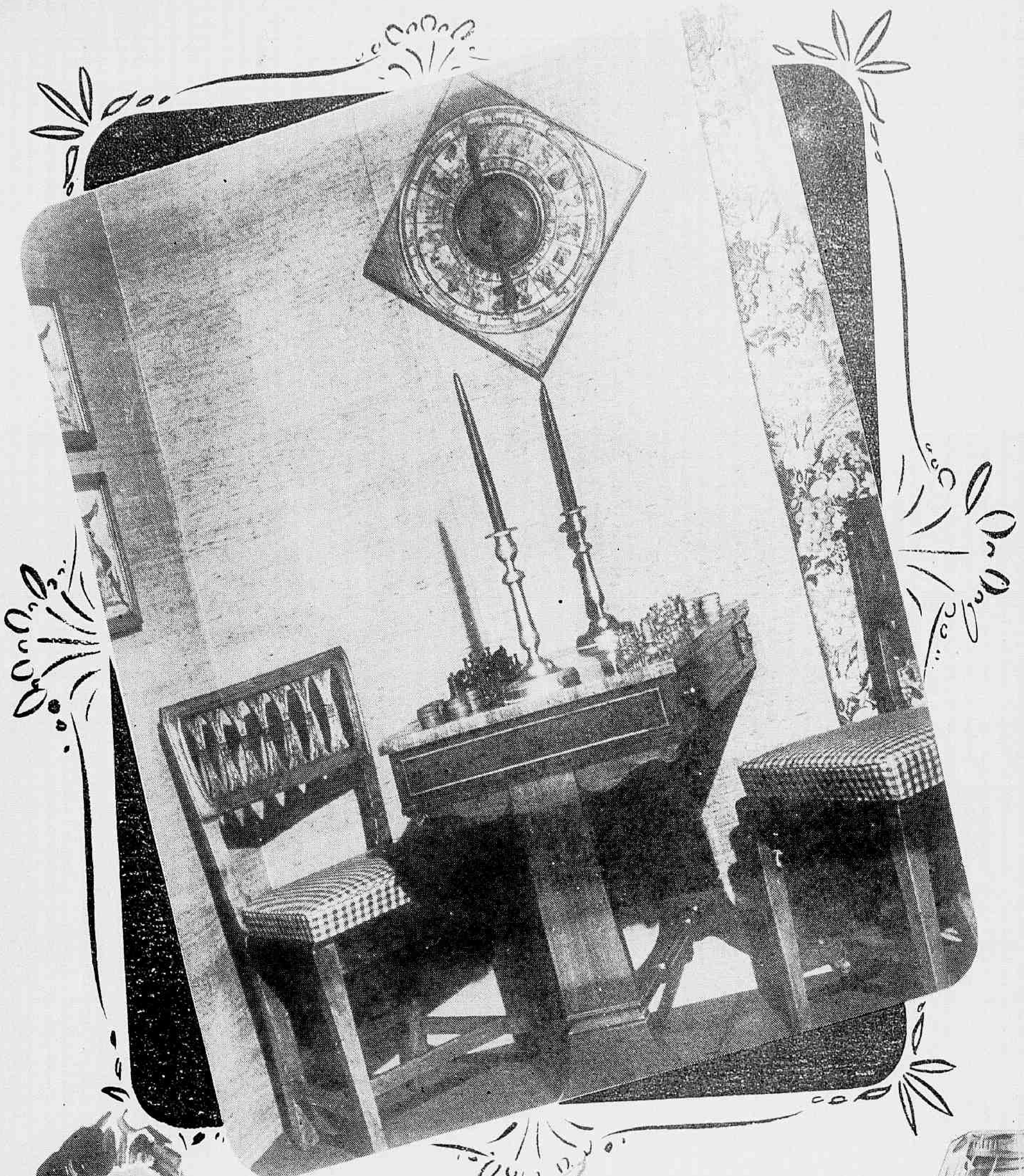
N. ... -11-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

A GRE...
MORRO...

MANGABEI...
"ASSOMB...
EM SÃO...

OS GAÚ...
FEDER...

UZ





Óleo de peroba, dá
longa vida aos
móveis novos e
vida nova aos
moveis velhos.



Óleo de Peroba
Óleo de Perob
PARA
LUSTRAR, LIMPAR E RENO
MOVEIS - PIANO
RADIOS - GELADEIRAS

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 48 ★ 28-11-53

SUMÁRIO

Uma greve (Morro Velho) e as soluções de aparência 7/10
Os gaúchos federais .... 1[illegible]/15
Pode começar em Trieste a terceira guerra mundial 16/17
Custódio dá de beber literatura há 15 anos 20/21
Elizabeth Taylor passeia no Hyde Park 28/29
Os «rockts» ensiam um raide Terra-Lua 30/31
Mangabeira virou assombração em São Paulo 42/44
O caso Lowndes x Meira Lima 54/55
Por êsse mundo de Deus 4/ 6
Semana literária 22/23
Teatro 11
Cinema 18
Rádio 24
A semana em revista 51/53
Semana política 56/57

CAPA:
SUSAN HAYWARD
(Foto R.K.O.)

- Redator-Chefe: **Joel Silveira**
- Assistente: **Hélio Abreu**
- Paginação: **Victor Tapajós**
- Desenhos: **Alberto Lima**
- Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

- Diretor: **Gratuliano Brito**
- Assistente: **Renato de Alencar**

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

NESTE NÚMERO



UMA GREVE (morro velho) E AS SOLUÇÕES DE APARÊNCIA

OS GAÚCHOS FEDERAIS

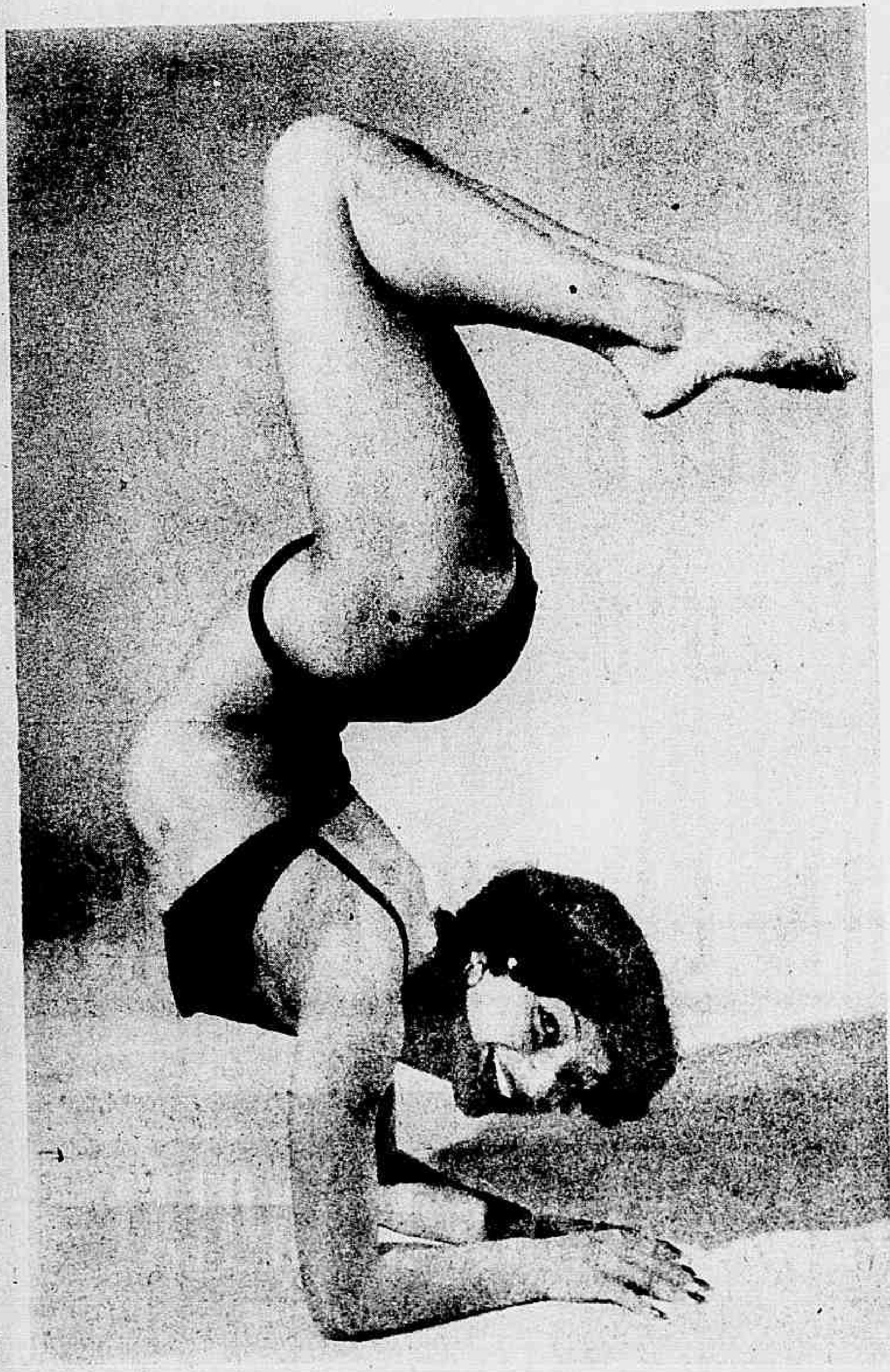
Mangabeira virou assombração em São Paulo



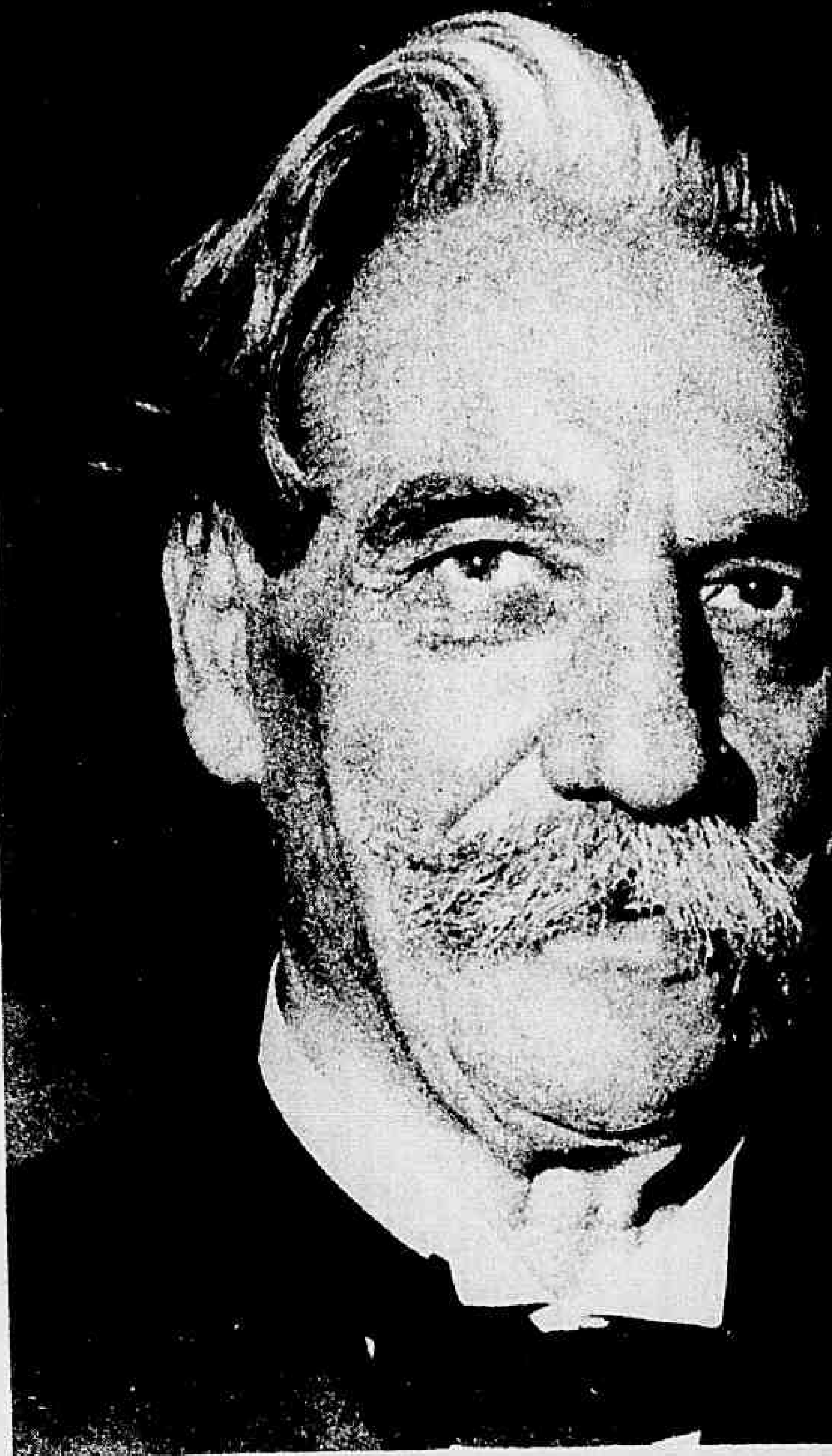
ELIZABETH EM HYDE PARK

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL PODE COMEÇAR EM TRIESTE

Por êsse MUNDO *DE DEUS*



ROSIE LLANOS ACHA QUE ÊSTE É O MELHOR EXERCÍCIO PARA DESCANSAR O CORPO DEPOIS DE UM DIA DE COMPRAS NA CIDADE — (Keytone)



O MAIS JUSTO DOS PRÊMIOS NOBEL

«Agora poderei construir as casas de que necessito para os meus ne- gros leprosos». Foram estas as palavras com que o pastor e médico alsa- ciano Albert Schweitzer, recebeu a notícia de que havia sido contempla- do com o Prêmio Nobel da Paz, de 1952. Êsse homem, que já foi premia- do na Alemanha pelas suas campanhas humanitárias, desde muito se lo- calizou em Lambarene, África Equatorial Francesa, dedicando-se à cura e educação de negros semi-selvagens. Repetindo o sacrifício do Pe. Da- mien, Schweitzer, que já tem o apelido de «O Santo», vai aplicar o mi- lhão e duzentos mil cruzeiros do Prêmio Nobel, na assistência aos seus le- prosos, na cura dos males do corpo e do espírito. (Keystone).

Disseram

A PINTORA Marie Laurecin: — "Conservei algumas poucas obras minhas comigo, e apenas por causa de suas molduras."

★

O DIRETOR cinematográfico Marcel Blistène: "A deformação profissional não é apenas uma palavra. Eu mesmo, nas circunstâncias mais penosas de minha vida, costumo dizer muitas vêzes: Que ângulo formidável!"

★

DE JEAN COCTEAU: "A televisão absorverá tudo que é "industrial" na cinematografia; e a gente irá ao cinema para ver um "verdadeiro filme": um filme de grande qualidade ou um documentário. Porque o cinema será para o público o que êle já é felizmente para alguns produtores: uma propaganda do espírito e seu melhor veículo."

DE LEICESTER Hemingw[ay] (irmão do escritor Ernest [He]mingway), que acaba de p[ubli]car um romance cuja açã[o se] passa na primeira guerra m[un]dial: "Tôda vez que tenho [o sen]timento obscuro de "fazer [He]mingway", recomeço de o[utra] maneira, que pode não ser [me]lhor, mas que é minha."

★

YEHUDI MENUHIN, muito [sa]tisfeito, ao ver seu filho, [de] quatro anos, atirar viole[nta]mente no chão o violino que [lhe] dera de presente: "Foi ex[ata]mente assim que eu tratei [o meu] primeiro violino."

★

DE WINSTON CHURCHI[LL]: "Quanto mais se avança [na] vida, mais se é obrigado a [ad]mitir que o sal da existên[cia] está essencialmente na pime[nta] que se coloca nela."

Instantâneos

Winston Churchill gosta de contar sa história:

Uma segunda-feira de manhã, um ord» chama o seu mordomo e lhe diz:

— James, me disseram que ontem ocê estava bêbedo em Hyde Park, lando uma barrica com o pé e canndo uma canção obscena. É verade?

— Sim, «mylord».

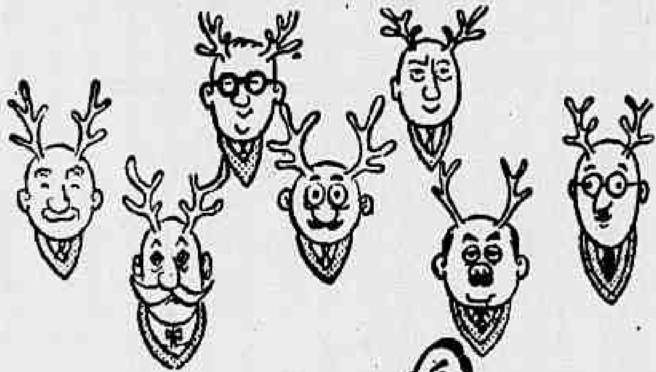
— E onde eu estava que não o vi?

— Dentro da barrica, «mylord».

Um inteligente anúncio colocado à ntrada de um instituto de beleza de aris:

«Não há mulheres feias, há apenas ulheres que não sabem como ficar onitas.»

A CARICATURA DA SEMANA



Lembranças de velhas caçadas.



Martine Carol tem razão: tem [illegible] a atriz que [illegible] pé diante das câmeras

Essa quem conta é Picasso:

Durante mais de um ano, uma galeria de arte da rua Saint Honoré ecebia a visita de um cavalheiro distinto, apreciador seguro da arte; ue se demorava longamente a contemplar os quadros, mas sem omprá-los.

Até que um dia o visitante, meio constrangido, aproximou-se do dono a galeria:

— O senhor me desculpe. Há tanto tempo que venho aqui sem nunca er comprado coisa alguma.

— Não há nada a desculpar, responde o comerciante. Quisera eu er cem clientes como o senhor!

— Como eu?!

— Sim, apenas cem como o senhor, e não mil!

Em Glasgow, a fim de estudar os efeitos nocivos da nicotina, ientistas construíram uma máquina que fuma 100 cigarros por hora. Os estudos serão iniciados quando a máquina já houver consumido doze mil cigarros.

O professor Piccard anda sempre com três relógios no bôlso: se os seis ponteiros não estão perfeitamente de acôrdo entre si, êle corre angustiado para o primeiro telefone público e disca, de cor, para o observatório de metereologia.



Na Inglatrra também se realiza anualmente a Semana do Trânsito. Cinco mil pessoas morrem anualmente em desastres de veículos na Grã Bretanha e 200.000 ficam feridas, isto é, de três cidadãos britânicos, um está qualificado para morrer violentamente ou ser ferido em acidentes de rua e estrada. O govêrno vem procurando enèrgicamente encontrar soluções para essa calamidade, sobretudo por meio de um departamento de psicologia aplicada de Cambridge, que vem investigando cientìficamente a mentalidade das pessoas que mais fàcilmente provocam acidentes ou são vítimas dêles. Na foto, o pedestre londrino pulou do ônibus em movimento e tenta desesperadamente alcançar a calçada antes que o automóvel à esquerda o envie à companhia de seus antepassados.



EM KENIA — Mil mulheres kikuyu fizeram um desfile de protesto contra a prisão de cêrca de mil homens de sua tribo, conseguindo libertar quase cinqüenta. Na foto, soldados do corpo de polícia procuram dispersar o ruidoso bando de mulheres que iniciaram a tradicional dança de guerra kikuyu.

CENDRARS E «O CANGACEIRO» — O poeta francês Blaise Cendrars, que gosta de fato do Brasil, e que por aqui andou muito tempo, quando eram mocinhos os rapazes da «Semana da Arte Moderna», foi consultado pela revista parisiense «Arts» a respeito das possibilidades do cinema em relêvo. Eis a resposta do poeta: «Pela primeira vez, desde 1937, esta semana fui ao cinema. Vi um filme brasileiro: «O Cangaceiro». Saí dêle arrasado, desencorajado, desgostoso. Que admirável filme poético se poderia ter feito! Os realizadores passaram ao largo. O cinema não é senão um mau lugar para poetas. Entretanto, resta uma oportunidade: o relêvo, uma invenção velha que agora se procura redescobrir.»

Por êsse MUNDO DE DEUS

ÀS MÔSCAS

O sábio equatoriano Richard da Silva afirm podemos matar as môscas por sugestão. Bas lar a môsca; olhá-la veementemente nos olhos petir durante trinta minutos: «Você não vai v Você é estéril... Você está morta...» As môsc timas dêsse método, morrem, segundo o «seu», na proporção de 60%. O sindicato dos fabr de papel pega-môsca acha que o sábio está rando muito.

O ALGODÃO É DÊLES

O Japão tomou o lugar dos Estados Unidos primeiro exportador de algodão: exportou 3 lhões de metros cúbicos nos últimos seis mes passo que os EE.UU. exportaram 330 milhões.

O PATRONO DOS ESTIVADORE

Deu entrada no Vaticano o processo de ca ção de Mathew Talbot, estivador de Dublin, to em 1925.

A CATÁSTROFE DO DIA

Os desastres de estrada de ferro são tã qüentes no México que um de seus vinte e jornais criou uma secção permanente: «A cat ferroviária do dia».

A RAINHA NO PEITO

Martin Ahlers, mestre de tatuagem, festej Hamburgo o seu 40º aniversário dentro do Interrogado por jornalistas, confessou que os nheiros inglêses sempre lhe pedem para imprim no peito a rainha Elizabeth.

MOSSADEGH ENFRENTA O TRIBUNAL







«Não sou traidor! Não reconheço autoridade neste Tribunal! Ainda sou o primeiro ministro do Irã!», foram estas algumas das exclamações com que Mossadegh enfrentou os juízes que o estão julgando em Teheran, na sede, fortificada e guardada por tropas mecanizadas, do Clube dos Oficiais, nos arredores da capital persa. As fotos acima ilustram alguns instantes do sensacional julgamento que desperta a atenção do mundo inteiro. No flagrante ao centro, vêem-se tropas especiais montando guarda na entrada da sede do Clube dos Oficiais; nas outras duas fotos, o ex-premier iraniano aparece sorrindo e grave, conversando respectivamente com o seu advogado e discutindo a série de acusações algumas gravíssimas que lhe fazem. (Foto U.P.)

NUMA
QUILÔM
COLETIV
LAÇÃO
MII

COM a p
Cr$ 10
John Del Re
atender às
Morro Velh
cando a ext
um mês de
A promes
é o ministr
sula oito d
mês, revelo
posição do
solução pa
mente favo
aparência,
lasse o pr
ro em as
que os in
às pressas
sediado em
numa segu
o ministro
minas, rec
de encamp
O pega-p
do Trabalh
res com o
ância que
mineiros g
o que cus

Tanto a
no caso de
Nova Lim
muitos an
Antes d
rência co
atos que
Canadens
salário-tar
dos minei
aposentad
tivamente

SÒM

Reportage

As prin
alguns m
a remun
pois a co
deram a
pagá-los
que seri

NUMA CAMINHADA DE 16 QUILÔMETROS, O DRAMA COLETIVO DE UMA POPULAÇÃO ESCRAVIZADA ÀS MINAS DE OURO.



E. L. Langley, superintendente-geral da «St. John Del Rey Mining» veio ao Brasil para transformar a pressão do Ministro do Trabalho em um empréstimo de Cr$ 10 milhões e para isso não se importou, inclusive, em citar Shakespeare, como se o dramaturgo inglês tivesse alguma coisa a ver com o drama dos mineiros de Nova Lima.

COM a promessa de um empréstimo de Cr$ 10 milhões, os inglêses da «St. John Del Rey Mining Co.» concordaram em atender às reinvindicações dos mineiros de Morro Velho. E terminou a greve, recomeçando a extração de ouro depois de quase um mês de paralisação total.

A promessa de empréstimo, cujo fiador é o ministro do Trabalho, segundo a cláusula oito do acôrdo assinado a 12 dêste mês, revela a que ponto chegava a disposição do govêrno em encontrar uma solução para o caso — solução inteiramente favorável aos mineiros, embora de aparência, momentânea, mas que resguardasse o prestígio político do jovem ministro em ascensão. Tanta foi a pressão, que os inglêses, alarmados, convocaram às pressas o seu superintendente-geral, sediado em Londres. E. L. Langley chegou numa segunda-feira e na têrça já advertia o ministro de que acabariam fechando as minas, recebendo em resposta promessa de encampação.

O pega-pega durou 4 dias e o Ministério do Trabalho só conseguiu dobrar os inglêses com o aceno de Cr$ 10 milhões, importância que ultrapassa o montante então exigido pela reivindicação dos mineiros grevistas. Mas era preciso encontrar uma solução, custasse o que custasse.

SOLUÇÕES DE APARÊNCIA

Tanto a solução da última greve, como das três anteriores dêste ano, no caso de Morro Velho, nada mais foram do que soluções de aparência. Nova Lima, localidade onde estão as minas de ouro, é hoje, como há muitos anos, um cancro social.

Antes de transmitir observações pessoais de uma semana de convivência com os mineiros, diremos quais os motivos da greve, historiando fatos que remontam a 1948, quando foi instituído o chamado «Plano Canadense»: gratificação à base da produção individual, espécie de salário-tarefa, adicional a um fixo. Desde aquêle ano que o sindicato dos mineiros vem lutando para incluir as vantagens do plano nas aposentadorias, férias e repouso semanal remunerado, ganhando sucessivamente em tôdas as instâncias da Justiça do Trabalho.



SÒMENTE COM CR$ 10 MILHÕES FOI POSSÍVEL DOBRAR OS INGLÊSES

UMA GREVE (morro velho) E AS SOLUÇÕES DE APARÊNCIA

Reportagem de **NEWTON CARLOS**

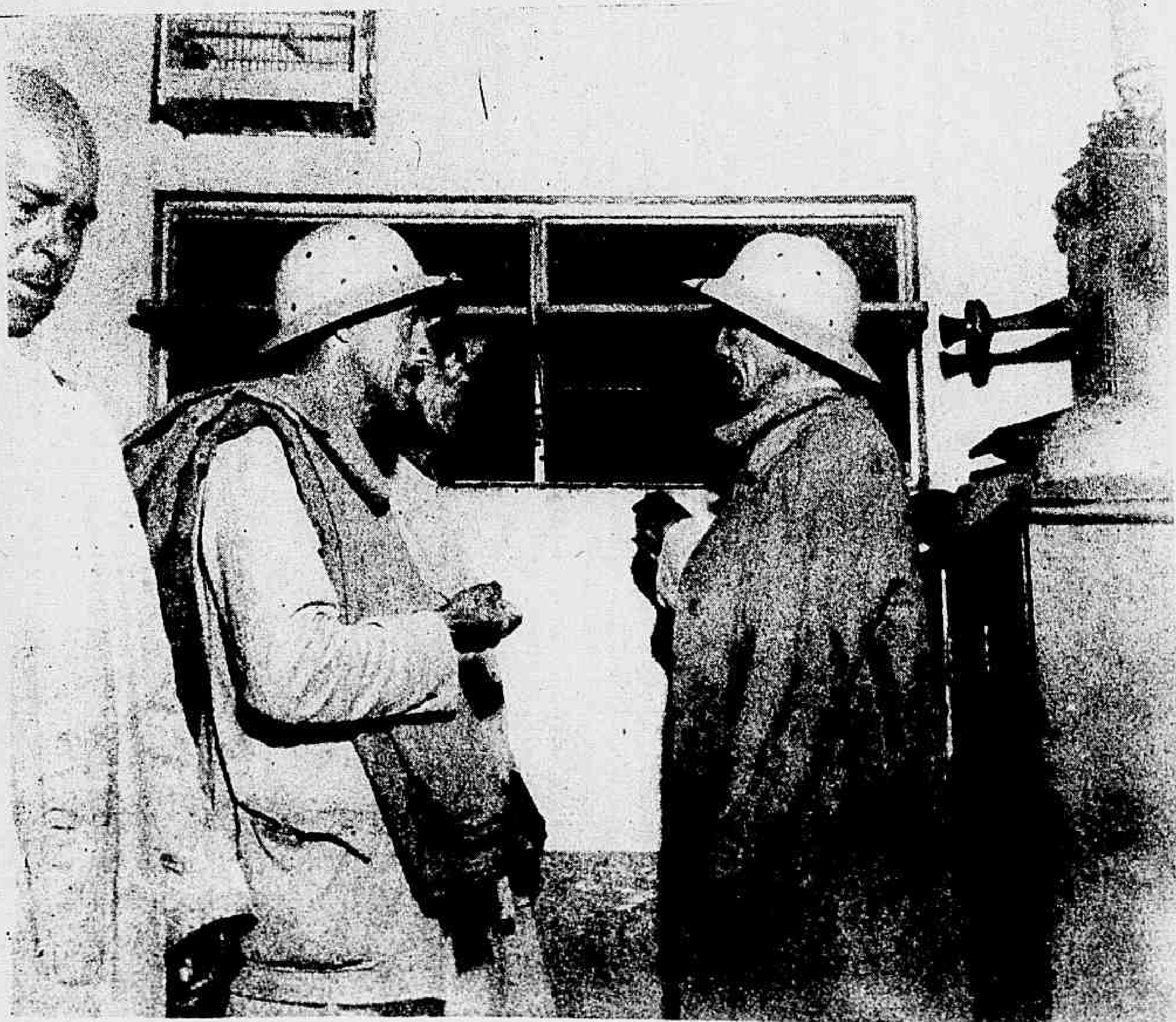
Fotos de **NIVALDO CORREIA**

As primeiras complicações surgiram quando da aposentadoria de alguns mineiros. Pediram êles que a Caixa fizesse o cálculo na base da remuneração total, incluindo as gratificações, o que não foi possível, pois a companhia fazia os recolhimentos na base do salário-fixo. Depois, vieram as férias e o repouso semanal, com a companhia se negando a pagá-los com salários acrescidos dos bônus de produção, segundo critério que seria estudado. Entraram as primeiras reclamações no Tribunal Regional do Trabalho (Minas), assinadas por cêrca de 500 mineiros.

Nessa época, o sindicato consultou à companhia, se era necessário levar todos os casos à Justiça. Em resposta, recebeu um ofício-compromisso, onde ela afirma que pagaria a todos, desde que um seu empregado tivesse ganho de causa. Com a decisão judicial, entretanto, mudou de opinião, ignorou o compromisso e só se dispunha a pagar atrasados aos reclamantes — veio a greve.



Surgindo pela ponta norte da Avenida Afonso Pena, os mineiros de Morro Velho invadiram Belo Horizonte, em passeata de greve. À frente da o prefeito de Nova Lima, o deputado Waldomiro Lôbo e presidente do Sindicato.



Com a ordem de paralisação, os encarregados de serviço foram lutar ao lado dos operários.

Com o empréstimo de Cr$ 10 milhõ só se comprometeu a pagar atrasados o mundo, como a dar um abono que tuirá o pagamento dos dias de greve, e .dos mineiros — terminou a greve.

DRAMA COLETIVO

Foi na caminhada de Nova Lima Horizonte, em passeata de greve, que pela primeira vez o drama coletivo gente. Desciam à capital não apen dizer ao cidadão de gravata que sust uma greve de 20 dias, sem que nin dispusesse a ajudá-los numa solução riam mostrar, em tôda amplitude, o d uma população escravizada às minas

Acompanhando a picada que corta o vale entre dois montes, na Serra do a coluna se estendia por quase dois tros, uma extremidade perdida de outra. Não eram apenas mineiros. 5 mil. A cidade tem 25 mil habitantes todos na dependência do trabalho mínimo) das minas, onde não são menores e mulheres. Vinham, juntos, que mal conseguiam andar, acompanh pais; mulheres carregando crianças acompanhando os maridos; casais jov braços. Cada um, com a mochila de tira-colo.

A coluna surgiu pela ponta norte da Afonso Pena, passando, antes pelo ba

Obedecen

Serra e p ciosa, obe Primeiro, populaçã mais tard de simpa fica tomo manifesta

Era co pessoas tinham a dade. E mesma m com raro do Brasil.

Por qu ções? V mineiros

1. Um ganha s 1.125,00 consegui

2. Fo na cida dependê Para as ajudam há trab minas;



Obedecendo determinações da polícia, a marcha foi realizada em silêncio, na mais absoluta ordem. Apenas «vivas» a autoridades e jornais. O povo de Belo Horizonte prestigiou os grevistas, saudando-os.

Serra e praça 12 de Outubro. Marchou silenciosa, obedecendo a determinações da polícia. Primeiro, chocada pelo espetáculo inédito, a população de Belo Horizonte reservou para mais tarde, horas depois, quando uma onda de simpatia por aquela gente de índole pacífica tomou conta da cidade, os aplausos e as manifestações de solidariedade.

Era comovente observar tanta ordem em pessoas vítimas de tanta exploração. Não tinham aparência de rancor, mas de humildade. E assim deixaram Belo Horizonte, da mesma maneira que chegaram. Haviam feito, com raro mérito, a primeira passeata grevista do Brasil.

APARÊNCIA : ESQUEMA

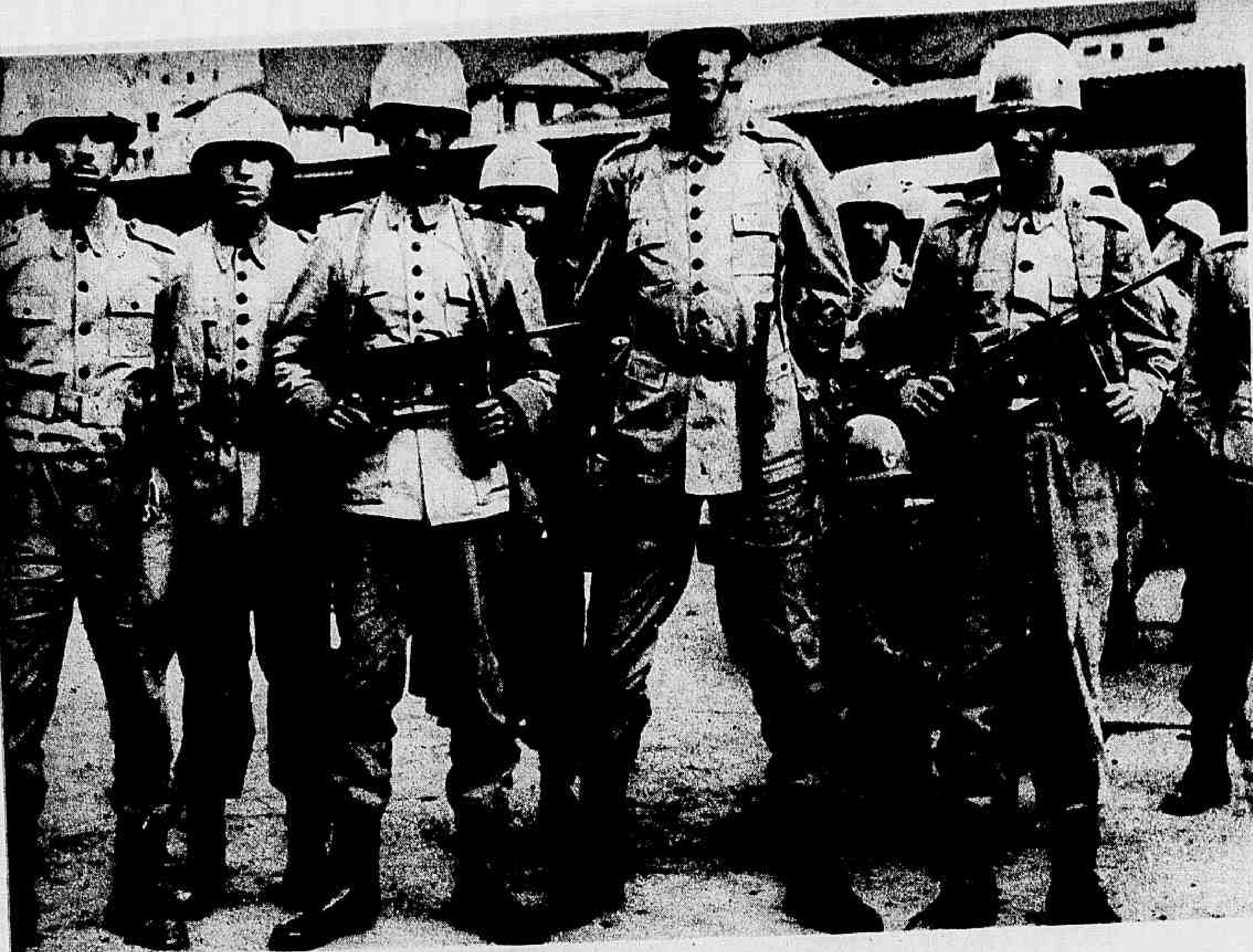
Por que têm sido de aparência tôdas as soluções? Vamos traçar o esquema do drama dos mineiros de Nova Lima:

1. Uma maioria de cêrca de 70 por cento ganha salário-mínimo, que passou a Cr$ .... 1.125,00 depois do aumento de 25 por cento conseguido na greve de maio;

2. Fora das minas, não há outra ocupação na cidade, ficando cêrca de 25 mil pessoas na dependência do trabalho de 5 mil mineiros. Para as mulheres e menores, que comumente ajudam os pais ou arrimos de famílias, não há trabalho, já que não podem trabalhar nas minas;



Uma assembléia de mineiros. Observe-se a presença de mulheres. Lutaram ao lado dos maridos.



A BANDEIRA

- *A bandeira do Sindicato dos Mineiros de Nova Lima tem quatro côres: amarelo, vermelho, prêto e branco:*

1 — Amarelo, do ouro.

2 — Vermelho, do sangue no trabalho árduo.

3 — Prêto, do luto pelos operários mortos.

4 — Falta a condição que representa o branco: harmonia social.



3. A assistência do govêrno, através de uma delegacia precári IAPTEC e de um pôsto vazio do SAPS, além de um ambulatório do SA ainda em hipótese, é mínima e prejudicada por acirrada luta pol

4. O custo de vida é pràticamente igual ao de Belo Horizonte, dis 26 quilômetros.

Quanto à parte de acidentes do trabalho, bastam as cifras: em a companhia pagou Cr$ 1.653.146,60 de indenizações.

A necessidade de luta já se transforma em tradição, entre os min de Nova Lima. Dos 5.018 em atividade, cêrca de 4.990 são sindicaliz dando ao presidente do sindicato importância idêntica à do prefeito. onde sai a maioria dos líderes daquela gente? Justamente da gr legião de inutilizados, pela silicose (poeira no pulmão) e tubercu elementos de rancor sistemático contra a companhia.

O processo de greves sucessivas já está inaugurado. Sòmente êste foram deflagradas quatro — e não terão dúvida em deflagrar a qu caso não sejam atendidos no pagamento do salário noturno.

A polícia mineira (ao alto), fêz pose, estufou o peito, exibiu armas, o que de nada adiantou: não houve desordem, a greve foi pacífica.

Durante trinta dias, as carretas não tiveram minério para transportar. Nos cabos-aéreos, as caçambas permaneciam paradas.



Então a polícia mineira ficou guardando o portão da mina, sem precisar fazer pose, estufar o peito, exibir armas.

Teatro

SOUTO DE ALMEIDA

Novos teatros

S. PAULO está em vias de ganhar mais dois teatros. Um dêles será de propriedade do ator e diretor Armando Couto e já estará em funcionamento em meados do ano próximo. O outro — que se chamará «Teatro Natal» — será inaugurado em abril de 1954. Sua posição é privilegiada: na Avenida S. João, entre os cinemas Oásis e Metro. Será no estilo «teatro de bôlso», pois conta com 250 localidades, construído com todo o confôrto e bem equipado tècnicamente, tendo ainda a valorizá-lo a decoração de Vaccarini. É dirigido pelo escritor e homem de teatro Miroel Silveira, que convidou Silveira Sampaio para inagurá-lo. Sampaio já escolheu a peça de estréia: a comédia «Deu Freud Contra», inédita para o público paulista.



José Lewgoy quer fazer teatro.

Funcionando numa dependência do antigo Cassino Atlântico, o «Clube da Chave» desta Cidade Maravilhosa também pretende fazer um pequeno teatro em seus domínios. O «Clube da Chave» é a última novidade da vida noturna do Rio. De uma idéia de Humberto Teixeira, Leoni Machado e do ator Jorge Dória nasceu essa associação particular que congrega cinqüenta sócios proprietários (donos exclusivos da chave da porta) e uma centena de convidados (a turma da «gazua»), todos êles integrantes dos nossos meios artísticos, intelectuais, políticos . . . e boêmios. Nos seus planos figura a construção de um pequeno teatro, pois há espaço suficiente para tal. Em conversa com José Lewgoy (um dos cinqüenta) revelou-nos o conhecido ator cinematográfico o seu interêsse em organizar uma companhia para ocupar o futuro teatro. Talvez poucos saibam, mas Lewgoy, antes de tornar-se figura popular de nossas telas, tinha iniciado uma brilhante carreira de ator e diretor teatral em Pôrto Alegre, sua cidade natal, onde representou e dirigiu «Topaze», de Pagnol, e «Le voyageur sans bagage», de Anouilh, espetáculos de alta categoria artística. Depois Lewgoy foi para os Estados Unidos, onde tirou um curso de teatro na Universidade de Yale e, na sua volta ao Brasil, o cinema absorveu totalmente as suas atividades. Por isso, ficamos na expectativa do futuro teatro do «Clube da Chave»: o Rio ganhará mais uma casa de espetáculos e nosso teatro reconquistará um bom ator.

TEATRO NO MUNDO

• NA BROADWAY

Faz sucesso nos Estados Unidos um gênero de espetáculos ainda não tentado entre nós: um grande cartaz de variedades realiza um «show» divertido, com outras atrações de menor categoria. E o público comparece com entusiasmo contribuindo para a grande aceitação dessa modalidade de diversão teatral. Em princípios dêste ano assistimos, por exemplo, na Broadway, ao espetacular êxito de Danny Kaye que, sòzinho, agüentava um «show» de duas horas, sempre com lotações esgotadas. Anteriormente, a conhecida comediante Beatrice Lille fizera o mesmo, com pleno sucesso. Na presente temporada o pianista Victor Borge fêz uma estréia auspiciosa (com «concêrto de comédia») e agora chegou a vez de Ethel Waters brilhar. Ethel é um nome popular do rádio e da televisão americanos, como cantora e comediante característica. No seu «show» diverte a platéia durante duas horas, fazendo ouvir, inclusive, seus grandes sucessos musicais do passado, como «Dinah» e «Cabin in the Sky», melodias, aliás, universalmente conhecidas.



A cantora e comediante Ethel Waters, sòzinha vale por um show completo (N. Y. Times)

★

Uma prova evidente de que nem sempre um grande êxito local pode alcançar o mesmo sucesso em outros centros teatrais é o malogro de «THE LITTLE HUT», adaptação inglêsa da comédia «La Petite Hutte» (A Pequena Cabana), de André Roussin, que fôra um grande «hit» em Londres e em Paris, com três anos de representações consecutivas. Mas na Broadway a peça de Roussin não agüentou trinta dias em cartaz. . .

• NA ESPANHA

E' sabido o interêsse do espanhol pelo teatro, pois só Madri mantém mais de duas dezenas de casas de espetáculos em funcionamento. O clássico Lope de Vega está sendo representado no Teatro Español com «EL CABALLERO DEL OLMEDO». Outro grande nome da literatura dramática é o contemporâneo Jacinto Benavente (Prêmio Nobel) que apresenta a sua mais recente produção — «CAPERUCITA ASUSTA AL LOBO». «EL BAILE», de Edgar Neville ainda em cartaz (a mesma peça está sendo representada no Teatro Dulcina, com Rodolfo Mayer e seu elenco, sob o título «Obrigada, pelo amor de vocês»).

Madri também não foge à apresentação de originais estrangeiros. O grande sucesso internacional (Londres, Nova York e agora Paris) «O Amor dos Quatro Coronéis», de Peter Ustinov está sendo aplaudido pelo público madrileno que também aprecia «A selvagem», de Anouilh e a açucarada «A Importância de Chamar-se Ernesto», de Oscar Wilde.

Movimento

DEPOIS do espetáculo que dirigiu no Teatro Municipal (no Festival de Arte do Rio de Janeiro), Bibi Ferreira ativa os preparativos para a constituição de sua companhia. Bibi vai organizar elenco permanente para uma longa temporada por diversas cidades brasileiras. A estréia de Bibi Ferreira e sua nova companhia de comédia será em São Paulo, na primeira semana de Janeiro de 1954, com um dos grandes sucessos da jovem atriz e diretora — «A Herdeira», peça ainda desconhecida do público paulista. Da capital bandeirante, Bibi seguirá para Belo Horizonte.

★

«OS ARTISTAS UNIDOS» vão fazer um lançamento na sua atual temporada no Teatro República. Animados com o êxito de seus espetáculos (que são remontes de antigos sucessos) os empresários Carlos Brant e Hélio Rodrigues oferecerão ao público do Rio a estréia de um original inédito em nossos palcos. Trata-se da comédia DAQUI NÃO SAIO, tradução de «J'y suis... j'y reste», de Jean Valmy, que tem sido um grande sucesso parisiense. E' uma comédia muito divertida, de grande êxito popular — nos disse Carlos Brant.

ESTRÉIA

O Teatro dos Novos

(no Teatro de Bôlso)

• A estréia do "Teatro dos Novos" assinala mais um grupo de teatro experimental que se lança em bases profissionais, de maneira auspiciosa, numa temporada que oferece três peças em um ato de autores diferentes: Machado de Assis, Chekov e André Roussin. O elenco é constituído pelos jovens intérpretes Maria Matos, Celme Silva, Narto Lanza e João Loredo com a direção dividida entre o sr. José Maria Monteiro e a sra. Nina Ranevsky (Chekov) e cenários assinados pela pintora Lígia Clark e cenógrafo Nilson Pena. A correção e o bom nível do espetáculo merecem o estímulo e o aplauso do grande público. Na foto, Maria Matos e Celme Silva, em "Mexericos à 1880", de Machado de Assis.



AGUARDEM

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954

UM manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

●

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.

●

MAL DE HERANÇA

UM BELÍSSIMO ROMANCE

ÊLE CRESCERÁ

UMA ENCANTADORA COMÉDIA, PARA SER REPRESENTADA.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO.

Semana ASTROLÓGIC

Indicações do seu horóscopo entre 28 de novembro e 4 de dezembro de 1953 — (Hemisfério Sul)

— SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor vai ter um período desfavorável. indeciso, tomado de dúvidas, desencorajado, sem o necessário ânimo resolver os problemas que lhe forem propostos. Reaja como puder, evitar um mal maior.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — As condições de sua vida particular e do doméstico, poderão ser inteiramente remodeladas. Felizmente o que tecer em tais setores, será para melhor e terá um reflexo salutar só seu futuro.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não solicite favores ou a ajuda de quem que seja, no novo período. Sua posição é a mais desfavorável, e sentido. Em resposta do que pedir não conseguirá mais do que humilhante negativa.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Pequenos fatos da vida doméstica, multiplic tomarão todo o seu precioso tempo, não lhe deixando vagas para ocup mais úteis. O novo período não favorecerá qualquer das suas aspir Aguarde uma oportunidade melhor para agir.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua vida conjugal ou marital corre perigo. O la ameaçado de profundos desentendimentos, podendo dar-se, até mesmo, separação. O ambiente astral predispõe a discórdias, a desforços f tumultos e a tempestuosas discussões.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Um ótimo período terá o leitor, na semana ent Os astros lhe beneficiarão as iniciativas e as atividades profissionais, fa uma espécie de multiplicação dos lucros que obtiver. A semana se chance, em todos os sentidos.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — As questões sentimentais estarão mal amparadas no momento, uma predisposição que se transformará, no próximo pe num sentimento de oposição ao outro sexo. É melhor prevenir do remediar.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Tire o maior proveito da execelente oportu que lhe vai ser oferecida. Os negócios que empreender serão muito tivos. Não haverá margem para prejuízos. Suas iniciativas serão recebidas e frutificarão.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor vai ter uma semana regularmente mentada, sem ser, contudo, muito favorável. Os rendimentos serão medi Não confie nos negócios muito vantajosos.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana política, no seu caso, prenun agitada. Evite discussões na espécie e não compareça a comícios, reu etc. Na vigência do novo período o leitor terá ameaçada até a p liberdade.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Tenha a maior prudência em tudo o que pois o ambiente dos astros o predisporá a excessos. Seus negócios co de modo satisfatório se fôr observada a recomendação que lhe fazemos

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Sua posição diante dos astros não lhe dará me oportunidades. Não requeira nas repartições do govêrno, nos próximo dias, nem abra demanda de natureza judicial. Sua chance estar especulações.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro	28	—	Eurico	—	Iclêa
"	29	—	Suetônio	—	Jacir
"	30	—	Getúlio	—	Eudócia
Dezembro	1	—	Cássio	—	Luzia
"	2	—	Leôncio	—	Amélia
"	3	—	Vicente	—	Cláudia
"	4	—	Dalimácio	—	Clementina

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro	28	—	5º - 58' - 9''	(Signo do Sagitário)
"	29	—	6º - 58' - 56''	(" " ")
"	30	—	7º - 59' - 45''	(" " ")
Dezembro	1	—	9º - 0' - 35''	(" " ")
"	2	—	10º - 1' - 26''	(" " ")
"	3	—	11º - 2' - 19''	(" " ")
"	4	—	12º - 3' - 13''	(" " ")

GETÚLIO VARGAS:

amarrado ao Obelisco desde 30.

● Doutor Getúlio é o mais famoso gaúcho de todos os tempos, antes e depois de Tiaraju. Militar frustrado, tentou a advocacia, mas foi na política que se ajeitou para tôda a vida. Discípulo dileto do dr. Borges de Medeiros, aprendeu com o velho caudilho a se manter no poder e, hoje, dr. Borges é pinto na frente do aluno. Do govêrno gaúcho veio para o plano federal, com a revolução de 30, gostou do clima carioca e do poder, resolveu se instalar no Catete e dali só saiu em 1945, um tanto às pressas. Mas voltou calmamente cinco anos depois, após um longo e pachorrento descanso em sua estância de Itu. É fazendeiro abastado, dono de muitas fazendas, ovelhas, bois e vacas. Caudilho de novo tipo, usa a rasteira em vez da lança, o golpe ao invés do combate frente a frente. Dono de um riso que é caricatura nacional, dr. Getúlio vem rindo sempre por êste país, em todos os momentos, mesmo naqueles em que a situação pede mais chôro do que risada. Criador de várias famosas instituições nacionais, como o Tribunal de Segurança Nacional e o Departamento de Imprensa e Propaganda. É «imortal» graças à Academia Brasileira de Letras, costuma dizer que não guarda raiva de ninguém, mas, em compensação, também não é de muitos amôres.



OS GAÚCHOS FEDERAIS

GETÚLIO GOVERNA, (OU DESGOVERNA), ARANHA FALA BONITO, ADÃOZINHO FAZ "GOAL" LEWGOY SE FINGE DE MAU E MASCARENHAS DE MORAIS FOI HERÓI DE UMA GUERRA DIFÍCIL. — MAS ÉRICO VERÍSSIMO, QUE DETESTA OS CARIOCAS, SÓ PASSA PELA CÔRTE A CAMINHO DOS ESTADOS UNIDOS

Reportagem de EVANDRO MENDONÇA

● *Depois de 1930 a federalização do gaúcho foi um fenômeno, incontrolável. Êles não chegaram exatamente a amarrar seus "pingos" no Obelisco, mas passaram, com uma rapidez inédita, a ocupar quase todos os postos importantes dêste país. Antes tinham vindo os do Norte, tangidos pela sêca, pela fome, pela miséria ou simplesmente pela aventura. Mas há 13 anos a constante mudou. Os gaúchos começaram a vir mais numerosos, palradores, de bombachas e cigarro palheiro. A sêca não os tocou, nem a miséria. Vieram para ficar gordos, sadios e risonhos.*

Hoje se a gente olha em todos os setores das atividades brasileiras, encontra sempre um gaúcho. São unidos, solidários e, se dando as mãos, se transformaram numa colônia coesa e forte. São também simpáticos e insinuantes; quase todos inteligentes e boêmios. São militares, advogados, médicos, jornalistas, artistas, escritores, comerciantes, playboys, gigolôs e engenheiros. Há, entre êles, de tudo, inclusive um presidente da República, e a grande maioria é nacionalmente famosa. Quase sempre foram revolucionários ou esperam ainda uma revolução para soltar o cavalo nas cochilhas. É difícil escolher dentre êles uma dezena mais representativa, cada um no seu setor. Porque há dezenas de candidatos. Mas os que vão nestas páginas representam muito bem o gaúcho federal, muito embora alguns dêles fujam do tipo exatamente do após-30, porque êstes ainda estão sendo julgados.

OSVALDO ARANHA:

federal, quiçá internacional.

● Dos gaúchos de 30, Osvaldo Aranha parece ser o mais inteligente. De cigarro caído no canto da bôca e cabelo na testa, Aranha tem atravessado incólume êsses 23 anos de vida política. Mas agora não fuma mais. Foi o impulsionador da revolução de 30 e quando Getúlio ameaçava fraquejar, Aranha dava uma fisgada, o que obrigava Vargas a dar mais um pulinho pra frente. Bom orador, alto, simpático e insinuante, Aranha já foi tudo neste país, com exceção de presidente da República, o que parece ser seu desejo agora. Ministro das Relações Exteriores, ministro da Justiça, ministro da Fazenda, embaixador, ex-presidente da O.N.U., é um dos poucos brasileiros que têm realmente prestígio internacional. Consegue ficar sempre por cima, agradando a gregos e troianos. Serve a Getúlio e é homem da confiança das oposições e, quando Vargas precisa de uma pessoa para remendar desatinos e consertar disparates, manda buscar Aranha, correndo. Agora, no Ministério da Fazenda, idealizou e pôs em prática um complicado plano para conseguir divisas para o país, vendendo dólares em leilão. Se o plano der certo, Aranha terá dado o primeiro passo em direção à presidência da República.



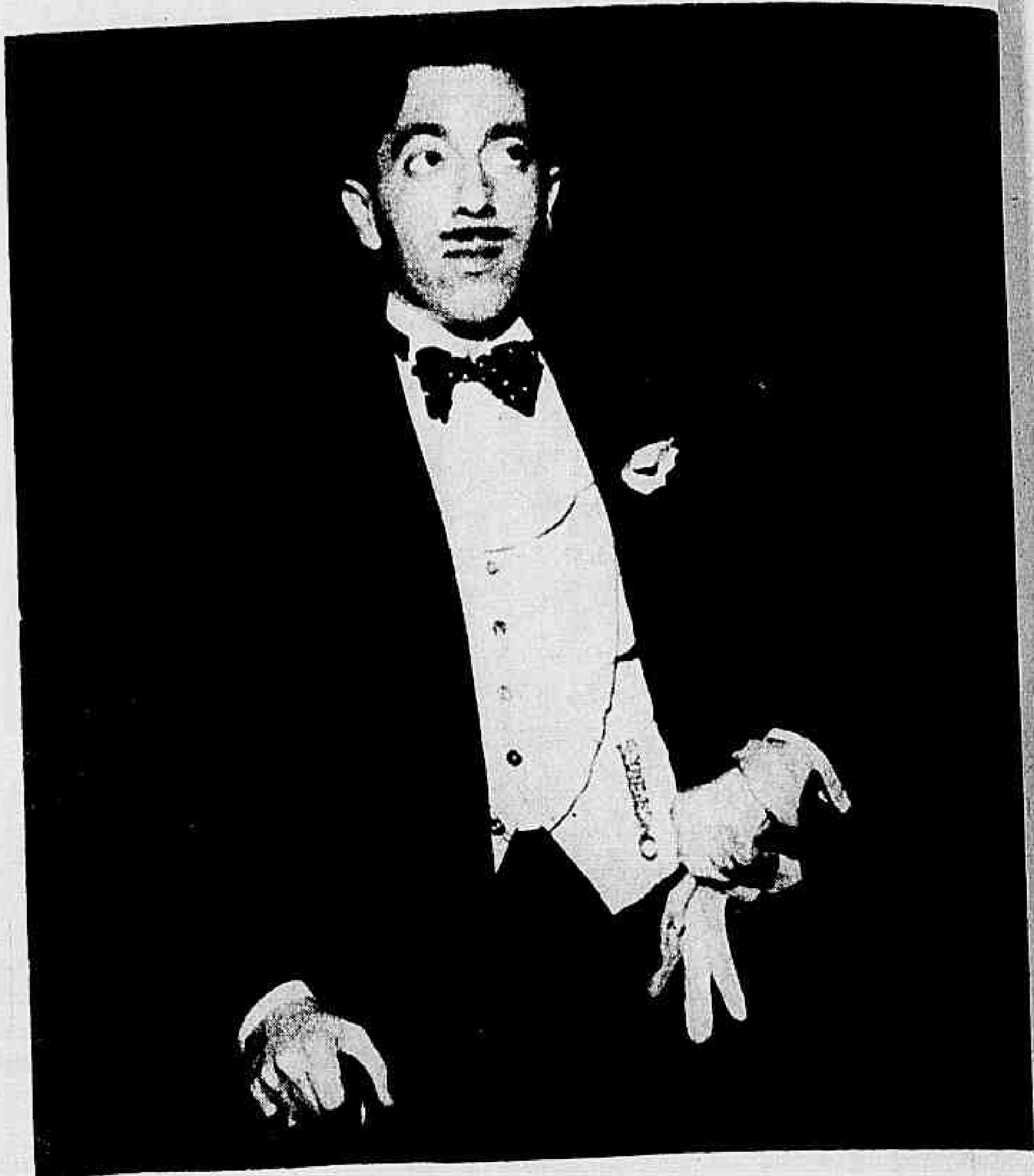
Os gaúchos federais



ÉRICO VERÍSSIMO:

ganha para escrever e paga para pintar.

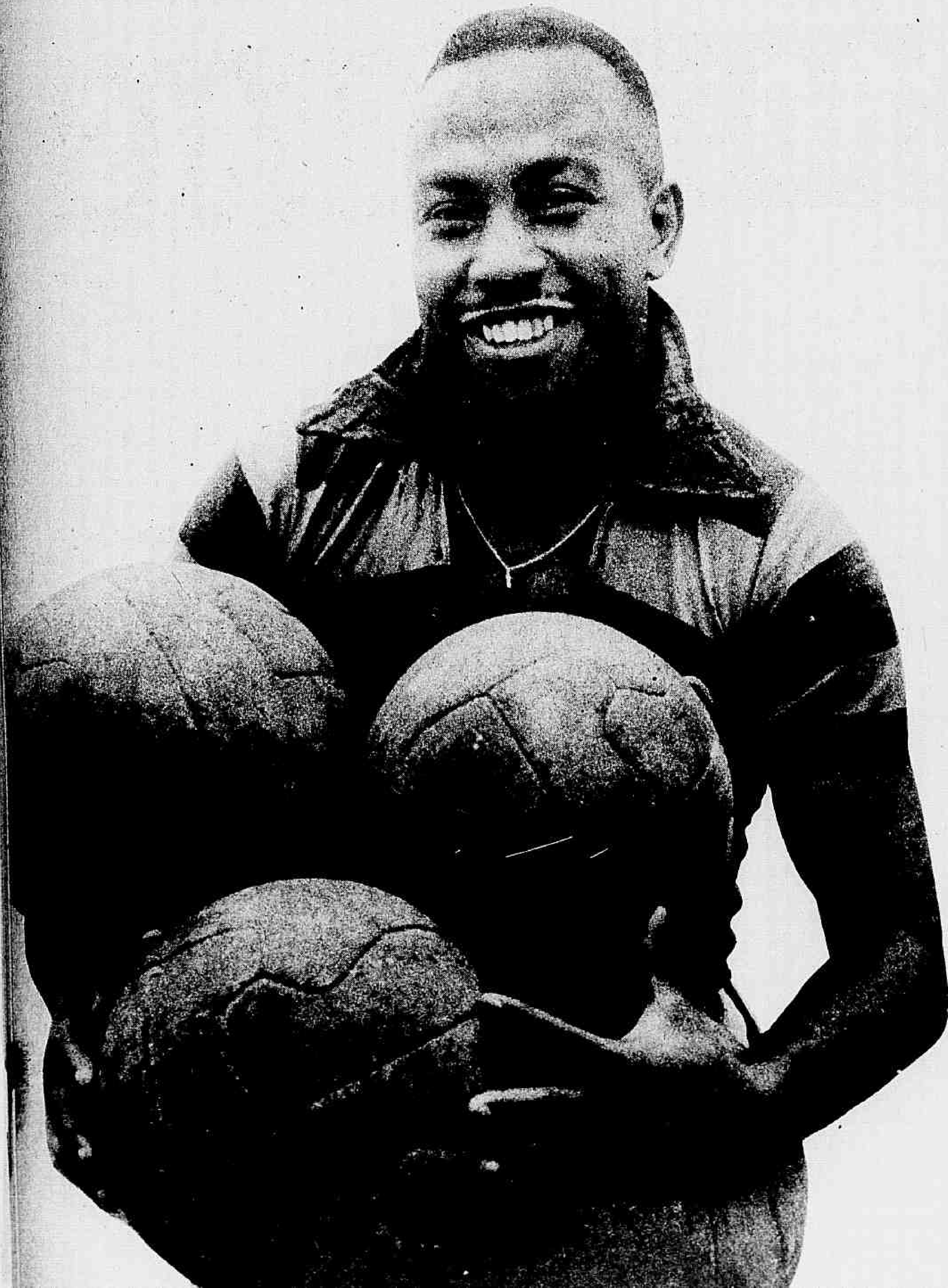
● Filho de tradicional família (seu avô é estátua numa praça da cidade de Cruz Alta, região serrana do Rio Grande do Sul), Érico Veríssimo é o mais famoso escritor gaúcho e o romancista mais lido do país. Sofre da vesícula, não come chocolate e sua comida segue uma receita nunca desobedecida. Não bebe, não fuma, não joga. Mas dança, e é um dos maiores conhecedores de música no Brasil, dono de vastíssima discoteca. Pai de dois filhos, é homem caseiro, caladão e conservador. Não gosta de escrever, mas escreve muito porque vive exclusivamente do que rendem seus livros. Foi professor em vários colégios gaúchos e é conferencista de grande público. A crítica faz restrições ao romancista, acusando-o de escritor para moças, o que de certo modo irrita o sereno Érico Veríssimo. Trabalhou num armazém de secos e molhados, depois foi dono de uma farmácia (faliu) e por fim resolveu viver sòmente da profissão de escritor. E vive bem: tem casa própria, automóvel, embora garanta que não tenha um tostão guardado. Trabalhou no rádio, onde fêz um programa infantil de muito sucesso. Visitou duas vêzes os Estados Unidos (dois livros: «Gato Prêto em Campo de Neve» e «A Volta do Gato Prêto») e agora lá voltou, pela terceira vez, como adido cultural do Brasil. É meio americanizado e gostaria de viver a vida dos Estados Unidos: adora o «blue», o «boogie-woogie» e a Coca-Cola. Não tem inimigos, escreve e recebe muitas cartas, gosta de ajudar os novos, pretende escrever para o teatro e o cinema, detesta futebol, é socialista moderado e pintor nas horas vagas.



JOSÉ LEWGOY:

foi «chomeur»; vai ser Tenório.

● Lewgoy se especializou, no cinema, em pa[…] de vilão, tornando-se um nome famoso em to[…] país. Considerado por muitos como o mais t[…]toso ator do cinema brasileiro, Lewgoy é um [...] nossos poucos atores que sabem o que é cin[…] e teatro. Vem do Teatro de Estudantes de P[…] Alegre, onde atuava com o nome de Sa[…] Legay. Trabalhando na «Editôra Globo» como [...]nejador artístico, Lewgoy conseguiu uma b[…] de estudos para aprender teatro na Universi[…] de Yale. Feito o curso, voltou ao Rio Grand[…] Sul, mas deixou a «Globo». Veio para o [...] passou fome, dormiu nas barcas da Canta[…] até que conseguiu um lugarzinho num filme [...] Atlântida, com Oscarito, Anselmo Duarte e Eli[…] Ganha a oportunidade, Lewgoy revelou seu ta[…] e hoje é um dos artistas mais disputados p[…] estúdios nacionais. Poliglota, cabotino e in[…]gente, José Lewgoy espera ainda dirigir fi[…] brasileiros e é dono de argumentos que u[…] um dia. Elegante e boêmio, fará a figura [...] Tenório Cavalcânti num dos seus próximos fil[…]



ADÃOZINHO:

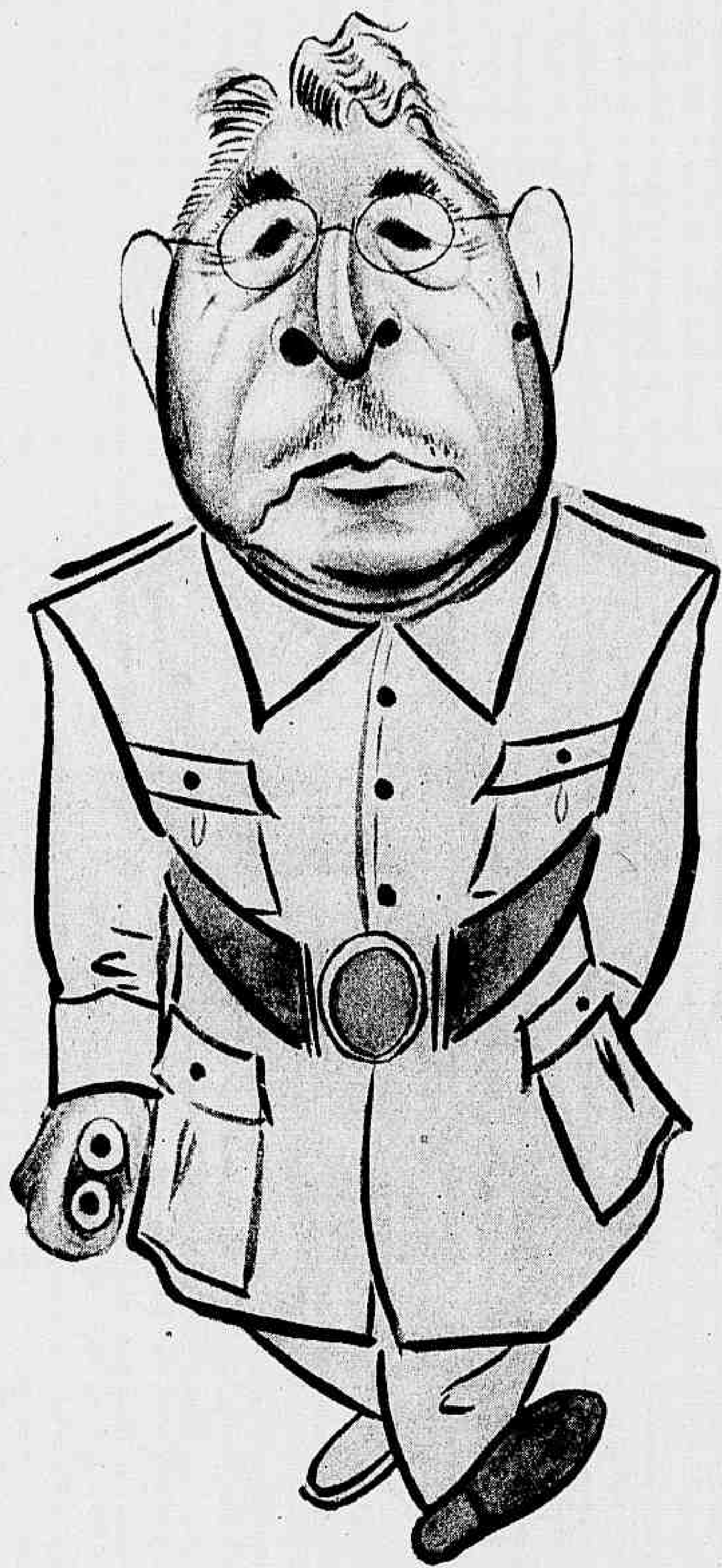
não faz mais «goal», mas ainda é federal

● Gordinho, baixinho, ágil e veloz, Adão[…]neles foi um dos mais famosos craques do f[…] brasileiro. Veio de Pôrto Alegre, onde, no [...] nacional», foi um ídolo autêntico. Várias [...] campeão gaúcho, sempre teve sua posição [...] centro-avante garantida nos selecionados dos [...]pas. Formou no mesmo quadro onde for[…] outros gaúchos famosos: Tesourinha, Ávila e [...] Seguidamente foi solicitado por clubes do [...] São Paulo, mas nunca pôde sair do Rio G[…] do Sul, onde era uma espécie de patrimônio [...]tivo. Até que uma «cantada» mais forte do [...]mengo, através uma grande transação finan[…] conseguiu trazer Adãozinho para o Rio. Sua t[…]ferência causou crise no seio do seu ex-clube [...] do próprio futebol gaúcho. No Rio, teve ini[…]mente um sucesso estrondoso. Fazia tentos [...] tôdas as maneiras e distâncias. Mas depois [...] algumas escaramuças com Flávio Costa, andou [...] alto e por baixo. Finalmente, ainda em gr[…] forma, foi vendido a um clube do interior pa[…] Embora longe do Rio e no declínio da car[…] Adão Dorneles continua sendo o nome mais le[…] dos craques de futebol vindos do Rio G. do [...]

CA[…]

vinho[…]

● É[…] «pint[…] ajeito[…] vivac[…] Urca[…]



JOÃO GOULART:

os amigos acham que êle vai de minuano em pôpa.



● O ministro de 35 anos puxa (pouco) de uma perna, é odiado por inimigos ferozes e endeusado por outros tantos amigos do peito. Jango Goulart é o grande assunto político do momento, primeira página nos jornais da oposição e da situação. Advogado, economista, criado e nascido no mesmo município de Getúlio (seu pai, o cel. Vicente Goulart, foi grande amigo da família Vargas), João Belchior Goulart entrou na política em 1945, quando o Ditador foi deposto. Era totalmente desconhecido até mesmo em sua terra natal, e apareceu ruidosamente na campanha eleitoral de Getúlio. Instalou-se em Itu, ao lado do chefe, e de lá saiu para o Catete. Ali, dividiu com Gregório Fortunato a glória de ser o homem mais chegado a Vargas. Milionário, estanceiro de muitas terras e de muitas cabeças de gado, empenhou-se ardorosamente na campanha do chefe. Eleito deputado federal, quase não aparecia na Câmara. Seu lugar de ministro estava assegurado, mas teve de esperar pacientemente. Getúlio experimentou Danton e Segadas e, por fim, colocou no Palácio do Trabalho seu jovem amigo. A oposição não lhe perdoou a ousadia, mas Jango não tem dado muita importância à grita. Acusado de fazer política peronista, o Ministro continua agitando o país de norte a sul, organizando congressos sindicais, derrubando e ressuscitando «pelegos», apoiando e desmanchando greves, aplaudido e vaiado por amigos e inimigos. Sua claque é tão grande que seu nome foi lançado como possível sucessor do chefe. Jango não diz nada, o que demonstra que é um discípulo aplicado.

MASCARENHAS DE MORAES:

continua comandante da F.E.B.

● **Mascarenhas de Moraes é o quinto marechal filho da cidade de São Gabriel. Os outros quatro são: Hermes da Fonseca, Fábio Azambujá, Mallet e Mena Barreto. Comandante em chefe das Fôrças Expedicionárias Brasileiras que lutaram na Itália, o Marechal é a maior figura de militar brasileiro. Honesto, caladão, modesto e cumpridor de seus deveres, continua no serviço ativo do Exército e está atingindo a casa dos 70 anos. Sempre se manteve afastado das injunções políticas e da política de grupinhos. Sua autoridade no meio da tropa é enorme, mas o Marechal nunca fêz alarde de seu prestígio. Sêco, não gosta de dar entrevistas e é pouco fotografado. Mora numa casa na Bôca do Mato, aonde vão, principalmente aos domingos, os verdadeiros amigos e os veteranos da FEB. É comandante e pai dos ex-«pracinhas». E já foi convidado quatro vêzes para ser ministro da Guerra, mas não no momento (no seu regresso da campanha da Itália) em que deveria sê-lo.**



CARLOS MACHADO:

vinho, música e mulheres.

● É o mais vivo gaúcho sôbre a terra. Boa «pinta» (já foi melhor), bem penteado e bem ajeitado, Carlos Machado é um prodígio de vivacidade. Regeu a orquestra do Cassino da Urca durante anos sem conhecer sequer uma nota musical e sem tocar instrumento nenhum. Na frente dos músicos, de batuta na mão, impressionava à distância. Antes, fôra dançarino de prestígio internacional. Dançou com Mistinguete e rodou pelos cassinos e «cabarets» de tôda Europa. Até dar com os costados no Rio. Hoje é dono de duas «boites», a «Casablanca» e o «Monte Carlo», possui leões de chácara fortíssimos, tem prestígio nos jornais, proibe a entrada em seus estabelecimentos a cronistas que lhe desagradam e tem um ôlho mágico para descobrir mulheres bonitas para seus «shows». Usa longa piteira, o relógio na parte anterior do pulso e, para consultar as horas, eleva o braço a um metro de altura. É antipático a primeira vista, e para todo o sempre.



MANOEL BARCELOS:

um «pé-de-boi» distinto.

● Manoel Pancinha Barcelos é de Pelotas (o que traz escrito na cara), e é filho de uma dos mais importantes famílias da cidade. Trabalhou na Rádio Cultura local, fêz depois um estágio em Pôrto Alegre e veio tentar a sorte no Rio. Quis usar o sobrenome de Pancinha, mas foi aconselhado pelo jornalista Rivadávia de Souza a matar definitivamente o dito sobrenome. Hoje é o locutor e produtor que mais ganha no rádio brasileiro, é quase milionário, seus programas rendem milhões e é um homem de inegável prestígio no rádio. Vai-se candidatar a vereador pelo Distrito Federal e se os ouvintes que nos auditórios batem palmas ruidosas forem eleitores, Barcelos será eleito. É dono de uma belíssima casa nas Laranjeiras e de um «cadilac» que êle próprio dirige.

É boêmio, mas bebe pouco e tem cara de bebê chorão quando ri. Elegante, é contudo um homem de trabalho. Graças a êle, a Associação Brasileira de Rádio é hoje uma das mais importantes associações de classe do país.

TITO: Enquanto acumula legiões, na fronteira, fala ameaçadoramente exigindo solução urgente (e iugoslava) para o caso de Trieste.

PARA UM JORNAL FRANCÊS, O INFLAMADO PÔRTO DO ADRIATICO É "UM DANTZIG PELO QUAL NINGUÉM QUER MORRER". — TITO DISPOSTO A AGIR PELA VIOLÊNCIA OU APENAS PREOCUPADO EM INTIMIDAR O MUNDO, NUM SENSACIONAL "BLUFF"?

Iugoslavos e italianos beliscam-se na fronteira

Pode começar em Trieste a terceira guerra mundial

ROMA e Belgrado acabam de remexer em seus «dossiers», suas diferenças tradicionais sôbre Trieste. O incidente se reproduz periòdicamente. A primeira vez o mundo se inquietou. Agora se apresenta **blasé.** As chancelarias proporcionam conselhos de moderação, pedem provas de boa vontade, mas não se afobam mais. Trieste é para a Europa do sueste, o que Dantzig foi para a Europa do nordeste. Mas, pelo atual Dantzig, ninguém está disposto a morrer. Sucede, porém, que êste pedaço de terra está incomodando todo mundo e promete continuar a incomodar por muito tempo. A cidade é indiscutìvelmente italiana, com sua vida econômicamente ligada à Itália. Ao terminar a segunda grande guerra mundial, os «Quatro Grandes», França, Estados Unidos, Inglaterra e URSS, acreditaram ser possível dar fim ao problema. Puderam apenas chegar à criação de um território para o qual devia ser designado um governador ou administrador neutro, mas nunca puderam estar de acôrdo com a personalidade dêsse personagem. Cansados de discutir o caso, sem resultado, decidiram convidar a Itália e a Iugoslávia para que, de comum acôrdo, resolvessem a questão entre elas. Entretanto, o discurso-programa pelo qual o sr. Pella apresentou há um mês as diretrizes de seu novo govêrno, e a alocução pronunciada por Tito diante dos antigos «partisans» iugoslavos mostram que a situação ainda está muito distante.

A INTRIGA NASCE DOS TRATADOS

O território livre de Trieste foi criado pelos artigos 21 e 22 do tratado de paz entre os aliados e a Itália e assinado em Paris a 10 de fevereiro de 1947. O estatuto permanente estipula que o território será desmilitarizado e declarado neutro. O italiano e o esloveno serão ali línguas oficiais. Um sistema monetário próprio será instituído, bem como um pôrto franco. Enquanto isso não era realizado, o território, que tem 717 quilômetros quadrados, foi dividido em duas zonas de ocupação: ao norte, a zona «A», também conhecida por BUSZ (British-United States zone), controlada e ocupada pelos inglêses e americanos; e ao sul a zona «B», ou «JAZ» (Iugoslávio zone), sob contrôle iugoslavo. A zona «A» engloba a cidade e o pôrto de Trieste. Conta cêrca de 310 mil habitantes, dos quais uns 250 mil são italianos. A zona «B» agrupa 75 mil habitantes, dos quais a metade é de eslovenos, portanto, de iugoslavos.



TRIESTE: «Um Dantzig pelo qual ninguém quer morrer».

TRIESTE DERRUBOU DE GAS

Trieste tem duas faces inco dìveis: a cidade e o pôrto. abrigada ao fundo do seu ao extremo norte do Adriáti pôrto se coloca ao pé de v colinas nas encostas dos c fortes dos Alpes julianos e montes da Istria. A cidade foi truída em anfiteatro, segun sistema mediterrâneo, oferec sensível contraste entre a cidade de ruelas sinuosas e rescas, e a cidade nova, com vias retilíneas. O clima, sêco, fluenciado pela «bora» fria q pra do norte, e pelo «siroc caldante, vindo do sul-sudest nhum rio desemboca ali; n um confluente de três mund latino, o eslavo e o germânic por ali que o âmbar do B atingia o Mediterrâneo.

Em março de 1948, às vésp das eleições que deviam a as esperanças comunistas e ao poder o democrata cristão de de Gasperi, os «Três» oc tais, Londres, Paris e Washing anunciaram em Turim, que Tr devia voltar a ser italiana. Tito ainda o queridinho de Mosc do Kominform. A 28 de julho mesmo ano êle rompia brusca te com a URSS. A situação m va de aspecto. A teoria pura e ples do retôrno à Itália era s tituída pelas negociações bi rais diretas entre Roma e Belg

JÚLIO CÉSAR CHAMAVA-A TERGESTEUM

Trieste (Trst em esloven muito velha. Julga-se ter no segundo século antes de C provàvelmente fundada pelos gos. Júlio César a anexou

nome de Tergesteum. Sendo grande encruzilhada comercial, estêve sob o poder do império bisantino. Carlos Magno, mais tarde, a anexa, por sua vez e a converte no pulmão adriático do império do Ocidente. E' cidade livre sob o Santo Império Romano Germânico, de Carlos V. Em 1809, no dia seguinte a Wagram, Napoleão a anexa ao Estado da Illyria, criado por êle. Em 1816 a Illyria se torna efêmero reinado, que, dentro em pouco faria parte dos domínios da Áustria dos Habsburgos.

A cidade pouco sofreu com os raides aéreos; mas muito sofreu com os combates de rua. Não obstante, a vida ali se normalizou. Uma vida especial, artificial que explica presenças simultâneas de agitadores cosmopolitas, de numerosas tropas e de uma polícia menos numerosa. Uma vida alimentada pelos espetáculos, bares, casas de jôgo, e, especialmente, pelo contrabando, segundo se diz, de ópio, cocaína e armas. As ruas, geralmente calmas, tornam-se, de súbito, campos de breves e rudes batalhas. Sôbre os muros vizinhos, vêem-se gigantescos retratos de Tito e inscrições com êstes dizeres: «Abaixo os bárbaros vermelhos». Sucede que, às vêzes, há tiros nos conflitos. A polícia internacional intervém, então, e com energia particularmente enérgica e necessária.

TITO «ANEXA» TRIESTE EM 1945

Foi, em grande parte, para recuperar Trieste, que, em 1915 a Itália se passou para o campo aliado. Sua posse lhe foi prometida pelo acôrdo secreto de Londres (28 de abril de 1915), o qual precedia e condicionava sua entrada na guerra. Isso foi realizado pelo tratado de Saint-Germain (10 de setembro de 1919), e confirmado pelo de Rapallo, de 12 de novembro de 1920, com o jovem reino iugoslavo.

A primeiro de maio de 1945 os iugoslavos entram em Trieste. No dia seguinte são os néo-zelandeses. No mesmo dia Tito anuncia a anexação. Êle não esquecera que 600 mil iugoslavos foram anexados pelos tratados de 1919 e 1920. A proclamação ficou por isso mesmo. A 9 de junho o território contestado era dividido em duas zonas modificadas pelo tratado de 10 de fevereiro de 1947.

●

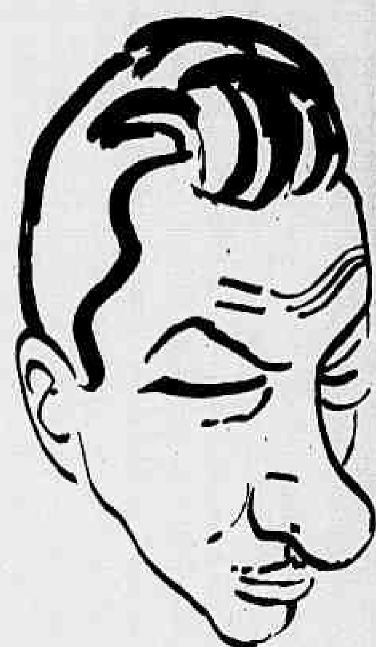


GIUSEPPE PELA: Levado ao poder como conseqüência de uma reação do povo italiano contra a interferência da embaixatriz Luce, poderá ser derrubado pela crise triestina.

NOTÍCIAS

Cinema

NEWTON COUTO



Procópio Ferreira

● Alinor de Azevedo, cujo nome está ligado a algumas das mais significativas produções do cinema nacional, foi contratado para integrar o departamento de argumentos da Multifilmes. Assim, superados os mais prementes problemas de caráter organizativo, esta produtora cinematográfica dedica sua atenção aos argumentos a serem aproveitados, confiando seu tratamento a elementos nacionais competentes e de grande experiência cinematográfica. Contemporâneamente está sendo realizado um amplo trabalho de seleção entre as centenas de argumentos recebidos: os que forem considerados dignos de serem filmados são adquiridos e logo depois entram em tratamento, realizado por um ou mais adaptadores, cujo trabalho passa por nova revisão, antes de entrar na fase do tratamento final.

● Por sugestão de Procópio Ferreira, a Multifilmes adquiriu os direitos de filmagem do conto «Santo Antoninho», de autoria do conhecido escritor Afonso Schmidt. O respectivo tratamento já está sendo realizado e o argumento em aprêço constituirá uma das próximas produções da Multifilmes. Trata-se de uma história humana, cuja comicidade surge dos acontecim[entos] diários e será filmada sob o título «Grande Natal», tendo como in[tér]prete principal Procópio Ferreira, popular ator dos palcos e do cin[ema] brasileiro, cumprirá assim seu co[ntra]to, que prevê sua participação [em] três filmes por ano, nos estúdios [de] Mairiporã.

METROSCOPICS

TODOS estão lembrados, que em 1935, mais ou menos, a "Metro" andou exibindo uns "shorts" a que batizou de "Metroscopics", onde eram apresentados os primeiros efeitos do relêvo no cinema. Pois bem, como ela agora anda usando de todos recursos para assaltar a bôlsa do público, resolveu fazer uma reapresentação dêstes "shorts", mas ao invés de fazê-lo com honestidade, vem apresentando-nos como se houvessem sido transformados na verdadeira terceira dimensão, sistema "polaroid", porque êstes mesmos "shorts" exigem o uso de óculos (verde e vermelho), visando com isso tapear melhor o público, que está afluindo em grande escala, aos seus cinemas, a ponto de um filme como "Campo de Batalha" dobrar segunda semana.

Onde andam nossas autoridades, que não vêem êsses assaltos, que estão criando no espírito do público uma idéia falsa da terceira dimensão? O certo é que o público continua sendo lesado, e a "Metro" está enchendo os seus cofres... É para se perguntar: Qual será o seu próximo "golpe"? Esperemos...

● Maria Vidal, a querida atriz [da] TV, é inimiga de tôda e qualquer [pu]blicidade sôbre seu nome, mas me[smo] assim de tão conhecida, não co[nse]gue evitar os efeitos da popularid[ade] e continuamente se vê abordada [por] «telefans», ansiosos de obter seu [au]tógrafo. Outro dia, comentando a [úl]tima simpática «agressão» um conh[ecido] do disse a Maria Vidal: — «Se está acontecendo isso, apesar dos [al]tos preços dos receptores de televi[são], imagine o que acontecerá depois [de] ser exibido «A Sogra», com os b[ilhe]tes de cinema a apenas dez cruze[iros]»

● Ademar Gonzaga, o veterano [ci]neasta brasileiro, cuja atividade [em] prol da sétima arte lhe procurou [mui]tos invulgares e cujo exemplo de [amor] ao cinema levou dezenas de jove[ns a] segui-lo nesta atividade será, co[m o] inglês Harry Hand, um dos prod[uto]res executivos da Multifilmes. [Com] efeito, Mário Civelli, no intuito de [dar] à Multifilmes realizações cada vez [mais] variadas e numerosas, decidiu vale[r-se] da grande experiência de Harry H[and] e de Ademar Gonzaga, dando[-lhes a] função de produtores executivos, [com] ampla autonomia na escolha dos [ar]gumentos entre aquêles que já f[oram] aprovados pelo departamento de [ar]gumentos e pela direção geral [da] produção.



Em um intervalo das filmage[ns de] «Geleiras do Inferno» (Island [in] the Sky), John Wayne ri da pi[ada] anedota que contou a William W[ell]man (o diretor) que não achou [gra]ça nenhuma e Andy Devine [que] acompanha Wayne em sua ale[gria].

VEREMOS BREVE

Tributo de sangue

(The Turning Point)

● Enquanto aguarda do lado de fora da sala de cirurgia de um hospital, Jerry MacKibbon (William Holden) recorda os acontecimentos que culminaram com o atentado contra John Conroy (Edmund O'Brien), agente especial encarregado pelo governador para destruir um poderoso sindicato do crime, sob a chefia de Neil Eichelberger (Ed Bagley). Sòmente por um capricho do destino Jerry escapara para ser atirado no lugar de Conroy. Êle e John haviam-se criado juntos num dos bairros pobres da cidade, onde o pai de John era policia. Tendo que fazer uma crônica sôbre a vida de Conroy, Jerry recorda a carreira do amigo com ceticismo, apesar de reconhecer sua sinceridade de propósitos. Mas Fogel, o agente distrital que está ajudando John nessa emprêsa, não pode competir em esperteza com Neil, cuja companhia especializada em trapaças é um império de duzentos milhões de dólares. Êle é um criminoso muito sutil para ser apanhado fàcilmente pela lei.

Conroy está mais triste do que zangado com o que Jerry escreve, mas Amanda (Alexis Smith), namorada de Conroy, pensa que o repórter é um tolo e não perde vaza em atacá-lo com ironias tôdas as vêzes que se encontram. Jerry percebe que Conroy está mais apaixonado por ela do que ela por êle. Nesse meio tempo, Matt Conroy (Tom Tully), pai de John, é promovido a Investigador Chefe e Jerry é o único que sabe que o velho, apesar de sua devoção para com o filho, está trabalhando para o bandido Neil, usando como intermediário a Eamon Harrigan. Sabendo que John Conroy nunca perdoaria a seu pai se soubesse de tudo, Jerry guarda segrêdo. Amanda desconfia que Jerry está escondendo algo, e acusa-o de esconder fatos de importância para as investigações. Suspeitando que Matta havia ajudado a Neil a aterrorizar uma importante testemunha de um crime por êle cometido, Jerry convence a Amanda de que nada sabia, mas recebe da sra. Manzinates a prova de que fôra intimidada por dois capangas de Neil. Com essa prova nas mãos, êle arranca uma comissão de Matt. O velho policial conta a êle que, há anos atrás, vira-se envolvido com Neil e nunca mais pudera livrar-se. Jerry consegue penetrar, com a ajuda de Matt, no reduto de Neil, descobrindo em um arquivo provas suficientes para condenar o bandido. Tira cópias fotostáticas das provas, mas Neil desconfia de Matt e mata-o. Para despistar a polícia mata também um ladrão conhecido, chamado Garcia. Jerry é o único que suspeita da Morte de Matt e consegue convencer a Clint, um inspetor de polícia amigo de Matt.



Uma cena do filme «Tributo de Sangue», da Paramount Pictures, onde figuram William Holden, Alexis Smith e Edmond O'Brien.

No entretanto, Jerry e Amanda apaixonam-se irremediàvelmente, mas não desejam ferir Conroy em seu amor por ela. Para surprêsa de Neil, Conroy descobre ràpidamente várias provas contra êle, inclusive discos comprometedores e, para destruí-los, o bandido faz explodir um edifício. Conroy, desalentado, está quase desistindo, quando Jerry, contando-lhe a verdade sôbre a morte de Matt, incitando-o a lutar novamente. Com base na explosão, êle consegue reunir evidências bastantes para trazer Neil às barras do tribunal, tendo como acusadora uma testemunha trazida por Jerry, que é a namorada de Garcia. Neil é condenado, mas um de seus capangas contrata um pistoleiro para matar Jerry. Conroy, tentando salvá-lo, recebe um tiro em seu lugar. Agora, no hospital, Jerry recebe a grata notícia que Conroy foi salvo das garras da morte...

A Geladeira

PAULO MENDES CAMPOS



TRÊS homens, um prêto alto, um português ruivo, um baixinho. Cumprimentaram-me, lacônicos. E' esta? E'.

Rodearam-na em silêncio, examinando a peça. Como caçadores de animais de porte, estudavam a melhor maneira de subjugar o animal, de carretá-lo indefeso os quatro lances de escada.

De repente, um dêles agarrou a parte inferior da geladeira, o segundo agüentou a mão do outro lado, o terceiro fêz também fôrça para que se erguesse do chão o objeto pesado, enorme, hostil. Êsse primeiro lance foi emocional: a geladeira empinou como hipopótamo, balançou no ar, pra lá, pra cá, como um navio, pareceu que ia cair, derrotar os três homens. Êstes perneciam graves, músculos tensos, sentindo o perigo da luta, mas confiantes da vitória.

Não diziam palavra. Abraçavam-se à geladeira, cumpriam um dever de vida e de morte, dispostos a tudo.

Firme no ar, equilibrada, a geladeira começou aos poucos a perder terreno. O baixinho, aparentemente o mais frágil, retirou o pé esquerdo do chão, como quem se liberta de um ímã, com esfôrço angustiado, conseguiu um passo de quinze centímetros. Ainda que pouco se pudesse ler nas três faces, absorvidas em si mesmas com a contenção muscular, percebi que aquêle primeiro movimento, diminuto embora, significava muito e renovava a esperança dos três. Com efeito, logo depois, começaram a deslocar-se, em um ritmo lento, como em sonho.

● A quatro metros além, era a escada, aberta como um abismo. Dois dêles não podiam vê-la. O português a fitava com uma apreensão misturada com raiva.

Detiveram-se à beira do abismo. Trocaram algum sinal imperceptível, porque, sem que dissessem nada, depuseram vagarosamente no chão a geladeira. Esta, vencedora, cresceu, pareceu invencível. Branca e limpa, respirava uma delicadeza de virgem e uma estupidez de fera.



Os três gladiadores contemplaram as próprias mãos rubras cuspiram nelas para refrescá-las, esfregaram os ossos para aliviá-los.

E mudaram de tática. Dois se postaram no primeiro degrau, o outro a empurrou até a borda. Outra vez a geladeira foi erguida, outra vez procurou livrar-se das mãos que a manietavam, dar um salto, esmagar os dois homens da frente, rolar pela escada.

● Os três, no entanto, venceram o primeiro lance. Descansaram cinco minutos e venceram o segundo lance. A geladeira começava a ter o ar desfrutável dos que perdem. Eu, seu proprietário, olhava para ela com perversidade. Os carregadores, não: profissionais, eram frios, de dentro da luta não tinham essa certeza cega do resultado final.

Com a mesma paciência, o mesmo esfôrço, a mesma solenidade, suados e melancólicos, conseguiram depô-la na calçada. A rua ficou por um instante com um ar meio imoral, com ela, ali, nua, mas se acostumou depressa.

A tarefa de alçá-la até o caminhão foi mais simples do que eu esperava. Dominada, os homens agiram com prudência e recato. Amarraram-na fortemente, temendo uma fuga, e tiveram o gentil pudor de cobri-la com um pano, um trapo sujo.

Tomei o assento ao lado do motorista e segui com êles. Foi uma viagem silenciosa até minha casa.

Resistiu muito ao entrar em meu apartamento, foi preciso jeito e carinho. Mas acabou entrando e se aquietando. Ainda não se habituou à sua nova residência, mas começou logo a trabalhar com um ruído triste de máquina.

ENTREVISTA PING-PON

O nome dêle todo é Custódio José Pereira. Português de nascimento, brasileiro há 26 anos e carioca há quatrocentos. Foi em 1941, quando começou a trabalhar no «Bar e Restaurante Alcazar», no pôsto 5, que Custódio entrou em contacto direto e íntimo com a literatura brasileira, a melhor, a mais nova, que, então, fazia ponto noturno no estabelecimento, muito em moda na época. Em 15 anos de trato com os inteletuais brasileiros, Custódio formou um rol de amigos certos, que vão com êle de um bar para outro — como uma clientela de fidelidade comovente. Amigo, complacente, bem humorado, educado e discreto (quando é preciso), conselheiral, às vêzes, mas sempre ameno, Custódio José Pereira dá de beber à literatura há quinze anos. Nestes quinze anos, conheceu de perto muita gente importante, foi e é íntimo de celebridades, sabe e é personagem de histórias as mais diferentes e acabou como uma espécie de literato honorário, com trânsito livre pelos meandros do mundo das letras. Custódio é atualmente garção (graduado) do «Juca's Bar», o popular bebedouro do Hotel Ambassador, e foi lá que dêle extraímos as reminiscências, de marcante fundo social, histórico e político, que se seguem.

OS AMIGOS

Começamos por lhe perguntar quais, entre os escritores brasileiros, os que mais estima pessoalmente. Resposta:

"Eu leio muito. Leio todos, mas gu mais do Zé Lins do Rêgo, principalme dêste seu último livro, "Cangaceiro Gosto também do mestre Luís Jardim das crônicas do Braga."

Escritores, Poetas ou Sociólogos, mas todos com muita sê

Custódio dá de beber à literatura há quinze anos

Texto de MARITA LIMA

Fotos de ALBERTO FERREI

Garção das Letras e das Artes desde 1941, Custódio José Pereira acabou literato honorário, e tem endossado com o seu prestígio de bom funcionário muito «espêto» em prosa e verso ★ Foi íntimo de Mário de Andrade, dá conselhos a Rubem Braga, já acalentou Paulo Mendes Cam pos e costumava ir beber com Newton Freit depois do serviço no bar ★ Mensagem de esp rança à Inteligência sedenta de Saber: o uísqu (o verdadeiro) vai baixar de preço no próximo mê

— «Entre os escritores, os mais do peito são Rubem Braga, Vicicius de Morais, Newton Freitas e mais uma boa quantidade. Foram criados comigo, chamamo-nos de «você» e habitualmente me junto aos seus bate-papos. Há outros mais novos — acrescenta — os chamados Novos de 45, que são para mim, realmente, os Novos de 41, que foi quando começaram a aparecer pelos bares e a serem servidos por mim, na mesma mesa dos veteranos. Nesta época os meninos ainda não eram conhecidos, nem tinham cartaz. Depois foram aparecendo na literatura: Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Sérgio Pôrto, etc. Mas há também os amigões velhos, que conheço desde 1937, no tempo da «Brasileira». São José Lins do Rêgo, Luís Jardim e Lúcio Rangel que aparecia sempre. Sem esquecer os Condés, que são chegados. Depois foram surgindo Rivadávia, Caribé, etc. Muitos pileques tomamos juntos, conversando. Muitos dêstes heróis tive que levar para casa.

— Por falar em pileque, Custódio, quem foi que já te deu mais trabalho?

— Paulinho Mendes Campos. E' uma flor de menino, mas quando bebe fica brigão demais. Vira provocador e dá um trabalho desgraçado. O melhor pileque é o de Luís Jardim. Fica bem disposto e conta histórias engraçadas. Gosto muito da filosofia dêle.

O «ESPÊTO»

— E as paganças, Custódio? Você leva muito beiço?

— Não. Não levo beiço. Todos são bons pagadores. O piorzinho mesmo era o Rubem Braga. Quando sua conta estava muito ruim, dava uns cinqüenta por conta e pedia para esperar. Mas agora êle melhorou. O Zico — Newton Freitas — é que andou, uma vez, com um espêto muito grande. Um dia, cheguei para êle e perguntei: «Como é, Newton, está com dinheiro hoje?» Respondeu: «Hoje não, mas diga quanto é, que amanhã pago tudo.» Apanhei a conta e lhe mostrei. Zico olhou espantado para aquilo e disse: «Mas Custódio, isto não é mais uma conta, já é uma cêrca.»



— E dos mortos, Custódio, de quem você foi amigo?
— De Mário de Andrade. Êle também foi muito meu amigo. Ia sempre ao "Alcazar". Era calmo e bom sujeito. Às vêzes, eu sentava em sua mesa, para bater um papinho.

— E quem é o rei do «espêto»?

Depois de um rizinho misterioso, veio a resposta discreta:

— Isto não se pode dizer...

— Mas você pode dizer quais foram os pileques mais memoráveis?

— Um dêles foi no Alcazar. Grande noite, aquela! Foi a despedida de Vinicius de Morais, que partia para os Estados Unidos. Mas outra noite muito engraçada foi há pouco tempo, quando deram aqui um coquetel para o Moreira Sales. O velho Custódio, como sempre, estava servindo. O pintor Bandeira, que estava presente, não demorou muito e foi-se sentar no chão, perto de D. Darcy Vargas. Êle bebia «whisky» com água e gêlo. Ela bebia «whisky» só com gêlo. Conversaram animadamente um tempão. Quando tudo acabou e D. Darcy já ia saindo, o Bandeira que já estava muito à vontade com ela, gritou-lhe de longe: «Telefona, hein, Darcy».



— Entre os escritores seus conhecidos, qual o rei do "espêto"?
— Isto não se pode dizer...

CUSTÓDIO E' UM CRITICO

— E os personagens estrangeiros que passam por aqui, como se portam com você?

— Com êles não tenho muito meximento. Sempre somos apresentados, mas como estão de passagem, não dá para ficarmos amigos. E depois, quer saber de uma coisa? Não vejo maiores capacidades nêles do que nos nossos, daqui mesmo.

— E dos nossos, quem você aprecia mais?

— Eu leio muito. Leio todos, mas gosto mais de Zé Lins do Rêgo, principalmente dêste seu último livro, «Cangaceiros». Gosto também de mestre Luís Jardim e das crônicas do Braga.

— E dos novos?

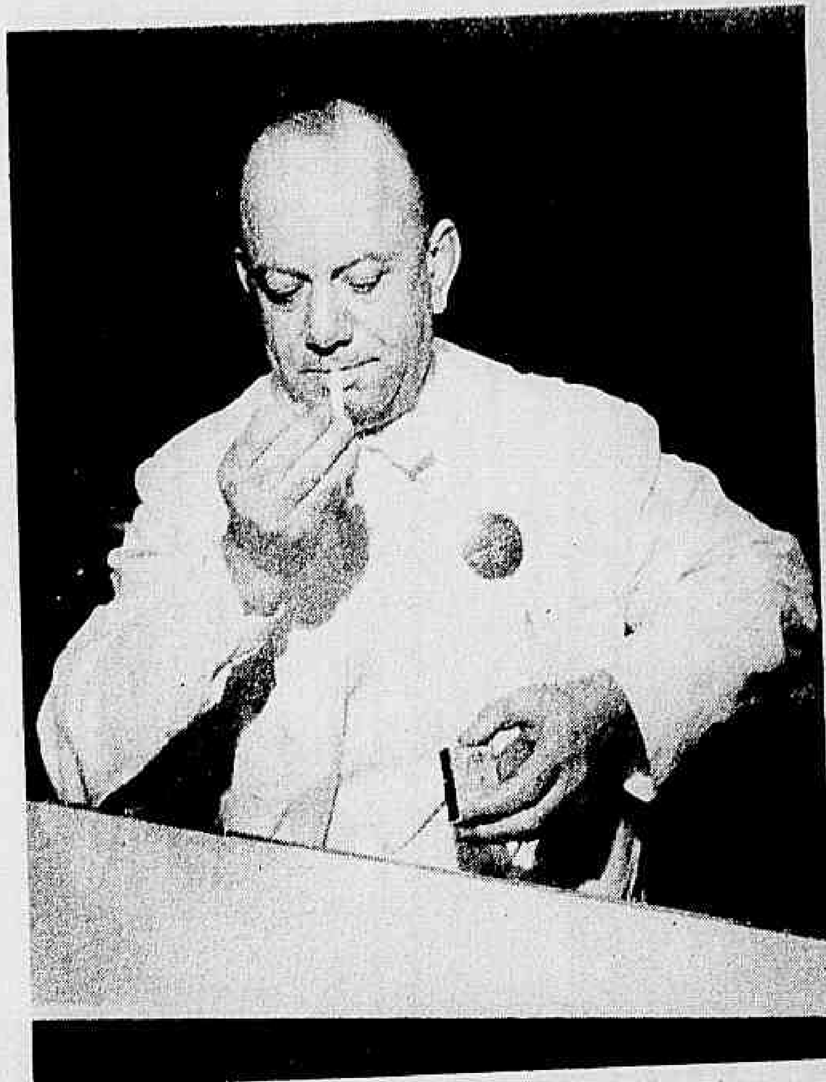
— Vinicius de Morais. E' o melhor dos novos. Sua poesia é natural e sã.

— Mas êle não é exatamente um novo, Custódio.

— E' sim. Êle pode ter escrito há muito tempo, mas só vem se tornando monhecido de 43 para cá. Não há dúvida que é um novo. E bom.

— E se você fôsse escrever um livro, Custódio, sôbre o que o faria?

— Dificilmente eu escreveria um livro. Preferia escrever alguma coisa mais leve e mais



— E se você fôsse escrever um livro, Custódio, como seria êle?
— Dificilmente eu escreveria um livro. Mas se o fizesse, preferiria escrever coisa mais leve e mais fácil de ler, como fazem Fernando Sabino e Sérgio Pôrto.

fácil de ler, como fazem Fernando Sabino e Sérgio Pôrto. Gusto muito das colunas dêles.

— Porque você não se refere a nenhuma mulher? Não é amigo delas?

— Mas como não? Nem diga isto. Sou um grande amigo de Tônia Carrero, por exemplo, a quem conheço desde 43 e de quem gosto muito. Mas estávamos falando de escritores e confesso que não conheço muitas mulheres escritoras.

— E dos mortos, Custódio, de quem você foi amigo?

— De Mário de Andrade. Êle também foi muito meu amigo. Ia sempre ao Alcazar. Era calmo e bom sujeito. Às vêzes eu sentava em sua mesa, para bater um papinho. Sempre estava por lá, procurando os jornalistas.

BEBE-SE MUITO...

— E as manias do pessoal, Custódio, quais são?

— São as mais engraçadas e inesperadas. Lúcio Rangel há anos vem tocando um pistão que não existe. Faz só o gesto com as mãos e o barulho igualzinho, com a bôca. Mas toca músicas inteiras com aquilo. Fernando Sabino e Paulinho Mendes Campos tinham a mania de fingir que estavam brigando. Faziam muito estardalhaço, mas a gente sabia que era brincadeira. O Fernando tem também a mania de tocar bateria. Certa ocasião, quando eu era gerente de uma casa no Leme, êle sempre ia para a orquestra e passava horas tocando bateria.

— Custódio, a freguesia tem se ressentido do preço da bebida?

— A bebida já estêve mais cara do que está agora. Uma caixa de «whisky», há pouco tempo, chegou a custar Cr$ 9.000,00. Agora já fica, no fim de tudo, por Cr$ 4.500,00, o que é um preço razoável. E assim mesmo, calculamos baixar ainda mais o preço. Mas isto não é problema. Nunca se bebeu tanto, nesta cidade, como agora, apesar da alta.

— E a respeito da bebida, qual é a sua opinião pessoal?

— Sou francamente a favor do «whisky». Não gosto, por exemplo, da cachaça. Embriaga depressa demais e causa muito distúrbio.

A conversa ainda se prolongou um pouquinho mais, até que se terminassem os «whiskyes», e depois, deixamos o velho Custódio — o perfeito anfitrião — atendendo a outros, que o pessoal já estava chegando.



Semana LITERÁRIA

ESPELHO DE ESCRITORES



VINÍCIUS DE MORAES — Carioca de quatrocentos anos, nascido, criado e sofrido na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com um intermezo adolescente pela ilha do Governador, que lhe povoou para sempre os ouvidos do «ei-ou» dos pescadores, Vinícius de Moraes realiza um dos mais altos e autênticos destinos de poeta de sua geração. Tendo-se iniciado na poesia sob o signo metafísico, publicou ainda menino o seu livro de estréia, «Caminho para a Distância», cuja fôrça reveladora chamou a atenção da crítica nacional. Dois anos após, consagrou-se com o lançamento de «Forma e Exegese», premiado pela Sociedade Felipe de Oliveira. Ainda nesse livro dominam os chamados «temas eternos», Deus e a morte, o amor e a pureza, a luta do homem contra os apelos da carne e a nostalgia do paraíso perdido. Durante a sua primeira fase, católica, foi grande a influência exercida por Otávio de Faria na formação intelectual do poeta. Dêsse convívio fecundo e decisivo, herdou Vinícius de Moraes o seu «sentimento trágico da vida», o seu inconformismo, a sua necessidade de transfigurar-se para além da realidade cotidiana. Vem daí, também, o interêsse do poeta pelos assuntos cinematográficos, uma vez que os temas de cinema sempre tiveram em Otávio de Faria um cultor apaixonado. Após a plblicação de «Forma e Exegese», sente-se na poesia de Vinícius de Moraes uma transformação formal e conceitual, traduzindo a sua busca interior de novas bases filosóficas e de outra posição diante do mundo.

● Homem de cinco sentidos aguçados, «vendido à vida», segundo a expressão de Mário de Andrade, acaba por descobrir a beleza das coisas e a sadia exaltação do amor carnal, isento de repercussões metafísicas. Pode-se dizer que os dois primeiros livros de Vinícius de Moraes pertencem à sua fase teocêntrica e medieval, ao passo que o restante de sua obra transcorre sob o signo renascentista, da exultância do homem que descobre em si mesmo as fontes da alegria e da tragédia, da vida e da morte. Dois livros importantes marcam êsse período de transição: «Novos Poemas» e «Cinco Elegias», êste último considerado por muita gente como o melhor livro do poeta. Vem depois «Poemas, Baladas e Sonetos», esplêndido volume de extraordinário virtuosismo técnico e grande fôrça criadora. Aí se encontram alguns dos melhores poemas de Vinícius, suas baladas mais perfeitas e certos sonetos eternos, já incorporados ao melhor patrimônio literário da língua portuguêsa. No mais, Vinícius é um doce homem, terrìvelmente simpático, capaz de subornar o próprio demônio. Fêz outro dia quarenta anos, bem e mal vividos, tendo sido a data comemorada com um fabuloso pileque coletivo, que acordou a aurora no seu ninho. É cônsul, conhece Europa, França e Bahia, tomará pôsto em Paris, no próximo mês de dezembro, e desde já sente saudades da Pátria. Angustia-se crônicamente com o problema financeiro, e declara ser êste o seu único sofrimento estéril. Poema mais impressionante que escreveu: «Balada do Enterrado Vivo». Tem prontos vários livros de poesia, inclusive um para crianças. É prosador exímio e sestroso. Compõe sambas de breque e sambas canções. Triste como o diabo, disfarça bem, apesar de tudo, e vai levando, pois uma coisa jamais lhe faltou: a teimosia de quem pretende chegar ao fundo disto que é a beleza e a dor de viver.



Graciliano Ramos, num dos seus últimos retratos.

GRACILIANO, «BEST-SELLER» — «Memórias do Cárcere», livro pó[s]tumo de Graciliano Ramos, apesar do seu preço elevado, tem tido u[ma] saída de «best-seller». Sua repercussão nos meios intelectuais també[m] é extraordinária, e vários artigos de crítica já surgiram na impren[sa] comentando com entusiasmo o depoimento humano e social deixa[do] pelo autor de «S. Bernardo».

U M   P O E M A   P O R   S E M A N [A]



Poema do Fã

Não bebo álcool, não tomo ópio nem éter,
Sou o embriagado de ti e por ti.
Mil dedos me apontam nas ruas:
Eis o homem que é fanático por uma mulher.

Tua ternura e tua crueldade são iguais diante de mim
Porque eu amo tudo o que vem de ti.
Amo-te na tua miséria e na tua glória
E te amaria mais ainda se sofresses muito mais.

Caíste em fogo na minha vida de rebelado.
Sou insensível ao tempo — porque tu existes.
Eu sou fanático de ti,
Sou fanático de todos os detalhes de tua biografia,
Da tua graça, do teu espírito, do aparelhamento da tua vida,
De ti em tôdas as idades da tua vida.
Eu quisera ser uma unidade contigo
E me extinguir violentamente contigo na febre da minha, da tu[a]
[da nossa Poesia

Sou teu fã desde o princípio e para tôda a eternidade.
Em verdade o poeta é o maior fã de sua musa!

MURILO MENDES — A Poesia em Pân[ico]

Cineac literário



MÁRIO DE ANDRADE, grande espírito anti-acadêmico, foi homenageado no Teatro Municipal, tendo na ocasião falado o poeta Manuel Bandeira, sôbre a obra e a personalidade do ilustre morto. Exigiu-se para a cerimônia traje a rigor. Foi também inaugurado um busto do autor de «Macunaíma», embora êsse tipo de consagração lhe fôsse particularmente antipática. De qualquer maneira, salvou-se a boa intenção dos patrocinadores da homenagem, e a conferência de Manuel Bandeira, que deve ter sido muito boa.

★

OLIVEIRA BASTOS, também jovem e inquieto, prepara o seu primeiro livro de crítica. Trata-se de um ensaio sôbre a evolução da poesia brasileira, com estudos dedicados a Gonçalves Dias, Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto e Ferreira Gullar. Acredita Oliveira Bastos que êstes nomes são suficientes para caracterizar a marcha da poesia brasileira, desde Anchieta até nossos dias.

★

O POETA FERREIRA GULLAR, maranhense de vinte e dois anos e dono de toneladas de inquietação literária, tem pronto o seu primeiro livro de poemas, intitulado «A Luta Corporal». Há quem considere o jovem Gullar como a mais forte personalidade poética de sua geração, havendo grande interêsse em tôrno do seu trabalho de estréia.

★

FERNANDO SABINO, ficcionista e cronista dos melhores que possuímos, prepara para o próximo ano um livro de reminiscências, cujo título, um tanto forense, é «Apuração e Haveres». O autor de «A Vida Real», tendo completado trinta anos, resolveu dar um balanço em sua vida, paixões e obras, e o resultado dêsse trabalho constituirá o volume que anunciamos.

★

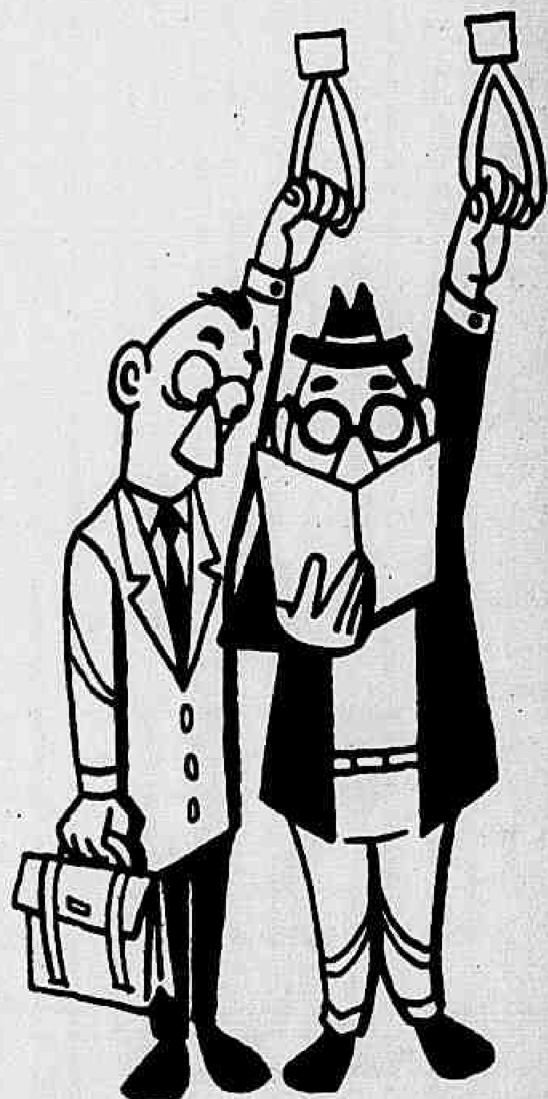
MÁRIO PEDROSA, crítico de arte, após uma temporada de vários meses na Europa, regressará ao Brasil em princípios de janeiro, devendo participar da Comissão Internacional que julgará os trabalhos apresentados à segunda Bienal de São Paulo. Fazem parte dessa Comissão alguns dos mais altos expoentes da crítica mundial, tais como Max Bill, Groppius, Herbert Read e Romero Brecht.

★

O POETA EMMANUEL de Morais (leia-se Emânuel) acaba de adaptar para o teatro o romance «Fogo Morto», de José Lins do Rêgo. Segundo se informa, é excelente o trabalho do jovem escritor, e muito breve veremos em cena alguns dos melhores tipos humanos criados pelo autor de «Menino de Engenho».

★

O ENSAÍSTA MINEIRO Waltensir Dutra, cujo pêso pluma não o impede aventurar-se em obras de fôlego, após haver publicado valioso trabalho sôbre a obra poética de Jorge de Lima, está elaborando agora um volume de análise da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Como se vê, o autor de «Sentimento do Mundo» continua a inspirar as novas gerações, em prosa e verso.



★

FERNANDO LEMOS, artista da nova geração portuguêsa, «poeta, fotógrafo, pintor e amante da aventura», em entrevista concedida a Flávio de Aquino, declarou o seguinte: — «Em Portugal, os brasileiros mais conhecidos são: o cantor Odyr Odillon — que aqui vocês desconhecem — Jorge Amado, Machado de Assis, Manuel Bandeira. De uma maneira geral, os grandes escritores brasileiros são mais conhecidos do que os poetas. Quanto aos pintores, pouco são por lá conhecidos; a não ser Cícero Dias, que viveu bastante tempo em Portugal e que desempenhou, mesmo, papel importante na nossa pintura. Na realidade, há pouco intercâmbio cultural entre nós. O Brasil deveria arranjar um novo Pedro Alvares Cabral para descobrir Portugal e para revelar melhor a si mesmo.»

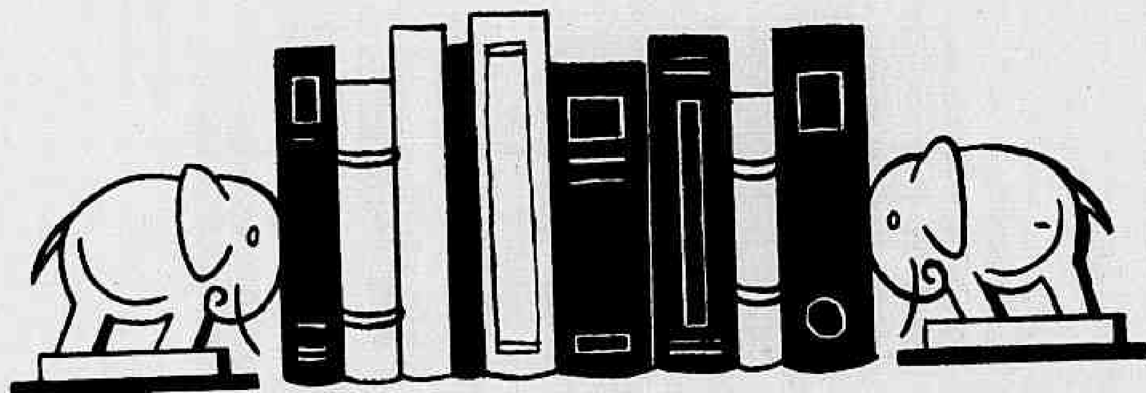


FIGURA DE FORA

DUAS PERSONAGENS E UM AUTOR

● Deixando de ser diplomata, Roger Peyrefitte tornou-se romancista. Em 1951, publicou «Les Ambassades», crônica bem escrita e mordaz sôbre a vida diplomática. O escândalo causado por êsse livro foi bem menor do que o tumulto oficial provocado agora pelo segundo: — «La Fin des Ambassades». Mais livro de memórias do que pròpriamente romance, «La Fin des Ambassades» se refere a personagens importantes e vivas, chamando-as pelos seus verdadeiros nomes. A única personagem fictícia de relêvo é Mlle. Grapote, uma jovem adida cultural francesa, de inteligência veemente, resistente de primeira hora da debacle da França na segunda guerra, e que permanece em Vichy, dentro de seu pôsto, para surpreender os segredos da colaboração e denunciá-los aos patriotas.

Com a libertação, ela volta como conquistadora ao Itamarati francês, isto é, o «Quai d'Orsay». Diz Peyrefitte de Mlle. Grapote: «Ela era mais do que a patriota e a funcionária vencedora: a mulher também triunfava nela, pois que corria o rumor de que iria casar-se com o ministro.»

Em resumo, o retrato que o autor faz de Mlle. Grapote é meio ridículo, liberdade a que os escritores têm direito sem maiores complicações se, no caso, não se registrasse o seguinte: Mme. Georges Bidault, portanto a mulher do atual ministro das Relações Exteriores da França, reconheceu-se retratada em Mlle. Grapote. O «Quai d'Orsay» protestou, violento, contra o que chamava uma calúnia. O livro vendeu mais. O autor, calmo e irônico, foi entrevistado, fotografado, acabou tendo que fugir para o sítio de um amigo, de onde continua a jurar que Grapote não é Bidault. Palavras suas: «Mlle. Grapote é uma personagem de romance e Mme. Bidault uma personagem da história. Mlle. Grapote é um monstro de ingratidão e Mme. Bidault é uma providência. Mlle. Grapote (tradução impossível) n'était qu'une arriviste e Mme. Bidault est arrivée.»



Rádio

ROBERTO ROCHA

• O «CONSTA»

Êste «consta» é, realmente, sensacional. Nesta hora em que a Mayrink Veiga atravessa uma fase excelente, com diversos programas classificados em primeiro lugar, afirma-se que alguns elementos do seu primeiro «team», entre êles Haroldo Barbosa (que também tem produzido, vasta e òtimamente para a Rádio Nacional) estariam dispostos a arrumar as malas e seguir para São Paulo, no rumo da Rádio Record, tão logo terminem seus compromissos com a PRA-9. Não estenderiam apenas suas atividades, mas se transportariam inteiramente para a Paulicéia, para atuar no rádio e na televisão da Record.

• O FATO

O fato é que tem havido, ùltimamente, uma enorme corrida para São Paulo, sobretudo na direção da Rádio Record. Fernando Lôbo já está produzindo na estação de Paulo Carvalho. Antônio Maria estêve em entendimentos, mas acabou firmando contrato com a Nacional Paulista. Haroldo Barbosa já visitou São Paulo mais de uma vez, nas últimas semanas. E Almirante diz que poderá produzir novamente no Rio, mas abandonar São Paulo — nunca! Isto para falar só nos produtores — sendo útil lembrar que a nossa Aracy de Almeida já está «tôda» na Paulicéia. Aguardemos, porém, os acontecimentos.

Berlie merece ajuda



EMBORA o nosso radioteatro possa merecer tôdas as críticas, pela pouca consistência que tenham as histórias, pelos exageros de certas interpretações, pelas tendências nocivas de certos temas, o que não pode ser negada é a sua permanente função no rádio moderno. Sem radioteatro não é possivel fazer um bom programa de montagem — uma audição em que informações úteis e divertidas cheguem até ao ouvinte de forma leve e agradável. Nosso radioteatro tem, porém, tantos radioatores e radioatrizes inexperientes — porque é nas próprias funções que êles fazem o aprendizado. O esfôrço de um único homem — Berliet Júnior, famoso e inteligente produtor de programas — não foi comprendido nem amparado. A sua Escola de Radioteatro, fundada em 1948, continua funcionando no mesmo velho barracão, dentro de uma garagem da Prefeitura, na Cinelândia. E continua sem verbas, sem microfones, sem amplificadores nem gravadores de som. Continua vivendo apenas da abnegação de Berliet (que sacrifica os próprios vencimentos na Escola) e da vontade de seus alunos.

Mais de meia centena de jovens já saíram da Escola de Berliet Júnior, para as emissoras do Rio e do Interior. Isto é um atestado da eficiência dos métodos por êle empregados — e, sobretudo, do interêsse dos nossos jovens por um curso de radioteatro. Berliet merece ajuda. E esta crônica é um modesto, mas espontâneo lembrete a êsse respeito.

VÁRIAS

★ Nanci Vanderlei, que tem tido sucesso amplo no teatro e «boites», conversava outro dia o repórter, dizendo que «de t[...] os sofrimentos, o rádio ainda [...] menor». As «boites» pagam [...] mas sacrificam muito o art[...] com os «shows» que se reali[...] à 1.00 e às vêzes às 2.00 horas [...] madrugada. A TV é a pior c[...] do mundo: exige um esfôrço [...] mendo, que se desfaz em meia [...] ra de representação. O teatro [...] a prejudicá-lo, a instabilidade. [...] terra dos cegos, quem tem um ô[...] é rei: portanto, viva o rádio, [...] todos os seus defeitos.

★ Manuel Barcelos, por ocas[...] do seu aniversário, recebeu [...] grande homenagem no Clube [...] Chave. As dependências do Cl[...] do Pôsto 6, foram pequenas p[...] conter a multidão que compare[...] para abraçar o presidente da [...] sociação Brasileira de Rádio. [...] da mais justo. Barcelos, radial[...] eminente, amigo sincero dos c[...] gas, merece todos os louvores [...] tôdas as homenagens.

★ Gente nova que desponta: [...] ber Figueiredo, depois do suce[...] do seu último disco, «Vem Co[...] go», já gravou para o Carnava[...] promete abafar. Cleber tem [...] para vencer: boa voz, sensibili[...] de e uma simpatia a tôda pro[...] Seu lançamento carnavalesco, [...] etiquêta Columbia, reúne: «Pé [...] Ouro», marcha de Wilson Bat[...] e Oldemar Magalhães, e «Sa[...] samba de Julima, S. Queima [...] Reis.

MICRO-REPORTAGEM

Hoje: LINDA e DIRCINHA BATISTA

DUAS irmãs. Uma tradição no rádio brasileiro. Desde meninas cantam no rádio, já conquistaram o cinema, o teatro, as «boites». Dircinha, a mais jovem, é moça de cultura, fala línguas e prefere as canções românticas. Linda, é a espontaneidade em pessoa e conquista a tôda gente com a sua simpatia. Muito unidas, não dão apenas um exemplo de talento e vocação artística, mas também de amizade e compreensão fraternal. No Carnaval ou fora dêle, Linda e Dircinha Batista têm sempre sucessos em evidência. E, agora, unidas na mesma gravadora, a Victor, realizaram uma velha aspiração dos «fans»: gravaram, em dueto, a bela melodia «Carro de Bois», de Capiba.

Ambas já foram Rainhas do Rádio, ambas são queridas e aplaudidas como cantoras. Mas, tanto Linda como Dircinha, tentaram e obtiveram sucesso em outros setores: Dircinha fêz rádioteatro e narração de programas, com a inteligência e a vivacidade que a caracterizam. Linda fêz jornalismo com tôda aquela sua exuberante personalidade. Foram outros tantos motivos de aplausos para as queridas Batistas. E quem fala em Linda e Dircinha Batista, não pode esquecer que elas têm a quem puxar: o talento e a perseverança do saudoso Batista Júnior e a simpatia a tôda prova da bondosa D. Nenem.



Se você ainda não bebeu

Guaraná BRAHMA

ainda não conhece o saudável Guaraná natural





É verdade! O Guaraná Brahma contém o verdadeiro guaraná natural. Prove-o e sinta o sabor característico e delicioso do guaraná. O Guaraná Brahma é um excelente refrigerante porque possui as propriedades tônicas do guaraná natural. O Guaraná Brahma agrada ao paladar mais exigente. O Guaraná Brahma é preferido por crianças e adultos. Beba também o Guaraná Brahma. É saudável e delicioso!



Guaraná BRAHMA

Uma garrafa = 2 copos

PRODUTO DA CÍA. CERVEJARIA BRAHMA

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPA

Tradução de SÍLVIA JAMBE

Romance de MICHEL DUCHEMIN

O oficial levou a mão à pala do boné, numa saudação jovial. Êle era muito louro, com rosto muito ossudo e anguloso e olhos pequenos e claros. Nós não podíamos explicar por que o primeiro iugoslavo que encontramos tinha um tipo tão puramente nacional. Êle articulou:

— Quanto-dinheiro-trazer-entrar-Iugoslávia?

E eu, então, com gesto displicente do cavalheiro que paga uma conta no Maxim's, mostro a minha carteira.

E vinte mil francos são trocados e recebo um maço de notas e outro de cédulas turísticas Putnik (palavra iugoslava designando uma agência criada em 1951 e destinada a cambiar uma unidade monetária especial para os estrangeiros). Olho a minha carteira e acho que desta vez vai explodir, as costuras começam a ceder. O olhar com que as minhas meninas me fitam devia me consolar por tudo; elas tôdas têm para mim a expressão terna e admirativa da filhinha que sabe que papai é que tem o capital.

É, mas eu não sou tolo que me deixe levar por estas coisas, esquecendo todos os contra-tempos que tenho sofrido e possa vir a sofrer em conseqüência dêste prestígio dourado.

Antes que eu tenha tempo de ponderar minhas impressões, me encontro numa gare iugoslava, numa fila em companhia de gente rude, que me examina e olha como se eu fôsse um índio vestido de plumas.

Devo confessar que retribuí pagando na mesma moeda.

Os cartazes de indicação em caracteres cirilianos dançavam na minha vista como hieróglifos. Havia um especialmente a respeito da Cruz Vermelha, mostrando um jovem, na flor da idade, como despertar, fazer ginástica, vestir-se e tudo com parcimônia. Era aquela a maneira pela qual todo bom iugoslavo deveria começar o seu dia ou... não seria considerado na linha e... nesse caso eu não me considerava absolutamente na linha, eu que não tomara banho desde que saíra de Paris, e quanto a fazer ginástica...

As mulheres, ali, usavam o tradicional fichu dos Balkans e tinham nos olhos a expressão grave de tôdas as camponesas do mundo. Duas delas pareciam, no momento, empenhadas em tomar o meu lugar e eu me defendia como um pobre diabo. Percebi que as mulheres iugoslavas não são, neste sentido, diferentes das francesas e nem mais rasoáveis, pois também parecem crer que um pobre cidadão chega cedo ao ponto de ônibus, por exemplo, pelo simples prazer de vê-las tomarem posse do lugar dêle. E elas caem das nuvens, de espanto, quando êle tem a estranha idéia de reivindicar qualquer coisa que a êle pertence por direito. E, segundo a opinião delas, o papel do cidadão neste caso é nulo e não lhe resta senão olhar, com um sorriso, os veículos que passam e que lhe são completamente inacessíveis.

Uma jovem aparece, finalmente, no guichê.

Uma ligeira agitação e sou levado docemente, aos empurrões e aos trancos de ombros musculosos e complacentes, até a tal funcionária.

Mas, passo como um meteoro e sem me poder deter me encontro, não sei como, numa posição simètricamente oposta à que ocupava antes.

E, olhando aquela confusão, lembro-me que aquilo mais parece a batalha que se trava nas distribuições de viseiras de papelão nas côres das equipes, em tardes esportivas, quando se aproxima a hora da passagem do Team Qualquer Coisa. Tive ocasião de ver, em ocasiões daquelas, homens em pleno uso de sua fôrça muscular, mulheres que poderiam ser avós se degladiando e perdendo botões dos capotes e até os próprios capotes e sofrendo empurrões em todos os sentidos só para obter uma viseira ou uma flâmula com as côres de sua equipe. Evidentemente, a luta aqui era um pouco menos séria, pois que era apenas em busca de bilhetes para viajar de trem, mas já se estava tornando tão acalorada que resolvi seguir o exemplo dos iugoslavos e entrei de cabeça no bôlo de gente, que se aglomerava, e vencendo impiedosamente os que eram mais fracos do que eu e me defendendo, por outro lado, dos mastodontes, que mereciam todo respeito.

E a ordem se faz fàcilmente. Os homens mais fortes ocupam as primeiras colocações; eu, por minha vez, ocupo uma posição intermediária — entre jovens de dezessete anos, que ainda não conhecem todos os segredos do «box» e do «judo», e as mulheres, que têm apenas fôrça para conduzir um trator.

A funcionária, que esperara displicente que a ordem se fizesse sòzi começa, então, a distribuir as passagens.

Chega, enfim, a minha vez. Digo: «Rijeka» (com a voz mais gra aziática que consigo tirar da minha garganta), e mostrando dez d acrescento: Putnik.

A esta palavra a funcionária suspira profundamente e êste su se transforma num eco amplificado por todos os componentes da que se segue atrás de mim. E' ela sai em busca de um papel em bra Em tôdas as repartições do mundo, talvez até numa fábrica ou emp gráfica, encontrar uma fôlha de papel em branco constitui uma ta tão difícil como encontrar uma serpente marinha no Atlântico S exige uma paciência, um bom senso e uma acuidade mental e vi notáveis! Chegando venturosamente ao fim da busca a funcionári dispõe a fazer os cálculos do câmbio com muita calma e refle enquanto os assistentes seguem interessados e mudos. Enfim! que ergue a cabeça triunfante como um enxadrista que acaba vencer um problema de cheque-mate! Um murmúrio de alegria perc o recinto e todo mundo se felicita por aquela solução tão ráp

E volto eu triunfante, trazendo os bilhetes que consegui finalm depois de tanta luta e que são semelhantes aos da S.N.C.F.

Naturalmente as minhas doces meninas não acreditam uma pala do que lhes conto, suado, cansado, sem fôlego, repetindo as lutas travei para obter os bilhetes. Elas estão, tôdas, convencidas de que não precisei mais do que meter algumas moedas numa máquin receber tranqüilamente os ditos bilhetes. Françoise resolve contar, n mente, tôda a sua viagem antes do encontro e exige que eu o calado e com tôda atenção.

Mas elas ficam satisfeitas afinal, coitadinhas.

★

Daí por diante, a cada parada do trem, eu, com a expressão de índio em terra estranha, perguntava aflito:

— San Peter Na Krasu?

E o inquirido abanava sempre com a cabeça que «não».

Chegamos a um ponto que, eu mesmo devo confessar, ficamos ad rados com a minha facilidade de elocução. Catherine, principalme ficou encantada.

— Mas, então... eu não sabia que você falava tão bem o serboc tico! (Declarou ela extasiada).

Fui obrigado pela consciência a confessar que «San Peter Na Kra não quer dizer «Como está você?» nem «O tempo está bonito, hoje, nã — mas era apenas o nome da gare onde devíamos baldear ai uma vez.

Reuni minhas mulherzinhas ao meu redor e, clareando a voz com pigarro, comecei a explicar:

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e seus apuros começam aí, com sua mãe e os amigos dando palpites nos preparativos. No dia da partida, o viajanta só tem tempo de correr para a estação, onde o «organizador» da viagem revela que Michel viajará com dez moças e tôda a responsabilidade. O trem parte, êle confere os passaportes. Em Modane, mais duas pequenas se juntam ao grupo. A viagem continua. Duas moças discutem acaloradamente e Michel descobre que o assunto tão importante é o tipo de meias «nylon». Cruzam a fronteira e êle inicia uma carta para casa, mas não conta que viaja com Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette... Começa a sentir fome, mas não diz e eis que uma das moças confessa estar faminta e Michel se conforta, então, com o farnel que trouxeram. Quando chegam a Milão, o expresso que deveriam tomar acaba de partir e Françoise embarcará nêle na estação seguinte. Michel comete uma «gaffe» diplomática no «bureau» de informações e nada se resolve. Êle lembra, de repente, que precisa avisar o guia, que os espera em Rijeka. Nova luta para achar o intérprete. Depois, a corrida para embarcar no próximo trem, que está lotado, e viajam em pé. Passam pelas diversas zonas ocupadas. Chegam a Trieste, onde Colette conversa com um belo italiano e com a ajuda dêste consegue telefonar para Françoise, que está na estação seguinte. Os soldados, solícitos, ajudam a turma a alojar-se, desde já, no trem em que viajarão cedo, na manhã seguinte.

— Como já tivemos ocasião observar, as paradas nas estaç daqui são extremamente rápi Faz-se necessário, portanto, des brir um meio de desembarcar San Peter em menos de segundos.

E, então, arrumei cada uma minhas meninas numa janela vagão-malas em posição e as b sas e sacos e pacotes, dos qu elas não se queriam apartar, t bém em posição favorável p uma aterrissagem rápida.

— Tudo que se precisa, ag é saber cair (expliquei, recordan as explicações de um amigo p quedista).

Fizemos um pequeno ens geral, seguido com interêsse numerosa assistência. Tudo pa cia perfeitamente preparado e me sentia como um comandan pronto a dar o sinal ao meu ba lhão de choque.

De repente três robustos iug lavos me pegaram pelos bra Estremeci. Com certeza me to vam por espião, depois do ens de operações militares subversi

Arrependi-me amargamente de não ter aprendido idioma ser croático antes de vir: «só falarei perante meu cônsul». E, mentalm disse adeus aos meus amigos, à minha terra... Mas qual... aque três bravos cidadãos queriam apenas me prevenir que tínhamos chega a San Peter Na Krasu.

E, então, reanimado, comandei com voz enérgica:

— Todos a postos! Atenção! Já!



E das dez janelas do vagão nos precipitamos como fôrça de choque, de paraquedistas, no espaço. Gisèle, com seu vestido colorido, executou um magnífico salto acrobático. A maleta de Catherine fêz uma aterrisagem forçada seguida de interessantes ruídos de metais e vidros.

Leventamos-nos, então, segurando os rins doloridos. As janelas de todo o trem estavam lotadas de viajantes, que acorreram para apreciar o singular espetáculo.

E o trem ali, imóvel.

E todos os outros passageiros desceram com uma calma irritante e uma lentidão de enlouquecer.

E neste momento nos cientificamos da dura verdade:

— O trem vai ficar parado aqui.

★

O comboio para o qual nos transferimos, depois disso, estava completamente lotado. E aqui nada de «pic-nics», de travesseiros pneumáticos ou saco de lona americano... estamos todos comprimidos no corredor central, apertados uns contra os outros. Colette faz questão cerrada de abrir a mala, a fim de certificar-se das conseqüências da aterrisagem um tanto violenta na gare. Ela guardara dentro da tal mala um litro de água de Colônia de primeira qualidade e se acha na obrigação de saber imediatamente o destino da mesma. Para cúmulo do azar a mala de Colette é a última da pilha, isto é, a base da pirâmide; esforço-me para convencê-la de que se por acaso a garrafa estivesse quebrada nós certamente já teríamos sentido as ondas perfumadas, que se evolariam da mesma, mas ela não compartilha do meu otimismo.

Resolvo distrair-me um pouco, gritando a Helena minhas impressões:

— Olha, Helena, aquela mulher extraordinária de fichu prêto, veja o semblante dela, anguloso, parece fugida de uma tela de Dürer. E aquêle ali, um autêntico Bohemien... olha os olhos dêle... e aquêle ali parece Louis Jourdan! O outro tem cara de andaluz...

E Helena me responde em altos brados, lá depois de uns três iugoslavos:

— Michel, você viu a loura ao lado do Cara de Louis Jourdan? Ela parece com um professor de patinação de Saint-Anton.

Efetivamente, a tal moça era louríssima, a julgar pela cabeleira, e morenissima pela cútis. Há também um tipo gordinho, de óculos de ouro, que indica um germanismo desde a ponta do nariz e parece saído de uma caricatura de Hansi.

Aumento mais o meu volume de voz, para poder ser ouvido por outra das minhas meninas, uma que está mais longe:

— Veja aquela dona lá atrás, com cara de estátua grega... é formidável a variedade de raça que se vê aqui. Compreendo agora o que é uma salada iugoslava...

E rimos protegidos pela imunidade concedida àqueles que se julgam incompreendidos; digo «que se julgam» porque não tardamos a nos certificar, com horror, que a grande maioria dos presentes havia acompanhado impressionada a nossa conversação, e traduzia para os outros o que dizíamos.

Jamais, como naquele instante, lamentei que o doce idioma francês fôsse tão difundido nos Balkans quase como na própria França. Quem puder que explique... mas uma quantidade enorme de iugoslavos fala francês.

A coisa começou com uma senhora sentada perto de mim. Eu estava todo encolhido no corredor para não incomodá-la, quando ela ergueu a cabeça para mim e perguntou:

— O senhor é francês, não?

A surprêsa foi tanta que não sei como não caí ali mesmo; Helena deu um grito, como se tivesse caído no azeite fervente. A tal senhora conta, calmamente, que serviu a uma família francesa durante a guerra. Volto-me, então, querendo disfarçar um pouco e vejo que Colette entabolou animada palestra com uma senhora de fichu prêto, que abana com a cabeça e fala como se fôsse um professor de francês. E logo todo o vagão vai-se metendo na conversa e tenho quase a impressão de que estou no salão de chá de Bon Marché. O rapaz boêmio se anima de repente e se curva para nós, contando que aprendeu francês sòzinho, com o Poliglota, e explica, também, que o Poliglota não é uma pessoa não... mas um método no gênero Assimil, para aprender línguas em casa sem mestre. E justiça seja feita, sendo a primeira vez que põe em prática o que aprendeu, a primeira vez que fala, êle se saiu bem com louvor.

Se passeando pela floresta vienense, alguém visse, de repente, as árvores saírem bailando graciosamente as valsas de Strauss, ninguém poderia ficar mais admirado do que nós ficamos quando começamos a ouvir aquêles camponeses falando francês, de repente, como por magia.

E começamos mentalmente a reconstruir tudo o que tínhamos dito antes, aquêles comentários inconvenientes, que tão despreocupadamente havíamos feito.

Tôda pessoa que se dispõe a viajar para terras estrangeiras deve trazer no bôlso e na memória estas histórias e outras semelhantes para contar:

(Continua no próximo número)



ELIZABETH TAYLOR PASSEIA

(com marido e filho) NO HYDE PARK



NUM dia de férias na Inglaterra, entre viagens à Suíça, Suécia e Itália, os Wildings gozam as delícias de uma tarde em Hyde Park, onde foram fotografados por Erich Auerbach, fotógrafo que ali estava, pertencente à equipe do "Illustrated". O "baby" Michael Howard, filho de Elizabeth Taylor e de seu espôso Mr. Wilding, já havia chegado com a "nurse". Sòmente hora e meia depois é que os pais chegavam em belíssimo carro do último modêlo, e pediram desculpas com muita gentileza. Elizabeth que veio fazer "Beau Brummel" em Elstree Studios, e Michael Wilding, que, recentemente terminou "Torch Song" com Joan Crawford, casaram-se há um ano e oito meses. Empregaram os lazeres daquela tarde a deliciar-se em "dolce far niente" no Hyde Park e fotografaram o filhinho, — um dos seus passa-tempos favoritos. — E nenhum fã os descobriu.



Ciência e Vida

A conquista do nosso satélite planejada para os próximos cinqüenta anos ★ De uma altura de cem milhas, a Terra é uma massa curva e coberta de manchas.

SÁBIOS os mais autorizados afirmam que dentro de 30 a 50 anos, talvez menos, o homem terá conseguido vencer o espaço entre Terra e Lua e conquistado o nosso pálido e morto satélite. As últimas experiências com os «rockets», levadas a efeito nos Estados Unidos, atestam a praticabilidade da proeza e estabelecem, de maneira clara e precisa, as condições em que uma astronave, partindo de um ponto qualquer da Terra, poderá alcançar a Lua em apenas algumas horas. A formidável distância de perto de 400 mil quilômetros não será vencida, no entanto, sem algumas dificuldades, mas mesmo estas já foram devidamente levadas em conta pelos astrônomos, e, por sua vez, os técnicos que hoje planejam o veículo inter- astral, já tratam de encontrar meios materiais de vencê-las ou simplesmente evitá-las.

● A TERRA FOTOGRAFADA DE UMA ALTURA DE CEM MILHAS

A mais sensacional experiência com um «rocket» foi levada a efeito, recentemente, num campo de provas norte-americano. A curvatura da Terra e mais de 200 milhas quadradas de território dos Estados Unidos e México, fotografadas de uma altura de cem milhas por uma câmara instalada em um «rocket» lançado do campo de provas de White Sands, no sudoeste dos Estados Unidos, Estado do Novo México. A distância entre a curva do horizonte e a câmara fotográfica é, aproximadamente, de 900 milhas. A área estreita, alongada e escura próxima à linha do horizonte, à esquerda, é o Golfo da Califórnia, e que tem cêrca de 65 milhas de largura. A foto ainda mostra parte do Oceano Pacífico, rios e outros acidentes geográficos. A câmara que fêz a foto — a mais alta fotografia aérea até agora obtida — fazia parte de um equipamento de mais de 2 mil libras de um conjunto de precisão instalado por cientistas do U. S. Naval Research Laboratory de Washington, capital dos Estados Unidos. Duas câmaras aéreas operaram automàticamente com filtros infra-vermelhos a fim de anular o nevoeiro. Para evitar a perda do equipamento e das câmaras com a queda violenta do «rocket», foram instalados no nariz e na cauda do mesmo, explosivos detonáveis por meio de rádio. A busca das partes levou diversos dias antes de serem localizadas, pois que foram espalhadas por várias milhas de deserto. A viagem dêsse «rocket» às mais elevadas camadas da atmosfera terrestre, resultou em excelentes informes sôbre a pressão e a temperatura, raios cósmicos, bem como sôbre as investigações da inosfera e aspectro solar.



... da terra tomada de uma altura de 100 milhas


ets" ensaiam
RID"
RA-LUA

CURTOS OU

OLDRIC ROYCE — *Em tafetá de sêda pura, côr d palha, enfeitado com fita de veludo negro, na barr e corpete, inteiramente pregueado. Deve ser usad com anágua rosa-pálido. Luvas negras, de veludo*

DC
br
co
A



OLDRIC ROYCE — *Um maravilhoso vestido de noite, de linha muito moderna, em cetim cinza, bordado com miçangas, em azul de diversas tonalidades. Capa-estola em cetim azul, em dois tons.*



DESDE que apareceu, há poucos anos atrás, a moda dos vestidos a rigor de comprimento até o meio da perna, teve logo suas adeptas, que acham-nos mais práticos, mais confortáveis, principalmente se se considera que num dia de baile, às vêzes, não se pode arranjar um carro, e tem-se que ir mesmo de lotação ou ônibus... Não param aí suas vantagens: são mais próprios, também, para se dançar muitas das movimentadas danças modernas, pois deixam os pés livres para se movimentarem tão velozmente quanto fôr necessário. Por isso, escolhemos os clássicos vestidos compridos e alguns modelos curtos para apresentar como sugestão para as festas de fim de ano, às leitoras da «Revista da Semana».

COMPRIDOS?

DOROTHY DICKERSON — Em cetim de sêda branco e negro, cortado em panos, arrematados com renda negra de guipure. Corpete branco. A renda é bordada com continhas de "strass".





DOROTHY DICKERSON — Modêlo em tafetá rosa, com a saia inteiramente cruzada por tiras de veludo de côr negra. Notem o corte do corpete, onde sobressaem as pontas laterais do decote.

DE um modo geral, estão muito em moda o tafetá e o cetim. Usam-se enfeites em veludo que tornam as tualetes de um luxo requintado. As rendas, de guipure ou as mais leves, com a Chantilly ou de Veneza, também aparecem em criações de muito gôsto. Porém, a «coqueluche» desta temporada de festas, de 1953, vão ser os modelos bordados em «miçangas» ou com continhas de «strass». Em qualquer dos gêneros, curto ou comprido, você poderá criar uma tualete distinta, que chame a atenção pela originalidade e bom gôsto. Note-se que os vestidos a rigor, até o meio da perna, não se destinam sòmente aos brotinhos, mas à mulher de qualquer idade e... que tenha os tornozelos bem torneados. — **Flama.**



RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Filha de uma meretriz, Impéria seguiu a profissão da mãe, numa época em que ser cortesã era um título cobiçado, que levava a altas posições, junto às mais eminentes personalidades. Distinguiu-se pela sua beleza deslumbrante, sua cultura excepcional, e uma inteligência viva, que a tornava ótima conselheira...

IMPÉRIA

Por OLGA BERARDI

Tradução de LIGIA JUNQUEIRA

CAPÍTULO III

● Um dia, ela encontra um outro astro esplendoroso no mais alto das finanças da Europa — aquêle a quem o próprio Sultão maometano chama de «magnus mercator christianus» (o maior comerciante cristão): Agostinho Chigi. Por muito tempo ela aguardara êsse dia e preparou-o com fina habilidade, que é um seu dom natural. Para seu nível de vida não bastam alguns milhares de ducados, são precisos centenas de milhares. Êle tem grande número de servos e guardas, camareiros e valetes, sua mesa é famosa pela habilidade de seus cozinheiros, a delicadeza de suas iguarias e o luxo das baixelas. Ela, Impéria, necessita de todo êsse luxo, como lhe são indispensáveis as jóias raras e os perfumes preciosos; as peles que vêm de tão longe e que os mercadores vendem tão caro; as rendas de Flandres e Bruges; peças inteiras de brocados milaneses, famosos em todo mundo . . . e, existe sòmente um homem que pode pagar-lhe tudo isso . . . Ela o conhece e acha-o simpático; sente, mesmo, que poderá querer-lhe bem. Não é muito jovem: talvez tenha perto de quarenta anos, é de estatura média, louro como ela, com olhos azuis e nariz longo, veste-se simplesmente, porém, monta sempre um cavalo magnífico; dizem que lhe foi dado pelo Sultão, assim como os seus raríssimos cães de caça. Seu banco fica na mesma rua em que mora Impéria.

Nessa época, os bancos são instituições indispensáveis na vida italiana. São êles que financiam os amôres e as guerras, as negociações diplomáticas e as belas artes, e fazem sempre negócios rendosos. Usa-se muito fazer empréstimos contra penhores. Até mesmo os papas empenham a tiara e o báculo, quando precisam de florins. Em Florença, onde primeiro se instalaram os bancos, existem, agora, trinta e dois; naturalmente que o dos Medicis domina todos os outros, e logo depois vem o dos Altoviti (um dêles, Bindo, teve a honra de ser pintado por Rafael e recebeu de Miguel Angelo, de presente, os seus esboços para os afrescos da capela Sixtina).

Um forte rival dos Altoviti é Chigi, cujo banco tem negócios na Espanha e na França, na Bélgica e na Alemanha, na Inglaterra, e, até mesmo, na Asia Menor. Chigi é o conselheiro do Papa que lhe deu o título de «tesoureiro», a permissão de acrescentar também a seu nome «Della Rovere», e de adicionar ao escudo dos Chigis um monte encimado por uma estrêla e um carvalho.

Em compensação, êle empresta somas loucas ao Pontífice, que delas necessita para pagar a seus artistas. Miguel Angelo está pintando a capela Sixtina, Rafael fazendo os afrescos dos aposentos, e Bramante erigindo o majestoso conjunto de São Pedro; além disso, há lutas, e é preciso pagar os soldados. Chigi empresta a Júlio II, como já emprestou a Carlos VIII e a César Bórgia. O Papa chega a dar-lhe uma tiara em penhor e recebe 40.000 ducados de ouro. No dia seguinte, o Papa manda buscar a tiara, e Chigi não protesta: é muito hábil e diplomata! A cidade de Siena, depois de um empréstimo de oito mil ducados de ouro, nomeia-o senador, e confere-lhe o título de «magnífico», dá-lhe, ainda, em penhor, o pôrto e o castelo de Pôrto Ercole, que êle amplia e fortifica, encerrando nos bastiões junto ao mar o tesouro da casa dos Chigis: seis arcas de ouro e jóias.

Êle é também muito generoso. De uma só vez emprestou cem mil florins aos venezianos, sem juros. Possui salinas e todo o comércio italiano de cereais está em suas mãos. Junto com o alemão Fugger arrendou a casa de cunhar moedas do Papa e possui, sòzinho, as minas de alumínio de Tolfa, perto de Civitavecchia, o que lhe permite ter o monopólio dêsse produto, que é de consumo amplíssimo em tôda Europa e na Asia. É o árbitro das finanças européis. Cem navios mercantes, navegando em todos os mares, levam a sua bandeira; suas rendas ultrapassam sessenta mil ducados; as riquezas reunidas de tôda a nobreza romana, não equivalem a sua. Não é, pois, de se admirar que a Loura Impéria tenha pensado: «êste é o homem que me convém».

Além disso, é um Mecenas magnífico. Publicou, a suas custas, as poesias de Píndaro, o primeiro livro grego que se editou em Roma; protege literatos e artistas, dentre os quais o seu preferido, Rafael. Sentimentalmente é solitário: viúvo de uma primeira mulher que não deixou traços em sua vida, nem em seu coração. Um pouco cansado e aborrecido dessa solidão, pede a Rafael que lhe apresente Impéria. Os dois foram feitos um para o outro e compreendem-se logo. Uma forte atração os aproxima. O homem mais rico teria que ter, obrigatòriamente, a mulher mais célebre. Dessa união nasce uma menina: Margarida. Fôra uma união calculada, de ambos os lados, mas que, na prática, resultou numa suavíssima amizade.

De agora em diante ela não se chama mais «cortesã» e sim «senhora», como se usa para a mais alta hierarquia. Rivaliza com as melhores. Se Beatriz d'Este manda fazer oitenta e quatro trajes novos em dois anos, ela encomenda cinqüenta em um ano, porém, muito mais custosos. Se Lucrécia Bórgia trouxe em seu enxoval, para Ferrara, a cifra mirabolante de duzentas camisas de baixo, ela só tem cento e cinqüenta, que, porém, são de maravilhosa sêda de além-mar e cobertas de bordados finíssimos. Possui essências raras, que lhe chegam do Oriente, espelhos cinzelados em filigranas, dezenas de milhares de ducados em anéis, leques de ouro laminado, e, até mesmo, uma corrente de filigrana com guisos para a cachorrinha e uma gaiola de ouro para o papagaio!

Seus salões hospedam o «melhor que existe em Roma» — dignatários eclesiásticos, literatos italianos e estrangeiros. Nas descrições das festas seu nome é sempre seguido de «gloriosa», «damosíssima», «virtuosa», «belíssima» e «divina» . . . Para ela vão os donativos de tôda espécie e de todo mundo. Tôdas as primícias lhe são enviadas.

★

Em 1509, Chigi obteve a propriedade perpétua, mediante uma doação permanente de dezesseis barris de vinho, de duas vinhas pertencentes à Igreja de São Jácomo e, mais tarde, à Capela Júlia de São Pedro. Nesse terreno, projeta construir uma mansão fabulosa, que, mais tarde, tendo sido adquirida por Farnese, se chamará a «Farnesina». Um sonho! Quem lá vai, encontra-se, de improviso, frente à grandeza de Rafael, que, no tumulto dessa primeira parte do século XVI, narra em pinturas as suas visões de beleza, canta os seus sonhos de glória. Os heróis, os soldados lutadores, os violentos, detêm-se para contemplar as suas obras, enquanto êle, no intervalo entre uma e outra, tem a seu lado Fábio Calvo, o austero pitagórico, para que lhe ensine os fastos antigos, ou que lhe traduza Vitrúvio, ou, então, escreve a Alberto Dürer para um intercâmbio, com êle, de obras primas.

Na Farnesina êle pinta, ajudado por seus discípulos, na grande sala-átrio do térreo, que se abre em grandes arcos sôbre os jardins floridos, que se estendem até o Tibre. Rafael pinta a história de Psiquê, da alma atormentada, angustiada e divinizada. Nenhuma narrativa pode melhor agradar ao gôsto dessa época, que procura conciliar, a todo custo, a verdade cristã com as fábulas pagãs, e, Rafael, na grande sala branca, pinta-a, rica de tonalidades rosas. Côr de rosa é Psiquê, côr de rosa é Cupido, róseos são os deuses, e, de tôda essa carne luxuriosa, parece irradiar-se um perfume de musgos e de rosas. Uma aragem sensual se desprende, de resto, de todo o palacete: da fachada enjanelada, pintada em claro e escuro pelo próprio arquiteto, Peruzzi, até o quarto de dormir de Agostinho Chigi, onde se vê um afresco de Alexandre — o vencedor magnânimo e espôso de Roxana, a mais bela mulher da Asia, no ano de 327 antes de Cristo.

As pinturas de Sodoma, de Sebastião del Piombo, de Júlio Romano e de João da Udini, auxiliam a execução dêsse prodígio arquitetônico que não parece construído, mas nascido e florescido, em um dia encantado, sôbre as margens do Tibre. As grutas artísticas foram transformadas em salas de banho, ornamentadas fantàsticamente, e recobertas de espelhos, que multiplicam a imagem nua da divina Impéria, para felicidade de seu amo.

O cardeal Bembo sugere a Rafael um outro tema. A lenda predileta da Magna Grécia e da Sicília, a da branca Galatéa, a nereida amada por Polifeno. Rafael faz uma obra estupenda. Diz-se que foi a própria Impéria quem posou para êsse nu, e é certo que, pensando nela, Rafael escreveu, atrás do quadro, o sonêto «O amor me encadeou com sua luz» . . . Margarida Luti, a «Fornarina», ainda não aparecera na vida do pintor. Porém, o sonêto não é mais que a homenagem de um artista. Quem pode esperar chegar até a senhora Chigi, Impéria? Talvez Rafael nem mesmo o tenha pensado.

Agostinho não a desposara, mas é como se o tivesse feito, e ela habita quase sempre a Farnesina. No quarto de Chigi existem dois leitos, de ébano, incrustados de pedras preciosas, e os lençóis são finíssimos, e totalmente bordados de sêda e ouro. As cobertas são de cetim carmezim, recamadas com fio de ouro, com franjas em tôda volta, os quatro travesseiros são trabalhados maravilhosamente. Cortinas em carmezim com listras lavradas em ouro, circundam os ricos leitos. Por êste cortinado, e mais dois divans, um forrado de sêda vermelha e outra branca e ouro, com pinjentes dourados, foram pagos quinhentos ducados! E o serralheiro que trabalhou em tôdas as ferragens, cadeados, portões, etc., para a casa Farnesina, recebeu em paga vinte mil ducados!

★

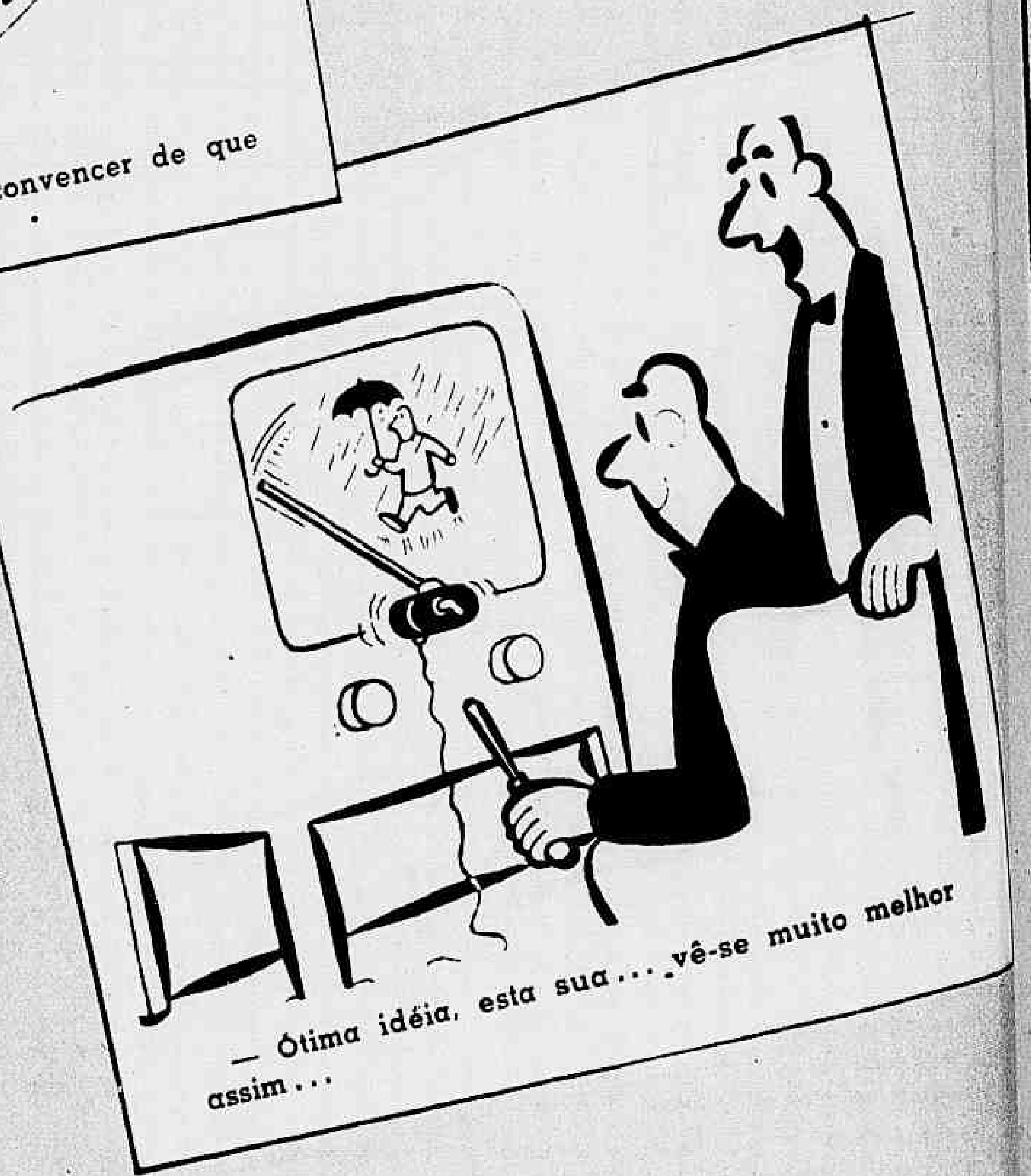
Na suntuosa mansão, numa saleta riquíssima, decorada especialmente para ela, inteiramente tapeçada de veludo rosa, e adôrnada com quadros de mestre Leonardo da Vinci, Impéria está, naquele dia de outubro de 1511, vestida com um traje em cetim púrpura, todo adornado com galões de ouro. Usa, também, uma rêde de ouro e de pérolas, mantida por um diadema belíssimamente cinzelado em ouro, que lhe mantém os cabelos, também de ouro claríssimo, o que é lindo de se ver. Prepara ela os convites para a noite seguinte, quando virão à Farnesina trazendo convidados. Celebra-se uma vitória, devida em grande parte a Impéria. Os inimigos de Chigi (são milhares) todos aquêles que êle venceu, todos os que derrotou, todos os que levou à falência, os amantes de Impéria postos de lado, os nobres humilhados, espalharam um grande pânico entre os depositantes de seu banco, que se apressaram a ir buscar, todos ao mesmo tempo, o seu dinheiro. O banco é sólido, o poder financeiro de Chigi ilimitado, porém, é preciso restabelecer o seu crédito imediatamente. Então, a belíssima Impéria sorri, com seu sorriso ambíguo e dominador, e sugere alguma coisa a Agostinho . . . Alguns dias depois, carros e carros vindos de Pôrto Ercole, depósito conhecido do tesouro de Chigi, transportam a Roma uma fileira longuíssima de sacos de ouro, e depositam-nos, ostensivamente, o mais ostensivamente possível, no banco de Chigi. A notícia voa e os cem sacos se tornam, na fantasia popular, mil e dez mil. O ouro torna a correr para o afortunado banqueiro. Sòmente êle e o governador de Pôrto Ercole sabem que os sacos contêm cereais e não dinheiro.

(Cont. na pág. 50)

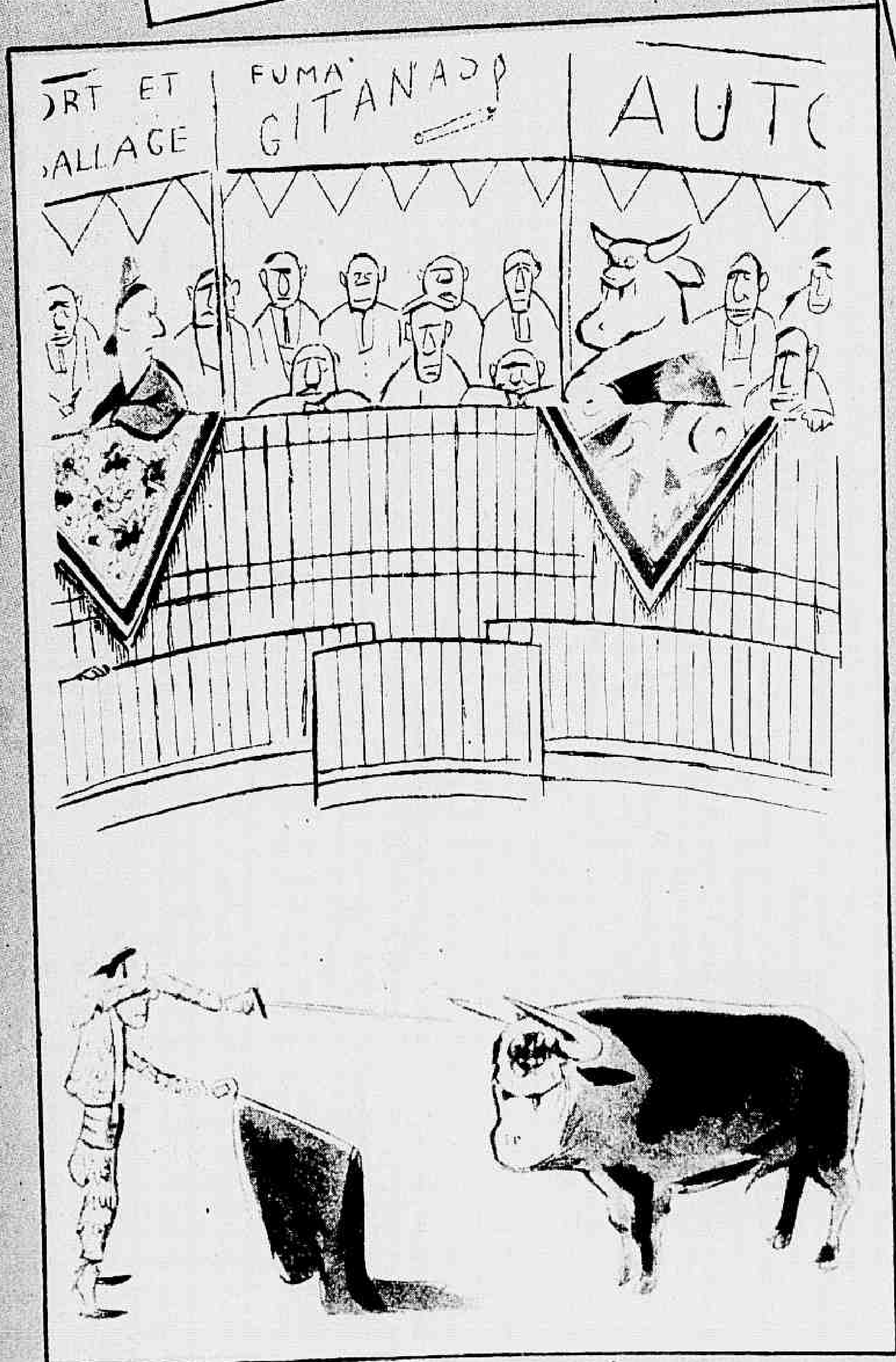
O RISO DOS OUTROS



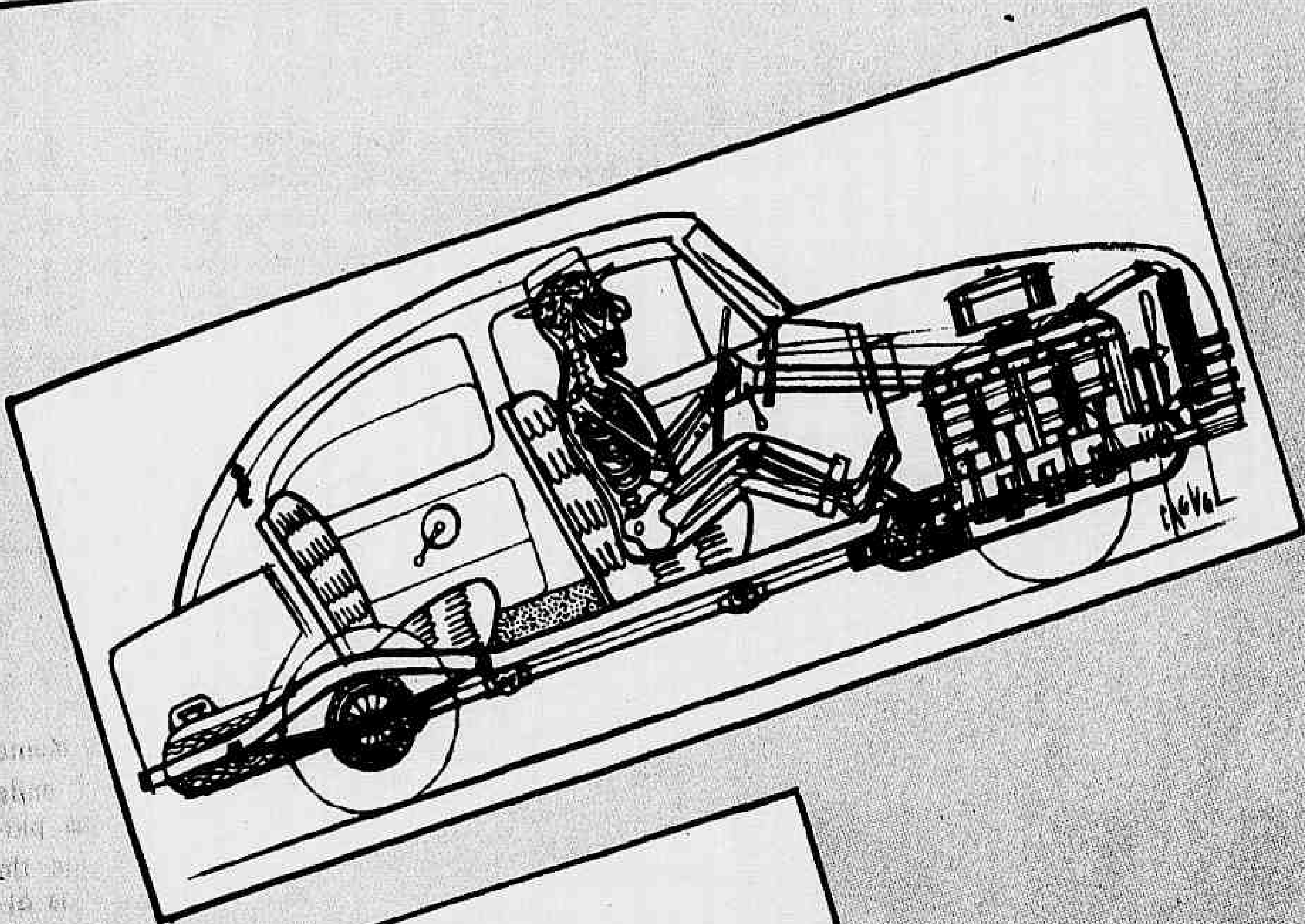
— Deixe de ser maliciosa, querida. Eu só queria me convencer de que cabem mesmo seis no automóvel.



— Ótima idéia, esta sua... vê-se muito melhor assim...

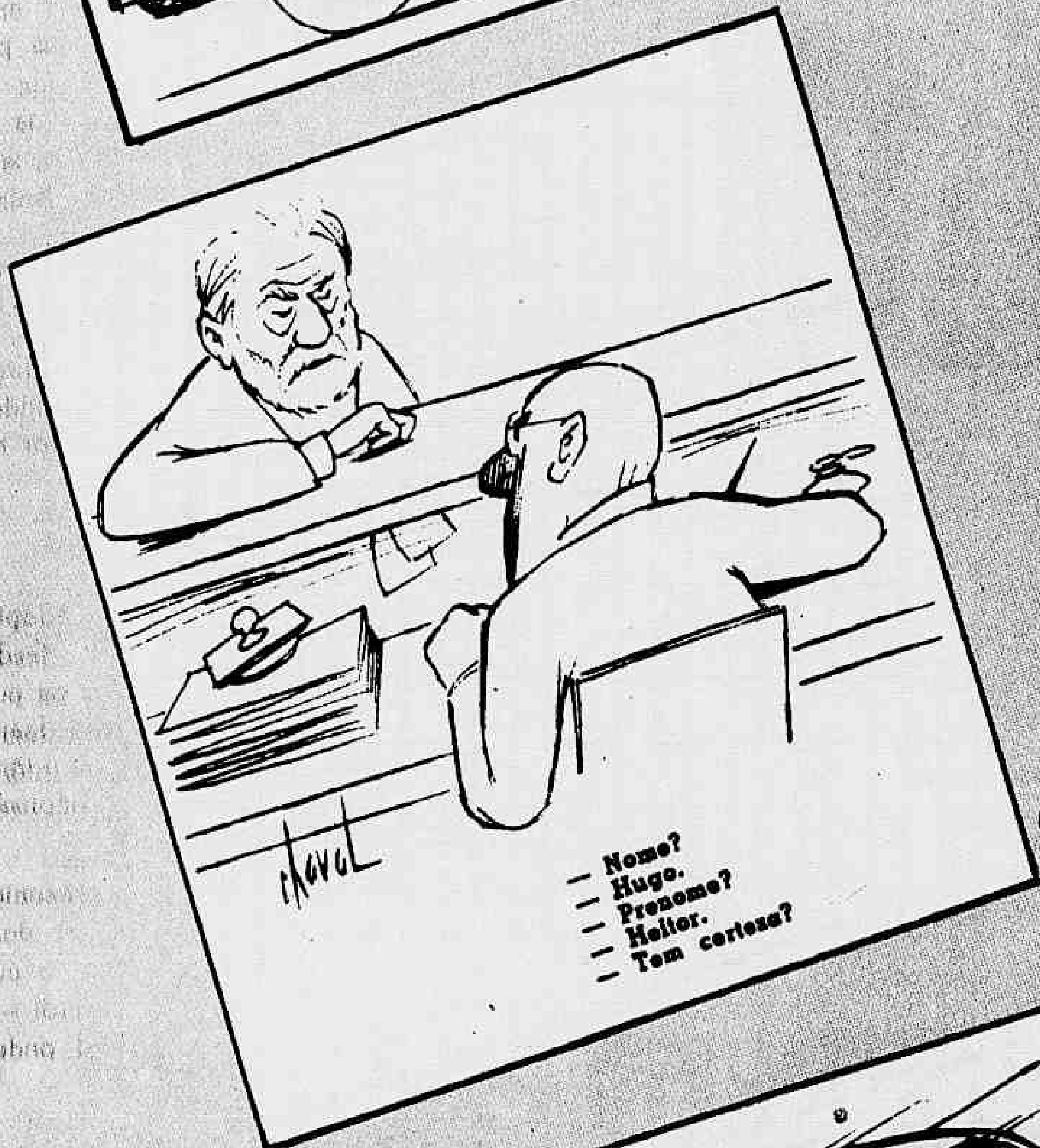




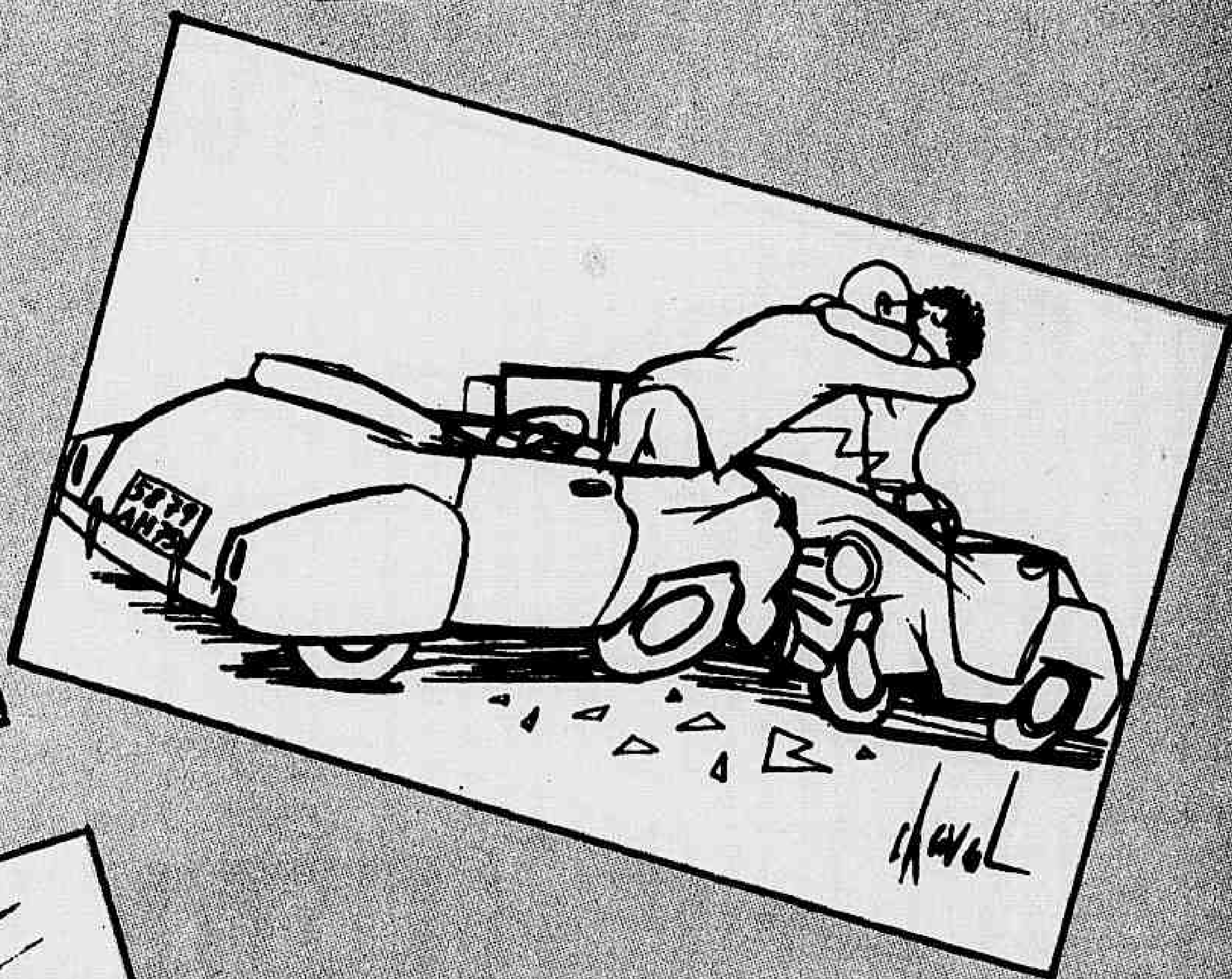




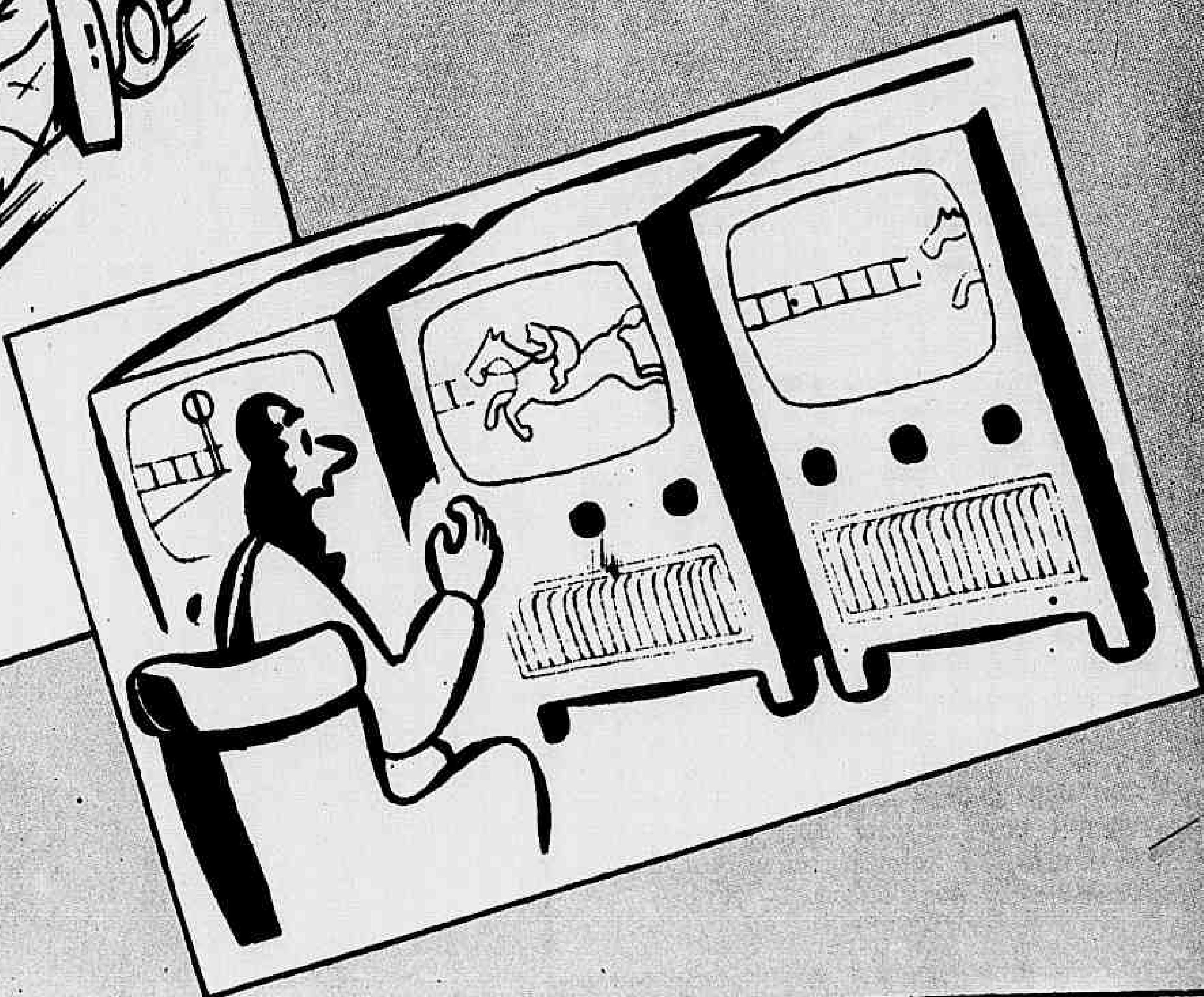
— Bom dia, senhor Darwin.



— Nome?
— Hugo.
— Prenome?
— Heitor.
— Tem certeza?







ONDE VERANEAR?

VÊM as férias, e você, naturalmente, está pensando onde há de passá-las, pois para seu descanso pessoal e para proporcionar a seus filhinhos uma oportunidade de repousarem da vida agitada da cidade, planeja ir para fora. Para o mar, ou para as montanhas? A dúvida sempre a deixa indecisa no momento de se decidir. Existem crianças que se dão bem a beira-mar, e outras que se sentem melhor em clima alto. Se elas se adaptam mais a uns do que a outros lugares não é por «acaso», e sim pelas necessidades de seu organismo.

Portanto, não siga os conselhos de suas amigas sôbre as vantagens ou desvantagens de passar as férias aqui ou ali, sòmente porque ela lhe conta a experiência que teve. Cada criança, como cada organismo, é um todo diferente, e você não pode se orientar pelas experiências alheias.

★ UMA CIÊNCIA

A ciência dos climas e de suas influências sôbre o ser humano chama-se «climatologia». Levada ao campo da medicina, a climatologia estuda e estabelece os benefícios e malefícios que traz para cada tipo do organismo, determinadas regiões. Sabe-se que uma criança triste voltará mais triste e nervosa de umas férias passadas em lugares, muito altos, ao passo que uma criança medrosa e tímida regressará mais corajosa e empreendedora do mesmo passeio.

Foi um especialista em climatologia e psicologia infantil quem confeccionou o quadro abaixo, que será de muita utilidade para as mães que ainda não decidiram onde levar os filhos para passar as férias:

★ CRIANÇAS APÁTICAS

As crianças de temperamento «adormecido», apáticas, desanimadas, precisam passar as férias num clima estimulante: tanto as paisagens situadas a mil metros (Itatiaia, Campos do Jordão, Sul de Minas, etc.) como as praias, despertarão suas reservas naturais de energia, mostrando-lhes uma natureza forte e vigorosa.

★ CRIANÇAS CANSADAS

Depois de um ano de estudos muito a[tivo] ou quando em convalescença de alguma [doen]ça, a criança precisa de um clima tonifi[cante] saudável, porém, não excitante. Uma loc[ali]de situada em altitude médic (500 a 800 [me]tros), ou uma praia mansa são os aconselh[áveis].

★ CRIANÇAS ANÊMICAS

Pálidas, enfastiadas, com desenvolvim[ento] retardado, precisam respirar em regiões [onde] haja muita luz e sol. Recomendam-se as [pla]nícies, assim como as estações termai[s de] águas ferruginosas. Devem ser evitadas a[s al]tas montanhas, praias, e, em geral, climas [mui]to intensos, que provocarão um choque b[rusco] com a natureza debilitada da criança.

★ CRIANÇAS NERVOSAS

Em regiões de colinas e planícies se sen[tem] melhores as crianças excessivamente tím[idas] ou muito nervosas. Nunca devem descansa[r em] alta montanha ou junto ao oceano.

★

Esta é uma classificação geral que se ad[apta] à maioria dos temperamentos infantis, d[esde] que a criança goze de boa saúde. Para o[u]tros, para aquêles que sofrem de alguma d[oen]ça ou de males orgânicos, comuns à i[nfân]cia, é melhor consultar o médico, que aco[nse]lhará o que melhor convier.

Por outro lado, se a criança não apre[senta] nenhuma tendência prejudicial de caráter [das] que foram citadas acima, se é um menin[o ou] uma menina perfeitamente sadio ou norm[al,] sentir-se-á à vontade em qualquer local [onde] o clima seja saudável. — L. J.

Sugestão para o lar



POUCAS vêzes se vê, resumidas em duas peças de mobiliário, tantas sugestões interessantes para a mobília de quarto. Observando-se com atenção a cama e a mesinha de cabeceira, da fotografia, chega-se à conclusão de que a engenhosidade dos modernos decoradores não tem limite na arte de criar móveis versáteis para apartamentos pequenos.

★ A cama, uma cama simples de solteiro, tem, tanto na cabeceira quanto nos pés, duas tábuas de dobrar que servem, cada uma, a uma finalidade distinta: a tábua da cabeceira visa proporcionar mais confôrto para aquêles que gostam de ler deitados, constituindo um apoio inclinado para travesseiros. Pode ser levantada e. posta para trás, quando se desejar. A outra, dos pés da cama, abre para fora, e forma uma banqueta auxiliar, pois tem por baixo dois prendedores que a sustentam. Servem para se colocar a roupa de vestir ou para se sentar.

★ mesinha de cabeceira, para começar, é um carrinho com quatro rodas. Dispõe de três gavetas em forma de bandejas, para revistas, apetrechos de tualetes, sapatos, ou o mais que se desejar ter a mão. São, ambos, móveis muito práticos, próprios para quartos de rapazes solteiros. Confeccionados em sucupira ficarão resistentes e decorativos. — Nike.

AS PERNAS

AS PERNAS são «os pilares do corpo». Para serem belas, porém, devem conservar-se sempre arredondadas de forma perfeita e com os músculos rijos. O confôrto das pernas é importantíssimo pòrque elas estão quase sempre em evidência. Mesmo quando de meias, estas apenas cobrem-nas ligeiramente. O melhor sistema para se ter pernas bonitas é cuidar diàriamente de sua limpeza. Mais que qualquer outra parte do corpo estão expostas à poeira das ruas. As massagens violentas não são benéficas, a não ser quando necessárias e recomendadas por um especialista.

● No entanto, existe um exercício de ginástica, ótimo para fortalecer os músculos sem desenvolvê-los exageradamente: de pé, com as mãos na cintura, e o corpo bem reto, levantar uma das pernas sem dobrá-la até o máximo possível. Repetir o exercício umas vinte vêzes, tôdas as manhãs. Outro bom exercício é o de flexão dos joelhos, que se deve executar ritmadamente, levantando e abaixando o corpo, mantendo-se sempre nas pontas dos pés. Hoje em dia, em que a moda de verão aboliu completamente as meias, mais do que nunca é preciso tratar das pernas, apresentá-las sempre limpas, depiladas e flexíveis. (Na foto Suzan Ball, da U.I.)

JÚLIA DE MILO





Rugas na testa

MUITAS PESSOAS têm tendência de franzir a testa, contribuindo isso para a formação de rugas pouco estéticas. Se você está nesse caso, experimente suavizar as rugas já formadas, e evitar a formação de novas, fazendo ligeira massagem, diàriamente, com um bom creme. Comece nas sombrancelhas, vá com a ponta dos dedos até a raiz dos cabelos. Repita o movimento sempre para essa direção, várias vêzes.

● Se você pinta os cabelos, trate-os com muito mais cuidado do que quando usava-os em sua côr natural, pois a pintura tende a torná-los ressecados. Aplique sempre um xampu que aumente o brilho e a maciez. E use sempre um bom creme ou loção na última água em que enxaguá-los.

● Se você pintou as unhas no último momento antes de sair de casa, e precisa que o esmalte seque ràpidamente, existe um processo muito simples: mergulhe os dedos, por alguns instantes, em água muito fria.

● Não exponha seus olhos demasiadamente a luz do sol, à chuva ou a poeira. Com o tempo êles adquirirão uma expressão envelhecida, devido ao esfôrço para reagir contra êsses fatôres. Use óculos escuros de boa qualidade, com aros elegantes e bem modernos.

Lidergrama

Nº 82

A	Lugar onde se vive →	1	17	50	103	126	99	28
B	Enganas; logras →	44	107	56	8	113	137	■
C	Narra; descreve →	5	37	115	66	27	131	■
D	Jôrro; vômito →	123	86	43	11	139	93	151
E	Põe em infusão →	157	26	77	59	91	16	108
F	Faz liquidação →	133	38	55	78	128	102	142
G	Inocente; que não faz dano →	65	85	143	72	106	14	■
H	Lançar na orfandade →	4	60	132	70	31	125	109
I	Em que faz muito vento →	52	34	79	89	100	45	134
J	Capital da Grécia →	2	75	48	159	87	130	■
K	Faz requerimento →	63	33	145	19	57	88	■
L	Vento suave e fresco; aragem →	105	114	160	96	124	68	■
M	Compreende →	30	13	138	94	69	40	147
N	Elevamos; erguemos →	122	95	152	161	21	53	119
O	Globo terrestre →	29	158	74	121	90	■	■
P	Lutadores; campeões →	12	32	18	64	149	118	92
Q	Descobriu; fêz conhecer →	135	73	117	84	24	41	146
R	Ato de empar →	116	35	3	104	■	■	■
S	Espetáculo de cinema (pl.) →	42	25	83	101	47	120	148
T	Aguarde; tenha esperança →	23	71	58	81	144	136	■
U	Fazem parar; interrompem →	97	76	22	54	112	36	■
V	De maior idade →	10	127	140	162	46	39	■
W	Vestígio de pancada ou pressão →	67	129	15	111	98		■
X	Remissão de pena; indulto →	61	6	156	80	153	110	■
Y	Deixas de fazer, escrever ou dizer →	154	82	51	155	20	7	■
Z	Desaparecer; consumir →	49	62	141	9	150	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo a primeira coluna do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	J 2	R 3	H 4	C 5	X 6	Y 7	■	B 8	Z 9	V 10	D 11	P 12	M 13
G 14	W 15	■	E 16	A 17	P 18	K 19	Y 20	N 21	■ -	U 22	T 23	■	Q 24
S 25	E 26	C 27	A 28	O 29	M 30	H 31	P 32	K 33	■ ,	I 34	R 35	■	U 36
C 37	F 38	Y 39	■	M 40	O 41	S 42	■	D 43	B 44	I 45	V 46	S 47	J 48
Z 49	■	A 50	Y 51	I 52	N 53	U 54	■	F 55	B 56	K 57	■	T 58	E 59
H 60	X 61	Z 62	K 63	P 64	G 65	C 66	W 67	■	L 68	■	M 69	H 70	T 71
G 72	Q 73	O 74	I 75	U 76	■ .	E 77	F 78	I 79	X 80	T 81	Y 82	■ -	S 83
Q 84	■	G 85	D 86	■	J 87	K 88	■	I 89	O 90	E 91	P 92	■	D 93
M 94	N 95	L 96	U 97	W 98	A 99	I 100	S 101	■	F 102	A 103	■ -	R 104	L 105
G 106	B 107	■	E 108	■	H 109	X 110	W 111	U 112	■ ,	B 113	■	L 114	C 115
R 116	Q 117	P 118	■ -	N 119	S 120	■	O 121	N 122	■	D 123	L 124	H 125	A 126
V 127	F 128	W 129	J 130	C 131	■	H 132	F 133	I 134	Q 135	T 136	B 137	M 138	D 139
■	V 140	Z 141	F 142	■	G 143	T 144	K 145	Q 146	M 147	S 148	P 149	Z 150	D 151
N 152	X 153	Y 154	■	Y 155	X 156	E 157	O 158	J 159	L 160	N 161	V 162	[illegible]	

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 81 — J. BRANDÃO. CONTOS ESCOLHIDOS. "Havia o segrêdo dos mausoléus antigos, uma grandeza de epopéia morta, um esvoaçar de avejões e de feitiços, de que a noite e a lua eram os nigromantes. Hora para bandidos, para amantes trágicos..."

O CRIME DO TAPUIO

(Continuação do número anterior)

Suavam copiosamente sob o fato dos grandes dias, enforcados nas gra
multicores, atadas em laços extravagantes sôbre os quais caíam moles, ensop
de suor, os grandes colarinhos. De instante a instante enxugavam-se nos le
de chita que em seguida, dobrados cuidadosamente sôbre os joelhos,
guardados dentro dos chapéus, virados de copa para cima embaixo das cade
De uma e doutra banda, olhava-se para um homem, o réu sentado num peq
banco entre dois soldados, mal amanhados em fardinhas curtas de brim par
vivos encarnados, à beira de uma pequena mesa, coberta com um safado re
de lã verde, à guisa de colcha. E, cochichando entre si, os jurados apontava
uns aos outros.

Aquêle sujeito era o José Tapuio, que ali estava tranqüilo, indiferente no
do aparato do tribunal. Apenas quando não sabia mais o que fazer das m
coçava a cabeça ou os pés, visivelmente contrariado, como quem estando habitu
à vida de selvagem sente-se de repente limitado aos dois palmos de um ba

O juiz, bem acomodado na sua velha cadeira de braços, voltou-se para
sujeito magro, vestido com um rapado paletó de alpaca à sua esquerda, e disse
— Senhor escrivão, faça a chamada.

O escrivão levantou-se, abriu um caderno de papel já sórdido, e depois
passar a mão descarnada, a direita em cujos dedos cresciam unhas amare
nos pelos duros e esparsos que a modo de barba lhe cresciam no mome
pôs-se a ler em voz alta, rouquenta, uma série de nomes banais, com apel
devotos, Espírito Santo, Encarnação, Amor Divino, apanhados aqui e ali, na car
ou na folhinha, para o uso jornaleiro e pelas exigências da vida social. De
os jurados partiam gritos «presente» e «pronto», em tons discordantes. Enqu
isto, o juiz contava maquinalmente uns papelinhos dobrados em quatro,
extraía de uma caixa de fôlhas de Flandres, de forma lúgubre de urna, pin
de verde, com frisos amarelos, e ia pachorrentamente arrumando em fileiras s
o pano da mesa, enodoado de tinta preta.

Concluída a chamada e verificado o número legal, disse, metendo de nov
papelinhos na urna, um a um.

— Estão quarenta e oito cédulas: vai-se proceder ao sorteio.

Mal o havia dito, surgiu de uma pequena porta um oficial de justiça, um mu
esguio de alta gaforinha erguida em trunfa, com um pé doente calçado em
chinela de tapête, trazendo pela mão um menino de seis anos, todo vestido
brim pardo, engomadinho, o cabelo encharcado em óleo de camaru empastado
cabecinha pequena, franzina, anêmica. O juiz apresentou-lhe a bôca da u
e depois de remexê-la bem, disse-lhe:

— Tire, iôiô.

O menino já afeito àquela cerimônia, pois não era a primeira vez que ali vi
meteu a mãozinha magra até o fundo da caixa e entrou a tirar as cédula
entregá-las ao juiz, que as ia lendo em voz alta, à proporção que as rece
A certos nomes, o promotor, um bacharel novo, recentemente formado, de «pince-
de ouro no nariz fino, ou o advogado da defesa, um magricela, de olhos pequ
e vivos, gestos acanhados, diziam brevemente:

— Recuso.

Os roceiros observavam entre si, invejosos e ciumentos, que os recusados e
só «gente graúda» da cidade. Coitados dêles; que agüentavam com tôda a c
do júri. Efetivamente, o conselho de jurados se formara de doze sujeitos
modesta aparência, e ares esquerdos de «gente de sítio». Os da cidade retirava
alegres, com sorrisos irônicos aos que ficavam e gestos agradecidos ao pro
ou ao advogado, àquele enfim que os havia recusado.

Os escolhidos pela sorte e aceitos pelas partes iam tomando assento numa
comprida no meio da casa, sôbre a qual alguns estendiam os braços, sem resp
Outros faziam-se sérios e graves e, compenetrados da sua missão de ju
olhavam atenta e fixamente o réu, como a querer arrancar-lhe a prova do crim
cara inexpressiva e bronzeada.

O juiz chamou-os para prestarem o juramento de estilo. Estava erguido ent
promotor e o escrivão, ambos também de pé, solene e sisudo, estendendo u
pequena Bíblia falsa, com a encarnação de couro negro da Sociedade Bíblica
New York, roída de baratas, pronunciando as palavras sacramentais: «Juro
pronunciar bem e sinceramente nesta causa; haver-me com franqueza e verd
só tendo diante dos meus olhos Deus e a lei e proferir o meu voto segun
minha consciência . . .»

Cada um por sua vez, acercavam-se os jurados da mesa e, pondo as mãos gra
e escuras sôbre o livro, proferiam, obedecendo a uma intimação murmurada do
— Assim juro.

E voltavam a sentar-se cheios de gravidade, esbarrando uns nos ou
arrastando os pés.

Concluída esta cerimônia e reassentados todos, fêz o juiz um aceno ao
dizendo-lhe:

— Venha cá.

José levantou-se, acanhado e contrafeito, e veio até junto da mesa do
— Você, disse o magistrado, vai responder às perguntas que eu lhe vou fa
Não se atrapalhe, não se aperte, nem minta. Veja lá . . .

E começou o interrogatório:

— Como você se chama?

O tapuio ficou interdito, como quem não compreendia a questão.

— Como é o seu nome? tornou o juiz.

— José.

E o juiz fêz-lhe sucessivamente as perguntas de praxe.

— Sabe de que o acusam e por que está você aqui?

— «Eê».

— Sabe?

— «Eê, sei».

— Sabe que é acusado de ter — disse a data e os lugares — «feito mal
depois matado a menor Benedita, afilhada do seu patrão Filipe Arauac

— «Eê . . .»

— É verdade?

— Eê . . .

— Diga ao Tribunal como o fato se deu.

O tapuio estêve alguns instantes calado, os olhos pregados no chão, um le
riso envergonhado nos lábios grossos, voltando o chapéu nas mãos em todos
sentidos. Por fim, sem mudar de postura, disse com ar de uma criança obriga
a confessar alguma falta venial:

— «Eu já contei p'r'o outro branco».

O «outro branco» era o juiz formador da culpa.

— Sim, mas é preciso contar outra vez.

Êle calou-se de novo, sempre com o mesmo sorriso vexado no rosto abaixad
À nova intimação do juiz para que falasse, disse, após, mais alguns mome
de silêncio:

— Eu queria ela p'ra mim . . . furtei ela de noite . . . no mato ela gritou
então eu matei ela e fui levá o corpo na minha canoa p'ra enterrá no Uruá-tape

— E enterrou?

— Eê, eu enterrei, pus na cova p'ra siná.

— Que o levou a praticar êste crime?

José, não compreendendo a pergunta, fitou interrogador o juiz, que a tradu
— Por que você matou a rapariguinha?

Êle calou-se e apesar das repetidas intimações do juiz não foi possível arranc
lhe uma resposta. Descoroçoado, cessou o interrogatório, que fêz ler p
escrivão e assinar o rôgo do réu, que voltou ao seu banco.

O escrivão, de pé, passando as unhas amarelas pelos raros fios da bar
principiou a leitura do processo, às carreiras, sem pontos nem vírgulas, cuspinha
de perdigotos os autos.

No dia tantos de tal mês do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cr
de mil oitocentos e tantos no distrito de tal, o índio José, conhecido por José Tap
agregado de Felipe Arauacu, raptara da casa dêste uma menor de nove ou d
anos de idade, afilhada do dito Felipe Arauacu, estuprara-a e matara-a
seguida no lugar Uruá-tapera, vizinho daquele no qual se dera o crime,
segundo confessou o sobredito réu José Tapuio.

LOTERIA FEDERAL de NATAL

23 de DEZEMBRO

PREMIOS MAIORES:

1 PREMIO DE CR$ 30 MILHÕES
1 Premio de Cr$10 Milhões
1 Premio de Cr$5 Milhões
1 Premio de Cr$4 Milhões
1 Premio de Cr$2 Milhões

Total dos Premios:

112 MILHÕES de CRUZEIROS

Os jurados, voltados para o escrivão, procuravam perceber as palavras que lhe
saiam em borbotões por entre um chovisco de perdigotos. Tinham fincado os
cotovelos às mesas e com as cabeças um pouco apoiadas nas palmas das mãos
dobradas num meio tubo acústico, escutavam atentos, com as bôcas semi-abertas.
Cada vez mais apressado, precipitando as palavras, o escrivão lia os depoimentos
das testemunhas, sem vírgulas nem pontos, engulindo êstes inofensivos sinais de
envôlto com as partículas, os mais, os como, os porém, etc. As testemunhas eram
Felipe Arauacu, que não dizia mais do que os leitores sabem, nem mesmo tanto;
a moça com quem êle vivia, que também não dava novidades conquanto se
referisse de leve às impertinências de d. Bertrana; uma tapuia de meia idade,
do serviço da casa, que não adiantava idéia; um tapuio pescador, domiciliado
nas cercanias do sítio do Felipe Arauacu, o qual fôra a causa da prisão do réu,
declarando em casa do mesmo Arauacu que na tarde do dia em que Benedita
desapareceu, tendo ela testemunha ido pescar tambaquis no igapó, perto do dito
sítio, conheceu a montaria de José Tapuio, no fundo do dito igapó puxada em terra,
sem o menor sinal de ter andado à pesca, sendo para estranhar que tendo o
referido José Tapuio partido de madrugada estivesse à tarde ainda tão perto de
casa. Isto tudo dissera ela testemunha no depoimento que o escrivão lia agora.
As testemunhas eram unânimes em asseverar que a rapariga era bem tratada
pelo padrinho, a cujos costumes diziam todos «nada», e também declaravam que
não lhes escapara nunca que o réu «gostava de Benedita». A velha Bertrana
não pudera ser ouvida, porque as suas muitas doenças não lhe permitiam vir a
Óbidos, onde fôra instaurado o processo, para cujo andamento, julgou-se a justiça,
com a confissão do réu, dispensada de ir proceder a inquéritos e exames no
lugar do crime.

O escrivão, no entanto, prosseguia a sua leitura, enchendo a sala do ruído
monótono de sua voz rouquenha. O juiz conversava com o promotor, uma palestra
alegre, a julgar pelas boas risadinhas patuscas que de vez em quando soltavam
ambos, com um recíproco piscar d'olhos brejeiro. Afora os jurados não havia mais
na sala senão uns dois ou três indivíduos, dos quais um com a cabeça pendida,
o queixo fincado no peito, a bôca aberta, babando o peitinho da camisa, dormia
numa das cadeiras enfileiradas em derredor da sala. Cabeças metiam-se pelas
portas, espiavam curiosas e recolhiam-se prontas. Cansados pelo esfôrço na sua
improba atenção, os juízes de fato viravam as costas ao escrivão e, a exemplo do
magistrado presidente do júri, puseram-se também a falar baixinho uns com os
outros, da safra do cacau, do preço do pirarucu, de política. Môscas zumbiam
doidejantes no ar. De fora, vinha um calor pesado, e dois largos retalhos de sol,
entrando pelas janelas, chispavam nos tijolos vermelhos da sala, fazendo-lhe uma
temperatura de forno. O moço pálido que servia de advogado do réu, sentado
junto à sua mesinha modesta, olhava fixamente o escrivão e, ou fôssem vencidos
pela fixidez do olhar ou oprimidos pelo calor do ar, o certo é que os seus olhinhos
fecharam-se mau grado seu, e o lápis que tinha na mão, para tomar notas,
caiu-lhe uma vez sem êle sentir. Os soldados de sentinela ao tribunal, cochilavam
encostados às ombreiras das portas, abraçados às espingardas descansadas no chão.
O réu, muito alerta, ouvia com uma expressão indecifrável no rosto, as palavras
que ia lendo o escrivão.

Êste por fim terminou. Cessando o rumor monótono, com que sua voz enchera
até aí a sala, houve um súbito e fundo silêncio cortado por uns restos de frases
dos jurados e dos magistrados. Mas logo todos se aprumaram arrastando os pés
e as cadeiras, para mudar de posição, e o juiz, passando na calva lustrosa o seu
lenço rescendente de água da Colônia, perguntou às partes e aos jurados se
queriam ouvir as testemunhas.

— Que não, que bastavam os depoimentos da formação da culpa que acabavam
de ouvir, respondeu o promotor. Os outros assentiram nisso, e a palavra foi dada
ao «órgão da justiça pública».

Êle levantou-se, puxou o lenço do bôlso e pôs-se a limpar a luneta, olhando
para a frente, os jurados à roda da mesa, com os olhos apertados numa contração
de míope. Depois de haver verificado a clareza dos vidros, chegando-os à altura
dos olhos, pôs a luneta com gesto lento no nariz, com as mãos ambas, e, arrega-
çando o bigode com o lenço para cima dos lábios e enxuta as costas das mãos,
principiou:

— Senhor doutor juiz de direito! Senhores juízes de fato! Ilustrado auditório!

O sujeito que dormia com o queixo escorado no peito, sentindo-se interpelado,
acordou. Uma meia-dúzia de pessoas que estavam nas salas e corredores da
Câmara Municipal, onde se efetuava o júri, entraram pisando nas pontas dos pés
com cautela e um pequeno ringir de botas e foram sentar-se nos lugares do
público, com o propósito de ouvir o promotor, novo na terra e que, segundo se
dizia, era um moço ilustrado. Outros limitaram-se a chegar até às portas, donde
se puseram a escutá-lo. Êle sentiu que por sua causa vinham, tratou de justificar
a espectativa pública e de firmar a sua reputação no lugar. Após meia-dúzia
de palavras tabelioas de um exórdio conciso, leu o libelo no qual afirmou provaria
que o réu José, por alcunha Tapuio — citou datas e lugares — assassinou a
menor Benedita; provaria que o fêz por motivo reprovado, depois de cometer nela
estupro; provaria mais que houve abuso de confiança e de fôrça; provaria ainda
que perpetrou o crime com tôdas as circunstânicas agravantes mencionadas no
artigo dezesseis, números um, quatro, seis, oito, nove, dez, doze, quinze do Código
Criminal; provaria também que o crime fôra ainda agravado pelas circunstâncias
do artigo dezessete do mesmo e provaria finalmente, que o réu incorrera nas
penas do artigo 192 do Código Criminal.

Depôs na mesa o libelo e, passando o lenço pela testa, tirou do peito, com
um som trágico, estas palavras:

— Meus senhores!

Fêz ainda uma breve pausa e começou deveras. Foi eloqüente, dessa eloqüência
retórica e fôfa dos adjetivos pavorosos horríficos e sofrivelmente afrontosos que o
zêlo irresponsável dos «órgãos da justiça pública» atira com mal usada coragem à
cara de um infeliz que lhe dá aos — ingratos! — de assombrar um público simples
com a rançosa e cansada fecúndia das promotorias públicas. A dar-lhe crédito,
não havia ente mais perigoso do que José Tapuio. Aquêle homem, que um cidadão
generoso e prestante arrancara às mãos ávidas dos exploradores sem consciência
e da selvageria, e recebera no seio da sua família, no santuário augusto do lar
doméstico, aquêle homem, com uma perversidade horrível, aquela perversidade
referida pelos cronistas, tirou de casa, alta noite, uma menina, um anjo de candura,
uma criança de poucos anos, que era os enlevos do seu protetor e padrinho dela e
— fêz um longo e fecundo silêncio — custava-lhe dizê-lo — declarou — levou-a
para o recesso escuro da floresta, donde esta fera — apontou o réu — nunca
devera ter saído, e lá, com uma concupicência horripilante, subjugou, forçou a
pobre menina e cevou nela os seus instintos ferozes de tigre carniceiro! Sim,
senhores, não tinha duvidado fazer aquilo, o malvado perigoso que ali estava —
e cheio de ira, a santa ira da justiça paga, apontava o José Tapuio, que o olhava
com uma seriedade cômica. Não duvidara — continuou — arrancar com suas
garras aduncas dos braços carinhosos de uma matrona respeitável, como a sogra
do sr. Alferes Arauacu, uma criança que era para aquela carinhosa senhora a
alegria da sua honrada velhice, a consolação do seu isolamento, o sol que aquecia
o gêlo das suas cãs, para violá-la, matá-la, e, coragem inaudita, enterrá-la!!!

E neste tom continuou, irado, zeloso da moral e da segurança da sociedade,
colérico pelo amor da justiça e agitando no ar em gestos descompassados os seus
braços finos como o legendário arcanjo agitaria às portas do Éden a sua espada
flamejante, terminando por pedir a condenação do réu, «daquele celerado de que
se devia expungir a sociedade» no máximo das penas do artigo 192 do Código
Criminal, à morte!

E sentou-se com mostras afetadas de fatigado, triunfante, sorrindo aos especta-
dores, que lhe davam sinais mudos, mas evidentes, de aprovação. A palavra foi
dada ao advogado do réu. O moço levantou-se e principiou, com a sua vozinha
doce. O promotor saiu enrolando um cigarro nos dedos, para ir fumar lá fora.

(Cont. na pág. 50)

MANGABEIRA V



REINCARNAÇÃO NUMA CANDIDATURA À PRESIDENCIA DA REPÚBLICA ★ UNIÃO DOS CONTRÁRIOS: GARCEZ E JÂNIO, PARA ATRAIR POPULISTAS E CONSERVADORES ★ CONTRA ADEMAR E ISOLADO DE VARGAS, O MOVIMENTO PROCURARIA LEVAR AO GOVÊRNO DE S. PAULO O ATUAL PREFEITO ★ REAÇÃO DOS GRUPOS POLÍTICOS COMBATENDO O TRAMPOLIM IMAGINADO POR MANGABEIRA.

Reportagem de **HUMBERTO ALENCAR**

MANGABEIRA: Parece ter encontrado no sr. Jânio Quadros o aliado ideal para a sua campanha nacional de lançamento da própria candidatura...

O sr. Otávio Mangabeira deixou a terra natal e foi fazer política em São Paulo. Logo depois de completar o seu mandato de governador da Bahia, o ex-presidente da UDN, em resposta a um convite que lhe fôra feito para dirigir um matutino nesta Capital, respondeu que desejava, agora, ficar na Bahia, morar na Bahia, estreitar, ainda mais, os laços que o prendem à terra generosa de Todos os Santos. De fato, durante tôda a sua existência de homem público o sr. Otávio Mangabeira pouco tempo se deixou ficar na Bahia. Deputado federal por muitos anos, ministro de Estado, o exílio, e depois novo mandato ao Congresso, o ex-chanceler do sr. Washington Luís foi para o govêrno do seu Estado por fôrça de um entendimento das fôrças políticas mais poderosas. Não conhecia, ao vivo, os problemas específicos, angustiantes, dolorosos, da gente baiana. Já governador, os serviços públicos baianos arrancavam-lhe sempre exclamações de surprêsa e reprovação quanto ao seu estado e funcionamento. Assim aconteceu com os serviços penitenciários, foi assim com a assistência psiquiátrica e assim também com todos os demais encargos do Poder Público.

O SONHO DA PRESIDENCIA

Mas, instalado no Aclamação, um sonho perseguia o ilustre homem público: o de vir a ser presidente da República. Os que tiveram contato com o governador da Bahia nessa época, conheciam, sem maiores dificuldades, a incontrolável ambição do sr. Otávio Mangabeira.

Inspirador do acôrdo inter-partidário no govêrno Dutra, logo depois beneficiário da aliança baiana, coube a êle mesmo torpedear o entendimento nacional quando constatou a inviabilidade da sua candidatura à presidência da República.



ADEMAR: Agora sob tiros que partem de to[...] os lados; e só por mágica conseguirá manter [...] candidatura tida por muitos como ultrapassad[...]

virou assombração em S. Paulo



JÂNIO QUADROS: A massa da Mooca, em São Paulo, ficou deconcertada quando êle apareceu, num comício «relâmpago», levado pelo braço do sr. Otávio Mangabeira.

No dia do seu regresso, quando de sua última viagem ao Rio, como governador, entregou o sr. Otávio Mangabeira aos jornalistas uma declaração escrita sem que dela, segundo se anunciou na época, desse conhecimento ao sr. Clemente Mariani, que com êle estivera minutos anies no próprio Hotel Glória. Dizia nessa oportunidade o governador, que à UDN só restava um caminho, que era o de ter candidato próprio, e que êste deveria ser o Brigadeiro ou quem dêle merecesse — expressão textual — «seu declarado apoio».

Rompia, dessa forma, o sr. Otávio Mangabeira, o acôrdo inter-partidário, no plano nacional, para jogar com a última esperança: contar com a indicação do Brigadeiro Eduardo Gomes.

Desencantado, o ex-chanceler passou o govêrno ao candidato eleito, fêz promessa de se deixar ficar, daí por diante, na Bahia, e entregou-se a um trabalho literário — uma condensação de Machado de Assis.

Pouco tempo, entretanto, ficou o baiano eminente conservando êsse resguardo político. Conversou com o sr. Jânio Quadros, em Salvador, foi a São Paulo fazer uma conferência, veio ao Rio e deu entrevistas, e voltou apressado para São Paulo, onde armou a sua tenda. O velho

MANGABEIRA VIROU ASSOMBRAÇÃO

sonho continua a perseguir o seu sono. A presidência da Repú é o seu fraco.

O ACÔRDO PLANEJADO

Chegou a São Paulo o sr. Otávio Mangabeira com o propósito tentar a união Jânio-Garcez, com o objetivo de polarizar as preferên dos partidos do centro, principalmente UDN e PR. Jânio, o col popular da aliança, e Garcez, o representante do conservador paulista. Jânio seria, então, o candidato à sucessão do sr. Lucas Ga Abrir-se-ia, aí, a grande oportunidade do sr. Otávio Mangabeira: Jâ governador de São Paulo, desfraldaria no país a bandeira da u das fôrças políticas com a candidatura do ex-governador da Bahi presidência da República.

Encontraria o sr. Otávio Mangabeira nessa luta em dois temp estrada tão ambicionada para conquistar o Catete.

Na perseguição dêsse objetivo, vem empregando o ex-presidente UDN tôda a sua atividade em São Paulo. A união de tais fôrças, co Ademar, e, pelo menos, isolada de Vargas, a fim de aproveitar, máximo, o capital político-popular do atual prefeito de São Paulo, levá-lo aos Campos Elíseos. Êste se encarregaria, depois, de lev seu coordenador ao Catete.

REAÇÃO PAULISTA

O sr. Otávio Mangabeira sempre foi bem recebido em São P pelos homens de partido. Jamais os políticos paulistas negaram a baiano as honras que lhe devem por sua inteligência e espírito co tivo. Mas, daí a admitir que o sr. Otávio Mangabeira interfira, deci mente, no problema de São Paulo, apimentando o virad paulista, vai uma grande distância. Quando se tornou c a missão de Otávio Mangabeira nos círculos políticos de Paulo, a reação não se fêz esperar. Líderes categorizado vários partidos não escondem o seu agastamento por intervenção, que êles consideram, nestes têrmos, indé

Mas, o sr. Otávio Mangabeira resiste. Afirma aos íntimos que o desfecho da luta pelo govêrno de São P terá profunda repercussão na vida política nacional e qu governador dos paulistas será o grande eleitor do candi à sucessão do sr. Getúlio Vargas. Como tal, todos de interferir no problema paulista. Trata-se de um problema alto interêsse nacional. É a luta contra Ademar e co Vargas. É a batalha da sobrevivência dêste país.

O ESPECTADOR GARCEZ

O sr. Lucas Garcez, entretanto, não é um homem tão quanto parece. Basta examinar a situação em que se enco no momento em que escrevemos estas notas: governado São Paulo, está sem legenda, pois não ficou com a máq do seu partido na luta que empreendeu com o sr. Ademar Barros.

De outra face, o sr. Jânio Quadros tem compromissos intra feríveis com a massa que o elegeu, com a tendência espiri e ideológica dos que o levaram, num dos pleitos mais bon já verificados neste país, à Prefeitura de São Paulo. E, co se sabe, pelo menos do que se tem notícia, o sr. Jânio Quadros é u homem que se preza de ser fiel aos compromissos.

Juntar as duas fôrças, Garcez-Jânio, para com elas atrair o que S Paulo tem de conservador, não há dúvida de que é uma tarefa difí e pode correr o risco de ser derrotada por um outro novo Jânio. outro lado, não é de se desprezar as fôrças que se aglutinam sob comando dos srs. Ademar de Barros e Hugo Borghi. O primeiro v conservando, quase invariàvelmente, um têrço do eleitorado paulis enquanto o último já deu algumas demonstrações seguras de prestíg popular.

Não há dúvida, também, de que o PTB e o PSD estão no propó de reinvindicarem o direito de ter candidato, já se falando, quanto primeiro, no sr. Marcondes Filho e no próprio sr. Hugo Borghi, e sr. Cunha Bueno (inegàvelmente um bom candidato) no que diz respe ao último.

É neste mundo de interêsses políticos que está aparecendo a «asso bração» Mangabeira. Desencantado com as possibilidades da sua p pria terra influir e levar o seu nome sob os alicerces de um grand sistema de fôrças políticas, está operando em São Paulo.

A alma política de Mangabeira vagueia, assim, nos cafèzais pa listas, procurando a reincarnação numa candidatura à presidência d República.

ADEMAR: «Não me subestimem. Ainda sou uma fôrça invencível», declarou Ademar, há dias, numa roda de jornalistas.

GARCEZ: Aguarda, confiante, sereno e equidistante, a marcha dos acontecimentos.

BORGHI: «O interior quase todo está comigo», volta a afirmar o ex-líder «marmiteiro».

LUIZ A. P. VICTORIA
FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A TUA LINGUA

REGRAS PARA VENCER NA VIDA

APRENDA A FOTOGRAFAR

DISCURSOS para tôdas as OCASIÕES

A Arte de FAZER DOCES

Horoscopios para todos

IRACEMA

NANÁ

DANÇAR

O CONDE DE MONTE CRISTO

METODO DE CORTE e COSTURA SEM MESTRE

ESCRAVA ISAURA

MANUAL do MOTORISTA

SONHO DE AMOR

M. DELLY

A PEQUENA COSTUREIRA

PALAVRAS CRUZADAS

MORRO DOS VENTOS UIVANTES

A maior e melhor "Seleção de Livros do Brasil" em formato de Bôlso e preço de Bolsinho

LIVROS POPULARES

124 - Para Conquistar as Mulheres 20.00
177 - Sucessos Musicais (Sambas e Valsas) 15,00
93 - Arte e Técnica do Beijo 15,00
122 - Discursos para tôdas as Ocasiões 15,00
136 - Para Conquistar os Homens 20.00
80 - Dicionário de Citações — 1º Vol. 15,00
144 - Dicionário de Citações — 2º Vol. 15,00
189 - Dicionário de Citações — 3º Vol. 15,00
196 - Dicionário de Citações — 4º Vol. 15.00
88 - Dicionário de Provérbios — 1º Vol. 15,00
8 - Dicionário de Provérbios — 2º Vol. 15,00
165 - Declarações de Amor 15,00
169 - Anedotas 15,00
99 - A Astronave Lunar B-1 ..... 10.00
104 - O Duelo dos Mundos 10,00

AMOUR-AMOUR (femininos)

F1 - Delly — Sonho de Amor 10,00
F2 - W. Bonta — Olhos Sombreados 10,00
F3 - Henri Ardel — Mulher e Nada Mais 10,00
F4 - Brame — O Segrêdo de Sua Vida 10,00
F5 - Charlotte M. Brame — Rosa de Junho 10,00
F6 - Brame — Amor entre as Flores 10,00

EDUCAÇÃO SEXUAL

87 - Rankel — Para Limitar os Filhos 20,00
67 - Cauldwell — Estimulantes Sexuais 15,00
5 - Guia Intimo da Sexualidade 15,00
4 - Costumes Sexuais Estranhos 15,00
6 - Cauldwell — Vigor Sexual 20.00
2 - Havil — Técnica e Prática Sexual 20,00
164 - Testes de Masculinidade e Feminilidade 15,00
18 - Como Evitar a Solidão Amorosa 15,00
95 - Anormalidades Sexuais 20,00
125 - Práticas Sexuais no Matrimônio 20,00
126 - Psicossexualidade 20,00
127 - Hábitos Sexuais no Homem 20,00
3 - Felicidade Sexual no Casamento 15,00
145 - Vença a Timidez Sexual 20,00
7 - Dicionário Moderno do Sexo e Amor 15,00
66 - Problemas Sexuais dos Solteiros 15,00
130 - Sexo e Psicanálise 20,00
91 - Estudos Sôbre o Amôr e o Sexo 15,00
92 - A Conquista Amorosa e Sexual 15,00
166 - Rankel — Educação Sexual dos Filhos 20,00
174 - Manual da Vida Sexual 20,00
160 - Enfermidades Sexuais 20,00
191 - A Cura da Impotência Sexual 20,00

CONHECIMENTOS ÚTEIS

170 - Aprenda a Dançar 15,00
23 - Bessat — Como se Fazer Amar 15,00
82 - Desenvolva a Memória 10,00
149 - Regras de Etiquêta Social 15,00
153 - Fórmulas para Ganhar Dinheiro 15,00
156 - Assim se Emagrece Comendo 15,00
161 - Conquiste Amizades 15,00
159 - Aprenda a Viver 15,00
167 - Filosofia da Vida e do Prazer 15,00
139 - Elimine seu Complexo de Inferioridade 20,00
172 - Teoria e Prática do Existencialismo 15,00
182 - Regras Para Vencer na Vida 15,00
183 - Constrói tua Personalidade 15,00
186 - Você Sabe Conversar? 15,00
192 - 1001 Informações Úteis — 1º Volume 15,00
247 - 1001 Informações Úteis — 2º Volume 15,00
193 - Dicionário de Nomes Próprios 15,00
209 - É Fácil Ganhar Dinheiro 15,00
213 - O Casamento e suas Formalidades 15,00
214 - Tenha Sangue Frio 15,00

OCULTISMO

194 - O Livro de São Cipriano 15.00
197 - Horóscopos para Todos 15,00
94 - Santa Cruz de Caravaca 15.00
12 - Men-Cheper — Como Interpretar os Sonhos 10,00
11 - Zeraseli — As Chaves Ocultas do Poder 15,00
13 - Bessat — Como Ler os Pensamentos 15,00
14 - Quiro — Como Ler as Mãos 15,00
10 - Dunbar — Enciclopédia Ocultista 15,00
39 - M. Zenaira — A Sorte pelas Cartas 15,00
15 - Roth — Hipnotismo Prático 15,00
147 - Métodos para Hipnotizar 15,00
198 - As Chaves de Salomão 15,00

LINGUAS

52 - Fahs — Inglês para as Américas 20.00
31 - Silva — Espanhol em Quadrinhos 12,00
30 - Rigo — Alemão Sem Mestre 12,00
24 - Rigo — Italiano Sem Mestre 12,00
25 - Rigo — Francês Sem Mestre 12,00
32 - Yes Sir — Inglês Sem Mestre 12,00
56 - Gelpke — Corresp. Comercial Inglês 20,00
57 - Dicionário Pitman — Inglês-Português 25,00

DESENHO

42 - Zaidenberg — Desenhar Mulheres 30,00
75 - Oliveira — Desenho a Bico de Pena 30,00
76 - Simon — Estilos Artísticos 30,00
44 - Rezende — Desenho de Letras 30,00
1 - La Torre — O Nu Através da Arte 20,00
77 - Abbott — Desenho Técnico ..... [illegible]0,00

MEDICINA DO LAR

199 - Homeopatia para Todos 15.00
220 - Livro de Bôlso para Enfermeiros 15,00
244 - Técnica de Injeções e Curativos 15,00
272 - Manual para Criar o Bebê 15,00

DIDATICOS — PORTUGUES

27 - Victória — Fala e Escreve 15,00
26 - Erros de Português e s/Correções 15,00
37 - Formulário de Matemática 20,00
69 - Victória — Tira Dúvidas de Português 15,00
89 - Victória — Vocabulário Ortográfico 40,00
168 - Victória — Ortografia Correta 15,00
219 - 500 Testes de Português 15.00

CARTAS

90 - Modelos de Cartas p/Todos os Fins - 1º 15,00
257 - Modelos de Cartas p/Todos os Fins - 2º 15,00
163 - Modelos de Cartas Sentimentais 15,00
143 - Modelos de Cartas Comerciais 15,00
20 - Macedo - Sugestões p/Cartas de Amor 15,00
21 - Macedo - Correspondência Amorosa 15,00
237 - Guia de Redação Oficial 15,00

ESPORTES

212 - Levantamento de Pêso 15.00
211 - Regras Oficiais de Basquetebol 15,00
135 - Natação Sem Mestre 10,00
129 - Jiu-Jitsu Sem Mestre 15,00
137 - Habilidades e Proezas da Juventude 15,00
173 - Futebol de Mesa 15,00
187 - Guia de Massagens 15,00
190 - Regras Oficiais de Futebol 15,00
260 - Guia do Crack 15,00

INFANTIS E JUVENIS

P 1 - ABC — Cartilha Infantil 6,00
P 2 - O Sonho de Toquinho 6,00
P 3 - O Gatinho Perdido 6,00
P 4 - Quica — A Macaquinha 6,00
P 5 - Os Pintinhos Convencidos 5,00
P 6 - Enfrentando o Perigo 6,00
P 7 - A Pequena Costureira 6,00
P 8 - As Barbas de Papai Noel 6,00
P 9 - As Invenções do Gasparinho 6,00
P10 - Ionko — O Mágico dos Bichos 6,00
P11 - Tareco e o Automóvel 6,00
P12 - Pipoca — O Boneco Maravilhoso 6,00
P13 - Entre as Estrêlas 6,00
P14 - O Estouro dos Sacis 6,00
P15 - A Pequena Dona de Casa 6,00
P16 - Inesperada Glória 6,00
P17 - No Reino das Côres 6,00
P18 - A Espada Mágica 6,00

COZINHA — RECEITAS

85 - A Arte de Fazer Doces 15,00
79 - A Cozinha Francesa 10,00
86 - A Cozinha Nortista 10,00
221 - Pratos Econômicos e Saborosos 10,00
83 - A Cozinha Italiana 10,00

FOTOGRAFIA

233 - Fotografia para Principiantes 15,00
234 - Manual do Fotógrafo Amador 15,00
246 - Aprenda a Fotografar 15,00

ROMANCES — LITERATURA

131 - Sensualidade — 1º volume 20,00
132 - Sensualidade — 2º volume 20,00
133 - Sensualidade — 3º volume 20,00
134 - Sensualidade — 4º volume 20,00
81 - Cenas de Amor dos Melhores Romances 10,00
65 - Zola — O Banho (e o Beijo de Tchekoff) 15,00
128 - Victória — Biografias de Grandes Escritores 15,00
140 - Júlio Ribeiro — A Carne 25,00
28 - Seleções de Ruy Barbosa 15,00
176 - Grandes Cortesãs — 1º Volume 15,00
217 - Grandes Cortesãs — 2º Volume 15,00
179 - Siennkiewicz — Quo Vadis? 15,00
180 - Zola — Naná 10,00
293 - Lamartine — Graziela 10,00
184 - Poe — O Duplo Assassinato da Rua Morgue 10,00
215 - Zola — A Bêsta Humana 10,00
261 - Zola — Germinal 10,00
269 - Zola — Tereza Raquin 10,00
208 - Zola — A Taberna 10,00
181 - O. Wilde — O Retrato de Dorian Gray 15,00
195 - Flaubert — Madame Bovary 10,00
206 - As Amantes do Imperador 10,00
207 - Dostoiewski — Crime e Castigo 10,00
245 - Dostoiewski — O Jogador 10,00
284 - Recordações da Casa dos Mortos 10,00
210 - Victor Hugo — O Homem que Ri 10,00
216 - Gautier — Mademoiselle de Maupin 10,00
218 - Leon Tolstoi — Ana Karenina 10,00
222 - José de Alencar — Iracema 10,00
300 - José de Alencar — O Guarany 10,00
224 - José de Alencar — Ubirajara 10,00
225 - José de Alencar — Diva 10,00
226 - Alencar — A Viuvinha 10,00
239 - José de Alencar — Lucíola 10,00
241 - José de Alencar — Senhora 10,00
238 - José de Alencar — A Pata da Gazela 10,00
256 - José de Alencar — O Tronco do Ipê 10,00
227 - Macedo — A Moreninha 10,00
228 - Macedo — O Moço Loiro 10,00
274 - Macedo — A Namoradeira 10,00
243 - Macedo — Amôres de um Médico 10,00
273 - Macedo — Paixão Romântica 10,00
223 - Dumas — O Conde de Monte Cristo 10,00
251 - Dumas — A Mão do Finado 10,00
229 - Dumas Filho - A Dama das Camélias 10,00
232 - Escrich — História de um Beijo 10,00
240 - B. Guimarães — A Escrava Isaura 10,00
248 - Feuillet - Romance de um Moço Pobre 10,00
249 - Jorge Ohnet — O Grande Industrial 10,00
250 - Abade Prevost — Manon Lescaut 10,00
252 - Stevenson — A Ilha do Tesouro 10,00
254 - St. Pierre — Paulo e Virgínia 10,00
255 - C. Bronte — Jane Eyre 10,00
265 - Austen — Orgulho e Preconceito 10,00
266 - O Morro dos Ventos Uivantes 10,00
270 - Balzac — A Mulher de Trinta Anos 10,00
275 - Merimée — Amôres de Carmen 10,00

PROFISSIONAIS

146 - Rádio para Principiantes 15,00
96 - Dactilografia Sem Mestre 15,00
16 - Coutinho — Calendário do Jardineiro 15,00
236 - Corte e Costura Sem Mestre 15,00
253 - As Leis Trabalhistas Simplificadas 15.00

AUTOMÓVEL

36 - Migailides — Manual do Motorista 15,00
138 - Enguiços do Automóvel 15,00
61 - Eletricidade do Automóvel 15,00
141 - Aprenda a Dirigir Sòzinho 15,00
188 - Guia do Mecânico de Automóvel 15,00

PASSATEMPOS — JOGOS — TESTES

34 - Testes para seus Conhecimentos 15,00
78 - Testes de Inteligência 10,00
9 - Victória — Dicionário de Mitologia 15,00
150 - Curiosidades e Extravagâncias 15,00
151 - Fatos Curiosos e Inacreditáveis 15,00
64 - Grafologia Prática 15,00
152 - Os Sonhos, o Riso e as Mulheres 10,00
68 - Yantok — O Livro das Mágicas 10,00
158 - Aprenda a Fazer Mágicas 15,00
185 - Contos do Vigário, Pulo dos Nove 15,00
22 - Yantok — Quebra-Cabeças, Mágicas 15,00
123 - Regras e Táticas de Xadrez 15,00
51 - Regras para Jogos de Cartas 15,00
157 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 1) 10,00
279 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 2) 10,00
288 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 3) 10,00
258 - Racha-Côcos ou Quebra Cabeças 10,00
259 - Truques e Quebra Cabeças c/Números 10,00

VENDAS:

RIO: AV. RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150
SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403
BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884
SALVADOR: PRAÇA DA SÉ, 20 e 22
RECIFE: RUA DA PALMA - LOJA 6 (EDIFÍCIO DOS COMERCIÁRIOS)
INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 11-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..
RUA..
LOCALIDADE..
ESTADO..



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmio de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º pav.**

Agências e Sucursais em todos os Estados.

TELEFONE: 43-3475

PUXE PELO CÉREBRO

(NOSSA COLUNA DE TESTES)

1 Quem disse isso: «Os casamentos felizes são edifícios que têm de ser reconstruídos todos os dias»:

— Alexandre Dumas?
— André Maurois?
— Pitigrilli?

2 Como se chamou a obra-prima de arquitetura de Chares de Lindus, artista grego da antiguidade:

— O Colosso de Rodes?
— O Túmulo de Halicarnasso?
— O Templo de Diana?

3 Qual o mais importante rio do Ceará:

— O Salgado?
— O Jaguaribe?
— O Acaraú?

4 Em que cidade se encontra o túmulo do famoso Pe. Cícero Romão Batista:

— No Crato?
— Em Barbalha?
— Em Joàzeiro do Norte?

5 Qual a capital do Estado de Sergipe:

— Aracaju?
— Maceió?
— Teresina?

6 Em que rio se encontra a grande cachoeira de Itaparica:

— No São Francisco?
— No Jequitinhonha?
— No Manguaba?

7 Por que motivo se dá o nome de **setembro**, ao nono mês do ano:

— Em homenagem a Septimo Severo?
— Por ter sido o sétimo do calendário romano?
— Por ter sido criação do Papa Leão VII.

8 Qual o lugar que ocupa entre os maiores diamantes do mundo, o «Estrêla do Sul», encontrado em Minas:

— O primeiro?
— O quinto?
— O terceiro?

9 Em qual destas cidades conseguiram os cientistas fabricar os maiores rubis sintéticos do mundo:

— Roma?
— Amsterdam?
— Genebra?

10 Que vem a ser hipófago:

— Habitantes de lago?
— Sinônimo de fakir?
— O que come carne de cavalo?

11 Que significa o nome «Carlos», na língua germânica:

— Valente?
— Comedor de carne?
— Companheiro?

12 A cidade do Crato, no Ceará, está situada:

— Nos Cariris Velhos?
— Nos Cariris Novos?
— Na serra do Araripe?

(Respostas na página 50)

ARABELLE a última sereia



Um brutal solavanco do auto faz com que Tching-Tchoung volte a si daqueles pensamentos. Agora tinha que agir com a máxima pressa, pois a situação tornara-se demasiadamente perigosa.



Uma vez morto Joe Piper, era preciso desembaraçar-se dos outros, especialmente de Biancha, que poderia querer chefiar o bando, com o que êle não concordava.



Imprimiu a máxima velocidade ao auto e, ao chegar à propriedade de Joe Piper, o «Terrível», notou uqe Biancha já estava ali, acompanhada de seus asseclas. Ou seria a polícia que chegara antes dêle?



Tching-Tchoung não perde um minuto sequer. Executa seu plano imediatamente, deixando a jovem Arabelle sob a guarda do comparsa.



Deixa o auto e se dirige à porta aberta do palacete. Entra, cautelosamente, e vai diretamente ao escritório de Joe Piper, o «Terrível».



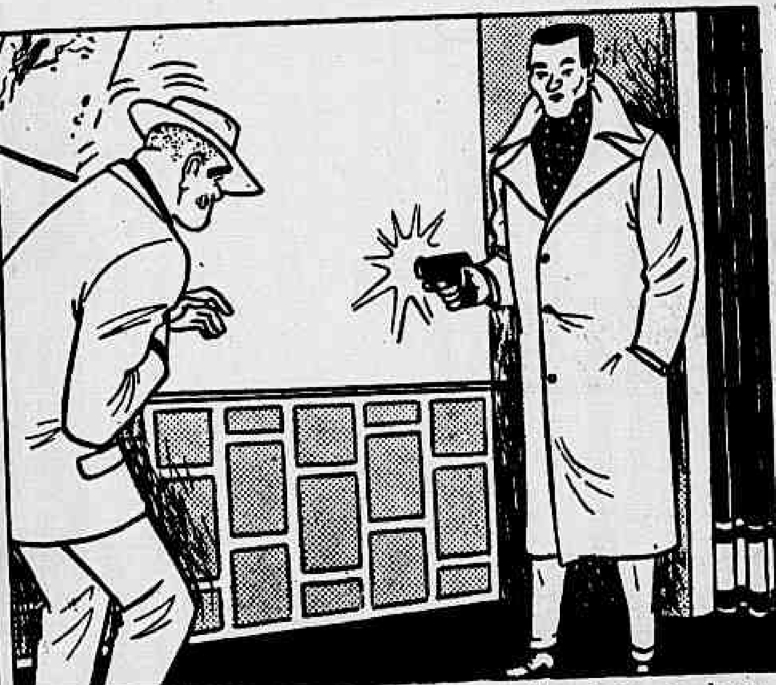
Surpreende o homem de confiança de Joe Piper a remexer nos arquivos, sem que o capanga se incomodasse com o que êle fazia.



«Ah! — diz êle a Tching-Tchoung — você veio antes da chegada da polícia! Mas, nada há de importância. Nada achei, até ao presente momento, que nos interessasse!»



O bandido, capanga de Joe Piper, fica perplexo ao ver que o seu amigo, o chinês, não demonstra estar com boas intenções. Que desejará êle? — pergunta a si mesmo.



Tching-Tchoung, que conhece muito bem o bandido com quem estava lidando, não tem a mínima contemplação e o abate com certeiro tiro no peito — disparado à queima-roupa.



Agora restava, ùnicamente, Bianca. Tching-Tchoung sabia que ela era uma mulher ardilosa e cheia de ambições. Se bem que não temesse discutir «negócios», fazia-se necessário agir com a maior cautela...



O chinês sobe as escadas e vai sair na sala em que Bianca está rebuscando, febrilmente, móveis, armários e arquivos que pertenceram a Joe Piper. A italiana, nessa busca, procura valores e documentos.



O ambiente dava idéia de que um ciclone andara por ali. Havia cadeiras rasgadas, livros estraçalhados, tudo, enfim, espalhado pelo assoalho.



De súbito, do meio de um dos livros que ela rebuscava com tanta ansiedade, surge um papel. Biancha o lê com a mais viva emoção, mas não percebe, engolfada que está na leitura do documento, que o chinês também viu o papel.

Desenhos de JEAN HACHE

História de VANA LAUREZ

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

LEIAM

A

CENA

MUDA

. NOVA

. MODERNA

. DIFERENTE

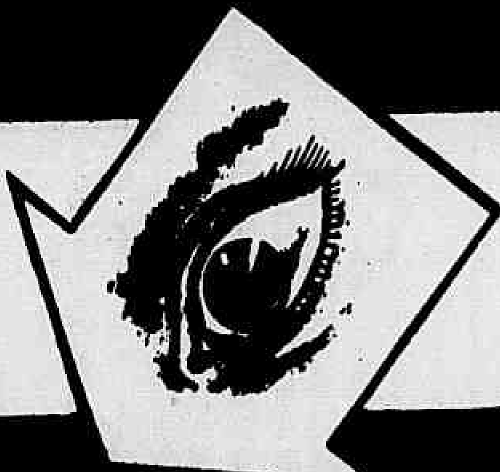
Preço: 4 CRUZEIROS

Tôdas as quartas-feiras

RESPOSTAS AOS TESTES DA PÁGINA 48

1 — André Maurois; 2 — O Colosso de Rodes; 3 — O Jaguaribe; 4 — Em Joàzeiro do Norte; 5 — Aracaju; 6 — No São Francisco; 7 — Por ter sido o sétimo do calendário romano; 8 — O quinto; 9 — Genebra; 10 — O que come corne de cavalo; 11 — Valente; 12 — Nos Cariris Novos.

VEJA e...



Adquira

VIDA DO CRACK

JÁ PUBLICOU

ALBUM RUBRO NEGRO Cr$ 50,00

VIDA do CRACK Cr$ 5,00

ALBUM DO CRACK Cr$ 40,00

ADEMIR

BIGUÁ

ZIZINHO

CASTILHO

SANTOS

PINGA

À venda em tôdas as bancas de Jornais do Rio e dos Estados

REMETEMOS PELO REEMBÔLSO POSTAL

Pedidos à Editôra Brasilidade Ltda. — Rua da Quitanda, 59 - 2º and. — Caixa Postal 2 733 RIO

Proximamente:

Esquerdinha e Jorginho

O CRIME DO TAPUIO

(Cont. da p

nos corredores. O da defesa era um ex-aluno do Seminário do Pará. D educação ali ficara-lhe um acanhamento postiço e um vêzo hipócrita de olha o chão. O semblante, porém, quando o levantava para a gente, revelava gência, ou pelo menos vivacidade. Não negou o fato, nem teve entusias defensor; cumpria apenas um dever impôsto pelo magistrado que o no procurador do réu — por cuja defesa a municipalidade lhe daria trinta mi Falou friamente, num pobre filho das selvas que mal recebera as águas l do batismo sem as grandes lições de moral cristã, da divina moral do s mártir do Gólgota, a única — afirmou — verdadeira, a única capaz de li homem do domínio do crime.

Da sua estada no Seminário, entre padres, restava-lhe uma fraseologia teol não pouco admirada em Óbidos, onde exercia a profissão de advogado, que negócios de família o obrigaram a interromper seus estudos quando ia as primeiras ordens.

Observou que nos autos não havia provas para a condenação do réu sem a franca confissão dêste os depoimentos das testemunhas não seriam sufic para provar o crime. Chamava, portanto, a atenção do tribunal para o art. Código do processo criminal, o qual leu devagar, acentuando a última «A confissão do réu em juízo competente, sendo livre e coincidindo co circunstâncias do fato, prova o delito; mas no caso de morte, só pode sujeit pena imediata, quando não haja outra prova». E sôbre isto repisou dois o minutos. Pedia aos senhores jurados que, segundo a palavra evangélica, tiv misericórdia, e que se não esquecessem quem perdoasse seria também perd E terminou: — Em nome do Deus de Misericórdia e de Amor, em nome de Senhor Jesus Cristo, eu peço a absolvição do acusado! E deixou-se cair na c visivelmente fatigado, mas de fato satisfeito por ter dado conta daquela massadora.

O juiz, que ouvira o pró e o contra debruçado sôbre a mesa, ocupad rabiscar, com o seu nome escrito por extenso em todos os sentidos, uma fôlh papel, aprumou-se e após um curto resumo dos debates, apresentou aos ju os quesitos que pouco antes ditara ao escrivão, explicando-lhes minucios como deviam respondê-los.

Daí por meia hora os juízes de fato voltaram à sala; tendo respondido afirm mente aos quesitos principais: José Tapuio tinha primeiro violentado, deflora depois matado a pequena Benedita, com tôdas as circunstâncias agravant código. À vista da resposta do júri, o juiz condenou-o ao médio da pen art. 192, a galés perpétuas, visto não haver, como reconheceram os jurados, prova além da sua confissão.

E às cinco horas da tarde saíram todos do tribunal fatigados, aborre com fome, um grande apetite para jantar, dizendo acordemente:

— Safa! Que massada!

Daí a dois ou três dias, uma manhã, correu na cidade, um boato estrava Em uma canoa do Trombetas acabava de chegar uma rapariguinha que, seg diziam, era a mesma Benedita, por cuja morte fôra naquela semana condena José Tapuio. Alguns curiosos desceram ao pôrto para vê-la. Já lá não e que o juiz ao chegar-lhe aos ouvidos o boato, mandara-a ir à sua pres com as pessoas que a acompanhavam. Entre estas vinha o próprio pai, declarou que no dia em que se julgava ter sido cometido o crime, já ao aman José chegara ao seu sítio situado a um bom estirão do de Felipe, e lhe ent sua filha dizendo-lhe que a levava porque a «branca» com a qual ela e maltratava-a muito. Por suas palavras e pelo seu corpo, zebrado pelas m azuis do chicote, a rapariguinha confirmou o dito do índio. Agradecidos, os ofereceram-lhe café e cachaça. Êle bebeu e partiu em seguida e nunca souberam dêle. Tal foi a narração resumida do pai de Benedita. Interro também ela contou a triste vida que levava com Bertrana, a protetora afeiç José, como êle a furtou de noite para levá-la à canoa que os esperava no do agapó sem lhe fazer o menor mal.

O juiz mandou autuar êstes depoimentos e fêz vir o condenado à sua pres Vendo Benedita, apenas um bom sorriso iluminou de relance a larga cara do tapuio. O magistrado perguntou-lhe:

— Conhece esta rapariguinha?

— Eê . . . Benedita . . .

— Você não disse que a tinha matado e enterrado no Uruá-tapera?

— Eê . . .

— E por que disse isso mentindo e expondo-se a ser, como foi, conde

— Porque eu queria «fazê bem p'ra ela».

É escusado dizer que houve recurso de graça, perdão, e José Tapuio não cu a pena. Ignoro o fim dêle; do que firmemente estou convencido, porém, é d morreu, se já morreu, na mais bem-aventurada ignorância sôbre os móveis sanção do ato moral que praticou, como talvez aconteceu àquele lôbo hi que no meio do destrôço dos seus caiu varado pela bala humana, quando a para fora do perigo outro velho lôbo cego, ao qual servia de guia, pondo cauda na bôca, à guisa de bastão.

IMPÉRIA

(Cont. da pá

Chigi venceu, e Impéria teve, como prêmio, pelo conselho inteligente, guarnição maravilhosa de esmeraldas. Agora, prepara uma ceia, que dever uma demonstração clamorosa da riqueza de Chigi, diante de todos, ami inimigos. Para essa ceia, Impéria teve uma outra idéia . . . Os preparativo grandiosos: peixes vivos foram trazidos desde Bizâncio, ao preço de qu ducados cada um, e todo o banquete não ficará em menos de três mil du e além disso . . . o vasilhame de ouro e prata, ricamente cinzelado, mais be que o do Papa, será trocado em cada prato e os criados terão ordem de jo pela janela, no Tibre, que, nessa época, banha os muros da habitação enca Gesto de magnificência de que não se tem conhecimento em nenhuma época e que bem se adapta, como resposta, aquêles que andaram dizendo êle estava às beiras da ruína.

Cada estrangeiro convidado encontrará em seu lugar um prato precioso co próprio escudo cinzelado e a sua iguaria nacional.

Impéria oferece o banquete tão cuidadosamente preparado, em salas maravilho rescendendo ao perfume de flores raras, esplendentes de cristais finíssimos, disp sôbre ricas toalhas de renda. Recebe os hóspedes no alto da escadaria, lad pelas senhoras Lucrécia Orsini e Fúlvia Colona.

Quem se lembra, ainda da pequena meretriz de dezessete anos, de Burgo No Talvez nunca tenha existido! Que tem de comum com esta senhora esplêndida vestida de «veludo adamascado, incrustado de pedras e listrado de ouros, cabelos de uma princesa de contos de fadas, sustentados pela mais rica rêde pedras preciosas que jamais se vira? Com que graça recebe êsses trezentos dados que representam a fina flor de Roma: João de Medicis, futuro P o cardeal Ipólito d'Este, iluminado protetor de poetas; o esplêndido cardeal Riani; o sapientíssimo Bembo; o letradíssimo Bibbieno; Alexandre Farnese, ainda não sabe que, dentro de poucos anos, por apenas dez mil e quinh escudos, comprará esta magnífica mansão, à qual dará seu nome. Está pre a aristocracia leiga e eclesiástica, e todo o estado maior dos artistas mais fam Leonardo da Vinci, composto, sereno, que com sua barba clara demonstra dôbro da idade e veste uma roupa de sêda côr de granada escura, e traz única decoração o Tosão de Ouro que acaba de lhe ser conferido pelo Duque Milão. Além de ser o pintor que criou a Ceia e a Gioconda, de ser escu botânico, matemático, químico, anatomista e físico, de haver criado engenho guerra que nenhuma mente humana soubera antes imaginar, agora persegu sonho de dar azas aos homens. Alguns o crêem louco, mas êle sabe que razão e, com seus estudos, está compondo a primeira estrofe do poema da avia

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚME

CARTAZES

Concursos de Beleza

O que está na moda é isso de concurso para eleger rainhas, misses, campeãs de plásticas e outras desculpas para ver as moças de maiô. Há também essa coisa de rei, tendo um cronista feito uma extensa lista dêles, que vai desde o Rei da Voz, há um ano falecido, e para quem já arranjaram um substituto no João Dias, que ficou sendo o Príncipe, até o Rei dos Cabritos, conhecido açougue da Rua do Riachuelo. Quanto às rainhas, elas são em número assustador, a começar pela senhora Luz Del Fuego, que se intitula «Rainha das Selvas». Contudo, apesar dessa inflação de soberanas volta e meia surge um novo concurso de beleza para eleger mais uma rainha.

Os Jogos da Primavera, que realizam-se todos os anos sob o patrocínio do «Jornal dos Esportes», também são motivo para escolher entre aquelas colegiais que desfilam semi-despidas pela pista de atletismo do Fluminense, a mais bela, a de corpo mais bem feito, etc., etc., para ser a Rainha da Primavera.

E tudo ficaria nisso, as soberanas seriam esquecidas logo após os jornais publicarem seus retratos do dia da eleição, se, de uns tempos para cá, não aparecesse uma constante no final de todos os concursos: as brigas.

Às vêzes a coisa não passa de uma estrondosa vaia na vencedora, como aconteceu nos já citados Jogos da Primavera; outras vêzes há bate-bôcas, discussões e xingamentos de parentes que nada têm a ver com o peixe, tal como aconteceu na eleição da Rainha do Cinema; e há casos em que se consumam as ameaças de bofetões, partindo os valentes da promessa ao ato, como ocorreu na hora em que a comissão apuradora anunciou o resultado final no concurso de Miss Objetiva.

No primeiro caso, o mais ameno, uma colegial de 15 anos, aluna do Colégio Anglo-Americano, foi eleita Rainha da Primavera. Acontece que havia uma outra candidata, ao que parece mais simpática à platéia, e de corpo mais bonito. Resultado, uma tremenda vaia na bela Ingrid Schmidt, com vistas ao júri, obrigando-o a uma satisfação ao público, arranjando outra rainha de última hora — a Rainha da Plástica — justamente aquela que a torcida queria para reinar sôbre a Primavera.

O segundo caso — o da Rainha do Cinema — mereceu censuras até da comissão apuradora. E ressalte-se que a comissão era apuradora e não julgadora porque o processo era o de votos comprados. O concurso, portanto, era mais um negócio do que qualquer outra coisa. A mocinha que conseguisse convencer maior número de pessoas a entrarem com o dinheiro e colocarem um papèlzinho com seu nome na urna, seria a soberana do cinema. Essa mocinha, ao que parece, seria a atriz Marli Sorel. Mas de repente, surgiu Vanja Orico, lançada para fazer frente à favorita, quase lhe estragando a coroação. Foi preciso que um cabo eleitoral sabido metesse dentro da urna diversos talões com 50 votos cada um, em nome de Marli, para que ela saísse vencedora. E' claro que, quando os presentes descobriram isso, lançaram o seu protesto, e só não foram às vias de fato porque a comissão, em sua maioria composta de gente direita, encabeçada pela energia de Pascoal Carlos Magno, conseguiu restabelecer a ordem.

Os bofetões ficaram, pois, para o terceiro caso, quando, também com o sistema de voto comprado, a candidata da TV-Tupi, Ester Tarcitano, chegou na frente de Taís Bellini, a candidata do Flamengo. A Associação de Repórteres Fotográficos, promotora do concurso, cometeu um êrro imperdoável, qual fôsse o de abrir o «buffet» antes da apuração final. E foi anunciar-se a vencedora e foi a torcida, já meio alta pela bebida, sair soltando o braço. Dizem que Ester Tarcitano, para fugir à fúria de seus súditos, teve que se esconder numa sala reservada do Hotel Glória, local em que se realizou o «bafafá». E de tudo isso fica-nos uma certeza: o povo dessa terra não gosta de rei ou rainha e só topa o Rei Momo, assim mesmo por poucos dias.

A bela Ingrid Schmidt (quinze anos de talento e formosura) é cumprimentada pelo sr. Getúlio Vargas após receber a faixa de «Rainha da Primavera».

A Semana EM REVISTA



REAPARECE BONFANTE

Na sexta-feira 13 de novembro Emílio Bonfante, líder dos marítimos e o mais visado membro do Comando de Greve, beneficiado com a negativa do juiz da 7ª Vara em expedir o mandado de prisão desejado pela polícia, volta, oficialmente, à circulação no mundo sindicalista. Na sede dos Oficiais de Náutica soube que seu nome seria indicado como candidato à presidência do sindicato. Mostrou uma cicatriz na mão esquerda, argumentando com ela que não ferira o policial Rincão (com o microfone) e sim fôra por êste machucado. Estêve no Ministério do Trabalho, mas não foi recebido pelo titular da pasta, sr. João Goulart. Compareceu ao Sindicato dos Aeroviários (terreiro do líder Arruda) alegando que iria agradecer a solidariedade recebida por ocasião de seu refúgio, mas não foi bem recebido, suspeitando-se que Arruda não houvesse gostado da intromissão. Conversou muito, reorganizou planos para o Comando de Greve, mas (perguntado) não quis esclarecer onde se escondera quando a polícia o caçava nos quatro cantos da cidade. De tôda a história, Bonfante comentou com humorismo que a polícia precisava devolver a mala que lhe levaram, seus 2 ternos, 1 par de sapatos, camisas, cuecas, pijama, aparelho de barba e pasta de dente. E concluiu: «Sou um homem pobre e queria de volta, pelo menos os ternos».

ONEIDE

BALLET

O CORPO DE BAILE do Teatro Municipal prepara-se para excursionar ao Uruguai, onde fará uma temporada no Teatro S.O.D.R.E., de Montevidéu. E como tudo que se diz respeito ao Corpo de Baile do Municipal está cheio de disse-me-disse, a próxima «tournée» tem dado motivo a fuxicos, boatos e notícias contraditórias.

Dizem que, entre outras recomendações, os uruguaios pediram ao Municipal para não incluir o «ballet» clássico no programa, devido ao fato de serem os bailarinos brasileiros muito fracos nesse estilo. A desculpa é razoável, mas — bem dizíamos — tem outra versão: o maestro Nino Stinco, um dos organizadores da excursão, detesta reger bailados com «Copélia» ou «Giselle», cuja música não é do seu gôsto. Isso, pelo menos, foi o que descobriu um cronista especializado.

★

QUANTO ao programa a ser cumprido em Montevidéu, também tem dado margem a mexericos o próprio «ballet» moderno, o próprio «ballet» nacional. Entre os bailados ora em preparo, estão: «Papagaio do Moleque», «Composição Abstrata», «Quadros de Uma Exposição», «Uirapuru», de Vaslav Veltchek, «Variações Sinfônicas», de Tatiana Leskova, «Luta Eterna», coreografia de Schwezoff, «Batuque», de Yuko Lindberg, e «Mascarada», de Tatiana Leskova.

Eis aí confirmada a preferência pelo moderno e pelas criações nacionais e eis também que causa espécie a não inclusão de bailados como «Mefisto Valsa» ou «Mancenilha», que estão dentro da linha seguida, sendo que o segundo, principalmente, foi um dos maiores sucessos da temporada nacional passada. Mas, para «Mancenilha», também havia uma desculpa: a autora da coreografia (Madeleine Rosay) pedira um preço exorbitante para sua criação ser incluída no programa. Era mais uma desculpa razoável e digna de ser acatada, se a própria Madeleine não fôsse pessoalmente ao teatro desmenti-la. E explicou aos organizadores do programa o seu interêsse em que uma criação sua participasse da temporada. Já que ela não poderia ir, que fôsse «Mancenilha», de quem muito se orgulha, e que fôssem também os trajes desenhados Santa Rosa (o cenarista do bailado) e que os uruguaios ouvissem a música de Vila-Lobos, o autor da partitura.

★

E, EM MEIO a criação de novos boatos, que logo serão desmentidos, vai o corpo de baile ensaiando para excursionar. A ausência de «Mancenilha» — é evidente — prendia-se ao fato de que coreógrafos e cenógrafos participantes da «tournée», não viam com bons olhos a inclusão nela de trabalhos alheios e o que é mais, trabalhos brilhantes.

Há ainda a lei, que proíbe ao Corpo de Baile do Teatro Municipal de se apresentar noutra cidade. E' uma lei dura mas lógica. Se a [...]cipalidade mantém um «ballet», é pa[...] «ballet» dançar na cidade e não fora d[...]der-se-á ponderar que, desde que a tem[...] acabou e que, noutros lugares, há inter[...] los bailarinos cariocas, é justo que o C[...] Baile excursione, mesmo porque, fazend[...] tá diminuindo a despesa da referida mu[...]lidade. Mas tal não é o caso, infelizm[...] contrato a ser firmado — e aqui já tem[...] outra história — traria prejuízo, aind[...] porque, as despesas de transporte e h[...]gem dos bailarinos correriam por conta [...]feitura. De tudo isso fica-nos sòmente u[...]teza: a de que os bailarinos do Teatro [...]pal merecem excursionar e é pena qu[...] tanto, tenham que infringir a lei e depen[...] um empresário como o sr. Barreto Pinto

★ ★

TEATRO

VOLTOU DULCINA, agora no Teatro Carlos Gomes, onde andava uma companhia de revistas. Ela e Odilon na peça de Raimundo Magalhães Jr. — «Imperador Galante» — que foi o grande sucesso da dupla êste ano, quando na temporada tradicional no antigo Teatro Regina. «O Imperador Galante» que, dizem, teve uma montagem com gastos superiores a um milhão de cruzeiros, o que nos parece ser por conta da publicidade, está a preços populares. E a preços populares está, também, a Cia. dos Artistas Unidos, com Morineau à frente, no palco do República, numa temporada de sucesso, quando o elenco vem apresentando todo o seu repertório.

* * *

NO RECREIO, o juiz proibiu que o jovem cômico Daniel Filho surgisse em cena, na revista «O que é que o bikini tem» por não ter êle ainda completado 18 anos. A direção da Cia. substituiu-o pelo veterano Silva Filho e o espetáculo continua, tendo ainda Walter Dávila e Grande Otelo para defender a comicidade da peça. E' interessante notar que Daniel Filho, em São Paulo, onde fêz grande sucesso, não mereceu qualquer restrição por parte do Juiz de Menores.

* * *

EM COPACABANA, duas revistas no cartaz: a primeira, de Zilco Ribeiro, está no Follies e chama-se «O.K. Baby», com um destacado naipe de coristas encabeçadas pela «vedette» Virgínia Lane; a outra no Jardel, intitulada «Botando azeite é melhor», traz de volta Evilázio Marçal e conta ainda com o cômico Paquito Cano, o sambista Déo Maia e a nova «estrêla» do teatro musicasicado, Glória May.

* * *

A CIA. DE BIBI FERREIRA é que está encarregada de prosseguir no Municipal o Festival do Rio de Janeiro. A filha de Procópio teve uma boa idéia, ao trazer de volta o teatrólogo Roberto Gomes, ressuscitando «Sonho de uma noite de luar», além de apresentar o inédito «Casa Fechada». Mas Bibi, por certo, cometeu uma gafe ao incluir no seu repertório «A ceia dos Cardiais», de Júlio Dantas, já que é praxe, no Festival, apresentar peças sòmente de autores nacionais.

* * *

E, COMPLETANDO os cartazes teatrais ora em exibição no Rio, temos o sucesso de Rodolfo Mayer, Lourdes Mayer e André Villon, em «Obrigada pelo amor de vocês», no Teatro Dulcina; a turma de Oscarito no Glória, ainda com «Cupim»; a revista de Záquia Jorge em Madureira, cujo título é «O baixinho é quem manda», título do qual, aliás, discordamos, porque o «baixinho» não manda tanto assim, e, no Teatro de Bôlso, «Os Novos», interpretando 3 peças de um ato cada uma, de Machado de Assis, Roussin e Tchecow.



BIBI FERREI[RA]

DISCOS

● CARLHOS GALHARDO — «Saudade» e «Quarto Centenário» — Como está ficando chato êsse negócio de gravar música para o IV Centenário de S. Paulo, chiii!

● MÁRIO GENARI FILHO — «Lili» e «Parabéns a S. Paulo» — O primeiro é aquêle tema da fita «Lili», tema que ficou demasiado batido. O outro é mais um puxasaquismo nos paulistas.

● PEDROCA — «Flamengo» e «Toca, Pedroca» — O trompete de Pedroca em grande forma. Êle é, talvez, o maior intérprete de chorinhos no instrumento.

● JOÃO DIAS — «Moulin Rouge» e «Eu beijo a sua mão madame» — Até nisso êsse rapaz imita o Francisco Alves: também tem a mania de gravar coisa ruim.

● JACOB — «Sapeca» e «Sai do caminho» — Jacob em grande forma, quer na face «A», quer na face «B». Ouvindo-o a gente não pode deixar de concordar com aquêles que consideram-no o maior instrumentista brasileiro vivo.

● WALDIR AZEVEDO — «Piccina Mia» e «Pergunta pra Mamãe» — Não é preciso perguntar pra Mamãe não, Waldir. Nós mesmos respondemos. Êste teu disco está muito longe dos antigos, como «Camondongo», «Brasileirinho» ou «Delicado».

● LÚCIO ALVES — «Noturno» e «Os beijos dela» — Êsse rapaz, antes de cantar, devia dar um pulinho ao Banco de Sangue, e fazer uma retirada de fundos.

● CHIQUINHO — «Eu quero é sossêgo» e «Baiões em desfile» — Chiquinho, sem dúvida, consegue fazer com que o ouvinte esqueça que acordeon é um instrumento desagradável ao ouvido.

● «FATS» ELPÍDIO & BRITINHO — «Escola Antiga» e «Deixa-me harmonizar» — Mais um disco da dupla de pianistas que tanto sucesso vem fazendo na Victor. O primeiro, principalmente, é excelente.

● CARMÉLIA ALVES — «Sétimo céu» e «Carreteiro» — E dizer-se que dona Carmélia já foi uma boa intérprete de sambas! Depois que ela se meteu com êsse negócio de baião só sabe fazer «oi», «oi» e mais «oi».

● RUY REY — «Anabacana» e «Concêrto para ritmos» — Êsse Ruy Rey é de morte, ainda não percebeu que bom mesmo é o Cubanito, que deu-lhe uma surra com aquela gravação de «Cao, cao». Dos números em epígrafe propomos para o segundo uma troca de nomes, substituindo o que ali está por «Concêrto para desafinados».

● IVON CURI — «João Bôbo» e «Tristeza» — Ouvindo Ivon Curi na face «A», fica-se sem saber quem é o bôbo, se é o personagem da canção ou se é o intérprete. Enfim, como um é autor do outro...



CARMÉLIA ALVES



DÓRIS MONTEIRO

CINEMA

NO SETOR do cinema nacional houve, como dissemos na semana passada, um melancólico Festival do Distrito Federal, que começou e acabou sem que ninguém percebesse, salvo os seus organizadores, o pessoal do Departamento de Turismo da Prefeitura, que continua a lutar heròicamente com a falta de verba para melhores medidas. O Festival, salvo na hora de eleger uma Rainha, cousa que comentamos em outro local desta coluna, correu tranqüilo e esquecido, havendo, no final, uma distribuição de prêmios, dos quais os maiores couberam a José Lewgoy e à apática cantora Dóris Monteiro.

★

MAS A NOTÍCIA mais melancólica sôbre o cinema brasileiro vem de S. Paulo: estão pràticamente parados os estúdios da Vera Cruz. Aquela que nascera trazendo grandes esperanças foi, pouco a pouco, mostrando a sua impotência para produzir bons filmes, daí passou para uma luta contra a desorganização interna e agora culmina a crise com a falta de dinheiro. Estão pràticamente parados os caríssimos estúdios de São Bernardo do Campo. Fala-se mesmo em falência, restando apenas a possibilidade do govêrno intervir, para tentar uma muito remota ressurreição.

★

E O QUE HÁ de pior em cinema brasileiro, ou seja, a produção cinecarnavalesca, continua em franco andamento. Os «carnavais atlântidas», os «oscaritos, grandes otelos e mais outros astros fulgurantes», inclusive uma produção chamada «Carnaval em Caxias», para o qual propomos logo a troca do nome para «Carnaval de Abacaxias», estão prestes a terminar. E' lamentável que, entre ano e saia ano, o cinema nacional não consiga passar disso.



ÊSTE É JOHN LOWNDES, brasileiro de 4 gerações apesar do nome. Tem 33 anos de idade e possui nervos de aço na guerra que lhe move Meira Lima.



ÊSTE É JOÃO GARIBALDI MEIRA LIMA o infortunado pai. Não sabia di barcos, mas tenta responsabilizar John Lowndes, que é diplomado no ass

O CHOQUE DE LANCHAS QUE EMOCIONOU A CIDADE

O CASO LOWNDES X MEIRA LIMA

COMO SE DEU O DESASTRE ★ A PRISÃO DE LOWNDES ★ «FAR-WEST» NO TRIBUNAL MARÍTIMO ★ PRISÃO DE MEIRA LIMA ★ O DESFÊCHO.

Reportagem de ABREU E ALBUQUERQ

O fato que motivou o processo a que nos referimos, teve lugar na enseada do Iate Clube Brasileiro, numa manhã de domingo do dia 18 de maio de 1952, às 10,30 da manhã. Um pouco antes desta hora, deixava o ancoradouro a lancha «Alex II», tripulada pelo sr. John Lowndes e sua espôsa, d. Lígia Lowndes, em direção ao Saco de São Francisco. Segundo se apurou mais tarde, navegava a «Alex» em marcha moderada e as credenciais de seu pilôto para o manejo de barcos eram as melhores. Já distante se encontrava o cais, quando, em dado momento, cruzando a linha de navegação da «Alex», surje a «Fargo», pequena lancha que em seu leme trazia o sr. Garibaldi Meira Lima, o qual, conforme mais tarde constatou a perícia, não dispunha da necessária licença para dirigir barcos. Ambas as embarcações corriam a meia marcha (como diz a perícia, e como o comprovaram os pequenos danos materiais do abalroamento). Um dos pilotos abandona o volante e grita, gesticula e espera o inevitável. É

● Nos primeiros dias de dezembro deverá comparecer perante o juiz Hamilton de Morais Barros, titular da 15ª Vara Criminal, o corretor de seguros João Henry Arthurlie Lowndes. Na ocasião, serão apuradas as responsabilidades do corretor no choque entre as lanchas «Alex II» de sua propriedade, e «Fargo» pilatado pelo sr. João Garibaldi Meira Lima.

Meira Lima, cuja lancha, sem govêrno, cruza a frente da «Alex». O outro, (Lowndes) tenta uma manobra salvadora. Dá então uma violenta guinada, tentando fugir ao choque. Dada a posição da «Fargo», a manobra não surtiu o efeito que dela esperava Lowndes. Deu-se o choque, e da «Fargo» (que é uma embarcação de bordas baixas) três pessoas caíram ao m Meira Lima, seu mecânico e sua filha. Houv gritaria, natural em momentos de pânico corretor Lowndes (que já havia desligado máquinas de sua lancha) ,retirara do mar náufragos e sua espôsa toma nos braços a nor Elizabeth, ainda com vida.

Surge uma terceira embarcação. Era a la cha do embaixador Walter Moreira Sales. O baixador e seus tripulantes abordam o bar de Meira Lima, que ia à matroca, e param motor. Após recolher Meira Lima e os seu parte o corretor com destino ao cais. Foi u viagem curta, porém trágica, uma vez que M ra Lima tentava agridi-lo durante todo o p curso, no que foi obstado pela espôsa do c retor, que, na refrega, sofreu várias contus defendendo seu marido que, no leme da «Ale nada podia fazer.

Do abalroamento das lanchas resultou, co afirma o laudo pericial, caíram na água apen três pessoas, e não todos os tripulantes, co

se divulgou a princípio. Chegados ao cais, coube ao próprio John Lowndes providenciar uma ambulância. Depois, aconselhado por amigos, abatido pelo acontecimento, recolheu-se à sua residência, não antes, porém, de telefonar ao 3º Distrito Policial, relatando o fato.

COMEÇA A GUERRA

Foi o corretor o verdadeiro responsável pelo acidente?

Êle que possuía licença da capitania dos portos, do Ministério da Marinha para pilotar barcos até em alto mar, coisa que não se permite a qualquer um. — E a situação do sr. Meira Lima, que não dispunha de qualquer autorização para o manejo de barcos?

O caso estava neste pé, quando, por decisão da justiça fôra decretada a prisão de João Lowndes. Não se conformando com tal, o advogado Evandro Lins e Silva, recorreu ao Supremo Tribunal que, por unanimidade, concedeu um «habeas corpus» ao corretor. Mas a verdade é que, durante vários dias, teve mesmo o corretor que aceitar a hospedagem da Casa de Detenção.

UM DRAMA SEM FIM

E o drama Lowndes, que parecia ter chegado ao fim, foi reiniciado com maior vigor ainda. E' que, viu-se êle prêso a pior guerra de nervos a que um homem já foi submetido no Distrito Federal. Desesperado, Meira Lima não abandonava as imediações de sua residência e, segundo declarações do causídico Lins e Silva, os telefonemas anônimos se sucediam com uma freqüência atordoante. Tudo ia assim, até que verificou-se a primeira tentativa de homicídio de Meira Lima contra John Lowndes. Garantias foram então pedidas à polícia e, a conselho de parentes e amigos, ausentou-se Lowndes do Rio por alguns meses. Eis que, atendendo a uma determinação do Tribunal Marítimo Lowndes regressa ao Rio e, durante um sumário daquela côrte naval, Meira Lima perde a calma e saca de uma arma, fazendo sucessivos disparos contra John Lowndes. Das 3 balas disparadas, (uma quase mata o procurador do tribunal), duas outras foram-se encravar a menos de 15 centímetros do local onde se achavam Lowndes e o seu sogro.

O TRIBUNAL MARÍTIMO OPINA

Das testemunhas arroladas, foram a favor de Lowndes tôdas as que se encontravam próximo ao local e, contra, aquelas que se achavam na av. Portugal, a mais de seiscentos metros de distância. Depuseram, isentando o corretor de qualquer responsabilidade, os srs. Walter Moreira Salles, Embaixador, Manuel Nascimento Brito, da direção do «Jornal do Brasil», Juvenal José Bento, mestre de barcos, que se encontrava próximo ao local, e o próprio mecânico da lancha do Meira Lima, Roberto Francisco Vargas. (Em virtude de seu depoimento teve o mecânico invadida a sua casa, na ilha do Governador, por Meira Lima, conforme queixa apresentada na polícia e cuja certidão se encontra em poder do repórter).

★

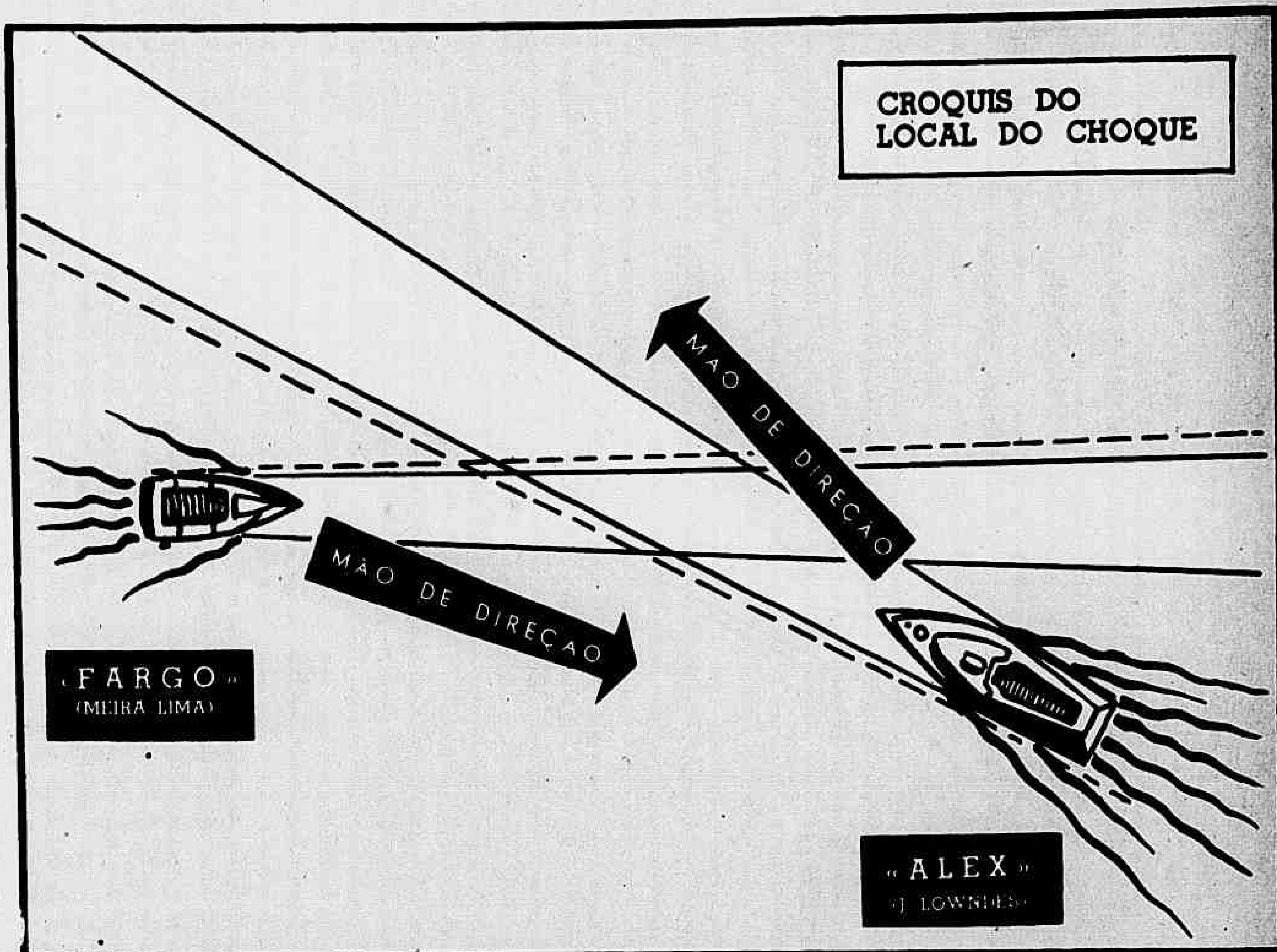
No mar existe, como em terra, a mão de direção. Assim, altas figuras dos nossos meios marítimos foram chamadas a depor, entre elas o almirante Romeu Braga, ex-ministro do Tribunal Marítimo que, além de outras considerações, declarou: «Punir, nestas circunstâncias, o capitão do navio (Lowndes) é uma desumanidade». E mais adiante: «Por estas razões, concluo não haver responsabilidade do dirigente da «Alex» que, ao meu ver, cumpriu as regras de navegação. E' o que me parece, sem esquecer que também sou pai e sou avô».

A JUSTIÇA DEVE SER ACATADA

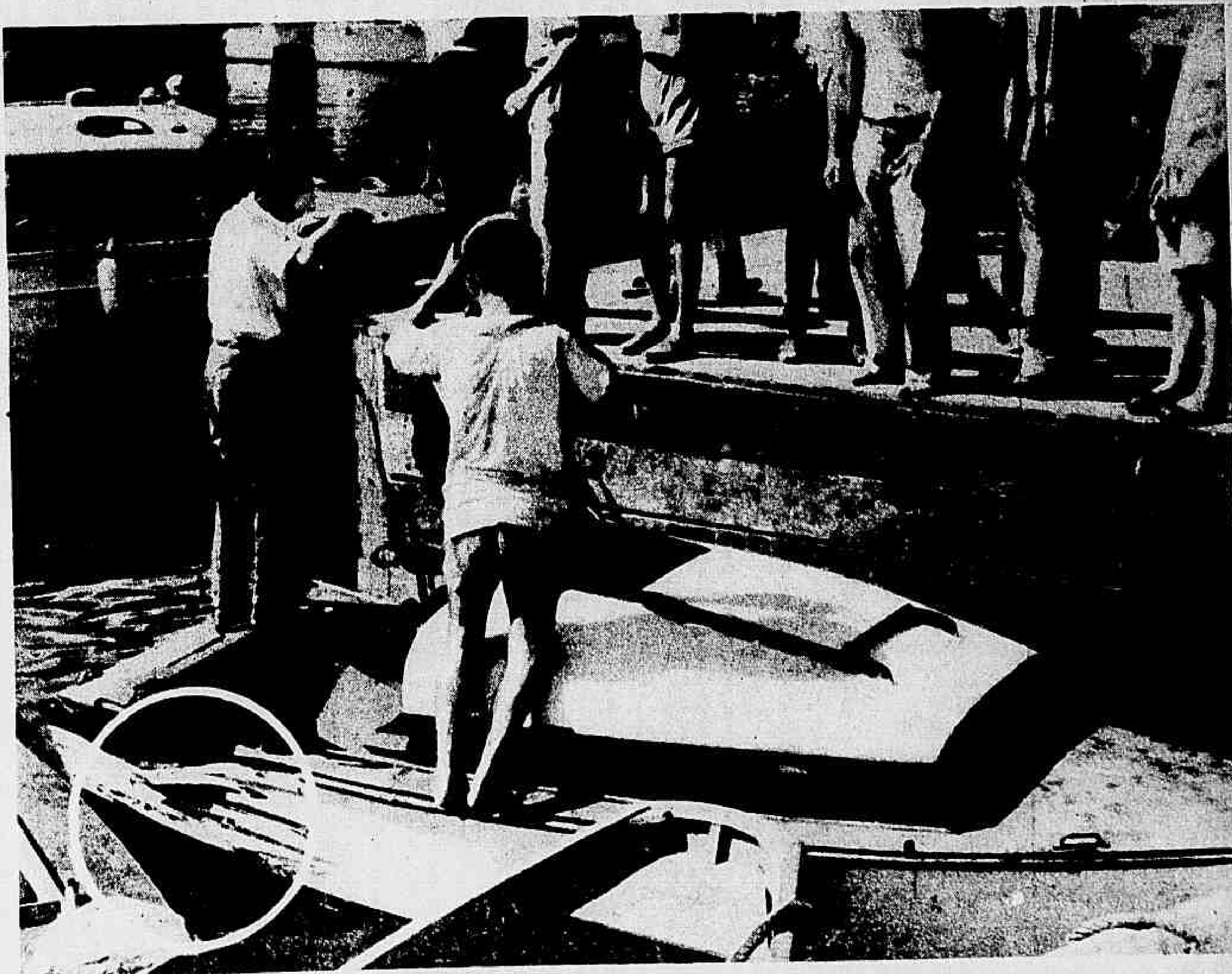
O desfecho do caso, que tanto interêsse vem despertando na opinião pública, não poderia ser mais dramático. Em virtude das repetidas tentativas contra a vida do corretor Lowndes, teve Meira Lima sua prisão preventiva decretada pelo juiz Talavera Bruce, encontrando-se presentemente recolhido a uma das enfermarias da Polícia Militar, depois de uma caçada da polícia que durou 10 dias.

O caso em si é bastante doloroso, não fôsse a trágica circunstância de uma infeliz menina que perdeu sua vida antes mesmo de despertar para o mundo, porém é lamentável e de maneira mais incisiva, o pensamento de Meira Lima de fazer justiça pelas próprias mãos, bem como a sua declaração, feita logo após o acidente, de que o corretor teria que indenizá-lo pela vida de sua filha. Ainda que as responsabilidades do acidente coubessem mesmo ao corretor, que os fatos indicam também como vítima, ainda assim seria infeliz o procedimento de Meira Lima. A vida de qualquer pessoa é caro demais para ter um preço. E a família de John Lowndes, que nem sequer conhece Meira Lima, é justo que permaneça sob a inquietação que tem marcado suas horas depois do acidente?

Temos um caso, quase semelhante, ocorrido também no Distrito Federal, que é aquêle em que uma idosa senhora perdeu a vida vítima de um atropelamento. Pois bem, seu filho, que é nada mais nada menos que o general Ciro de Rezende, era o então chefe de Polícia do D.F.S.P. O que fêz êle? Prendeu pura e simplesmente o motorista e aguardou a fala da justiça, sem tocar num simples fio de cabelo do profissional do volante. O que desejamos, ao finalizar esta reportagem, é que tudo acabe bem, e que seja acatado o «veredictum» final da Justiça, para que a paz volte a reinar não sòmente na residência de John Lowndes, como também na de Meira Lima, cujos familiares não podem ficar indiferentes aos acontecimentos.



No mar, como em terra, existe a chamada mão de direção, que fica a direita do volante. Pelo «croquis» pode-se ver que, abandonando o volante de sua embarcação como procedeu Meira Lima, ao invés de guinar para a direita, nada mais fêz que cruzar o caminho de Lowndes, provocando o choque.



A LANCHA «FARGO» apresentando, no círculo, o local do choque. Pequena embarcação e de bordas baixas, não oferece segurança aos tripulantes.

Semana POLÍTICA



NO ESPÍRITO SANTO — Está firmado, de pedra e cal, o acôrdo político UDN-PSD no Espírito Santo. Os entendimentos que se vinham processando há algum tempo chegaram a bom têrmo e segundo êsse protocolo o sr. Bagueira Leal conquistou, com certa tranqüilidade, a sua eleição à Câmara dos Deputados. Para governador está-se falando com certa insistência no sr. Eurico Sales, atual deputado federal e vice-líder do PSD no Palácio Tiradentes, cujo nome vem obtendo ampla receptividade nos círculos políticos nacionais.

Não há dúvida de que o sr. Eurico Sales é uma das boas figuras da representação federal do PSD.

PERFIL POLÍTICO

D. R.

CARLOS Alberto Lúcio Bittencourt já tem cartaz: foi o primeiro petebista a abrir as baterias contra o Catete. Com a impopularidade do govêrno, seu prestígio cresceu e seu nome é falado para o govêrno de Minas. Como membro da Comissão de Constituição e Justiça, Lúcio tem tido uma atuação destacada, porque é um estudioso do Direito Administrativo e do Constitucional. No ano passado, o deputado mineiro prestou concurso à cátedra de Direito Penal da Universidade de Minas e teve a média mais alta — 9,75. Em 1941, fêz concurso para oficial administrativo do Tribunal de Apelação, depois para promotor; quase não chegou a exercer êstes cargos porque demitiu-se com a queda do govêrno de Getúlio. Lúcio Bittencourt traz para a atividade política uma vasta bagagem adquirida no campo jurídico: publicou obras como o Dicionário Enciclopédico de Direito, Imunidade Fiscal das Autarquias, Recurso de Revista e Contrôle Jurisdicional da Constitucionalidade das Leis. Por volta de 1940, colaborou na Revista Penal e ainda hoje é colaborador da Revista Forense. O político mineiro já participou de reuniões importantes, como da Primeira Conferência Brasileira de Criminologia e durante anos foi o Secretário da Sociedade Brasileira de Criminologia.

Lúcio nasceu em Juiz de Fora em 1911, cursou o Colégio Pedro II e diplomou-se pela Faculdade de Direito de Niterói (ainda não desmoralizada) em 1932, e casou no mesmo ano. Transferiu-se para o Rio e aqui exerceu a advocacia até candidatar-se à cadeira de deputado federal por Minas. Foi eleito por votação apreciável. Muitos amigos do político acham que êle abandonará a vida pública a qualquer momento, em virtude do seu retraimento. Outros acreditam que êle é uma revelação e, assim, irá longe. Estamos com aquêles que fazem fé na carreira política do mineiro encabulado e sabemos que êle tem grande fôrça e prestígio dentro das hostes do Partido Trabalhista. Antes da ascenção de Jango Goulart, seu nome estêve na bica para o Ministério do Trabalho. Lúcio gosta de falar só da tribuna da Câmara. Quando o jornalista lhe pede qualquer dado sôbre sua vida ou em tôrno de sua pessoa o deputado responde: É cedo. É muito cedo para isto.

CAFÉ FILHO E OS IMPONDERÁVEIS DA POLÍTICA

HUMBERTO ALENC[AR]

FERVE a política no Rio Grande do Norte. Os homens de partido conversam, discutem, mas não chegaram, até aqui, a um entendimento, no que diz respeito à sucessão estadual.

O sr. Café Filho — depreende-se das suas palavras, do seu comportamento político — gostaria de vir a governar a terra natal. Tendo chegado à vice-presidência da República através de um movimento popular, qual foi a batalha eleitoral de 1950, o político potiguar encontraria na chefia do Executivo do Rio Grande do Norte a oportunidade de melhor servir à terra por quem tanto lutou e sofreu. Seria, digamos assim, a sua realização como homem político.

Entretanto, os eternos imponderáveis da política poderão levar o sr. Café Filho a adotar outra candidatura, saída ou não do seu grupo partidário. Entre outros motivos, de natureza regional, porque o seu nome não se encontra confinado sòmente aos simples limites políticos do seu Estado.

Há, nos círculos nacionais, quem acredite em uma nova aliança do sr. Getúlio Vargas com o sr. Ademar de Barros. Lançar-se-ia êste último à batalha estadual em São Paulo e uma vez vitorioso teria que optar pelo apoio a outro nome à presidência da República. Voltaria a ser o grande eleitor do novo Presidente, mas desta vez o candidato seria seu.

Acreditam os «experts» que, nessa hipótese, Vargas e Ademar encontrariam o denominador comum no sr. Café Filho, candidato de ambos ao Catete. Café aliaria a sua popularidade à dos dois chefes populistas e iria enfrentar a fina flor do conservadorismo. Porque, interessante, mesmo depois do seu célebre e infeliz discurso na Associação Comercial, as fôrças conservadoras dêste país continuam alimentando, a seu respeito, certas desconfianças.

O sr. Café Filho está vivendo, por isso, o seu drama político. Entre duas grandes possibilidades — a de governar a sua terra e a de chefiar a República — o atual vice-presidente sente, entretanto, que tudo ainda lhe pode fugir, num minuto. Os chamados imponderáveis estão atropelando o seu caminho, e nada ainda é certo, embora não seja impossível.

Foi necessário ocupar a vice-presidência da República êsse impenitente oposicionista, para que o país descobrisse o outro Café Filho, hábil, jeitoso e até certo ponto manhoso. O teste a que foi submetido, agora, na luta Garcez versus Ademar, é a demonstração mais viva da sua habilidade política. Ficando com o seu partido, conservando-se fiel à sua legenda, o que vale dizer, ficando com Ademar, Café preservou a sua autoridade na política brasileira. Dêle não se pode dizer que esteja totalmente afastado de Garcez, mas afirmar-se-á, sem mêdo de êrro, de que é uma das colunas mestras de Ademar no seio do PSD.

De tudo isso o certo é que o político Café Filho não se deixou soterrar na vice-presidência da República.



CAFÉ FILHO

A U.D.N. E AS CONTAS DO PRESIDENTE



BELTRÃO

A UDN se reuniu para debater a posição que deveria tomar no caso das contas do presidente da República. Como se sabe, três deputados udenistas — os srs. Ferraz Igreja, Guilherme Machado e Heitor Beltrão — procuraram, por todos os meios e modos, demonstrar a ilegalidade das contas do sr. Getúlio Vargas. Vasculharam página por página, soma por soma, parcela por parcela, de maneira a ressaltar tôdas as possíveis falhas da exposição presidencial.

No plenário, os srs. Aliomar Baleeiro e Bilac Pinto prepararam os seus grandes planos. Perseguido pela minúcia, o ferrabraz baiano organizava o seu ataque tendo a auxiliá-lo a iniciação de banqueiro do representante mineiro.

Reuniu-se, então, a UDN nacional para discutir o problema. Coube ao sr. Bilac Pinto abrir o debate, propondo uma moção segundo a qual a UDN rejeitava as contas do Presidente e não só aplauderia, como emprestaria a sua solidariedade aos que, vinculados à sua legenda, na Comissão de Tomada de Contas se deram ao trabalho de esmiuçar o relatório presidencial.

Os debates foram longos, embora sem exaltação. Nem o líder se filiou às exigências dos seus correligionários Baleeiro e Bilac. Afinal, decidiu a UDN que o exame das contas do sr. Getúlio Vargas é um problema de consciência e, como tal, não cabe ao partido impor uma linha aos seus filiados. Questão de fôro íntimo, cada qual siga o rumo que bem entender... Mas, para não ficar muito feio, nem causar tristeza aos srs. Guilherme Machado, Ferraz Igreja e Heitor Beltrão, a agremiação votou moção de aplausos aos três heróis da Comissão de Tomada de Contas, riscando a solidariedade...

Apesar disso, o sr. Heitor Beltrão saiu desolado, afirmando que o partido jamais realizara uma reunião tão melancólica...

LUTA DOS GOVERNADORES COM OS PARTIDOS POLÍTICOS

OS governadores estão viajando muito, especialmente para esta metrópole, que continua sendo o centro da política brasileira. E' que, no ano de 54, nada menos de onze governadores completarão o mandato e isso está sendo compreendido, pelos observadores, como um teste para as eleições. Ademais, também serão eleitos os deputados e senadores à legislatura que se iniciará em 55, e essa nova representação virá, por certo, dar nova configuração à paisagem política brasileira.

A maior batalha dos governadores de quatro anos é no sentido de influir decisivamente na escolha dos seus sucessores. Querem, por isso, através dos substitutos e da nova representação parlamentar, manter decisiva parcela de influência na solução do problema maior, que é a sucessão presidencial.

Entretanto, verifica-se em quase todos os Estados que problemas dessa natureza estão escapando da decisiva solução do governador para a área de influência dos partidos. Os grêmios políticos estão se capacitando do seu poder e não desejam, porisso, abdicar do direito que lhes assiste de escolher e indicar candidatos. O que estamos assistindo, por enquanto, é à luta dos governadores com os partidos, como sintoma de uma era renovadora dos processos e métodos políticos brasileiros.

ACÔRDO NA BAHIA

COUBE a Bahia apresentar a primeira aliança política para a sucessão estadual. A UDN, representada pelo sr. Rafael Cincurá, o PR, através do sr. Manoel Novais, o PTB, por intermédio do sr. Landulfo Alves, e um poderoso grupo pessedista, liderado pelo sr. Antônio Balbino, comprometeram-se, segundo documento firmado, a adotar uma candidatura comum ao govêrno do Estado.



BALBINO

Logo de saída, a aliança teve como conseqüência imediata a aglutinação de dezesseis deputados federais, dos vinte e cinco que compõe a representação, e de quarenta e um estaduais, na Assembléia Legislativa, que é de sessenta.

Entenderam êsses políticos que dois acontecimentos, da maior repercussão na vida baiana, deveriam determinar aos partidos a escolha de um nome comum à altura das responsabilidades de dirigir a Bahia. O primeiro, a energia de Paulo Afonso, que em 54 cobrirá o Estado, o segundo, a «Petrobrás», que trará maior desenvolvimento aos campos de petróleo do recôncavo baiano. Tais acontecimentos marcariam uma fase revolucionária na economia do Estado e o govêrno deveria preparar-se para isso, sob pena de desastrado retrocesso no seu progresso.

Segundo se afirma, comprometeram-se os dirigentes partidários a formar um só bloco, respeitada a orientação dos seus grêmios, para a defesa, tanto na Câmara dos Deputados quanto na Assembléia Legislativa, dos interêsses da Bahia e a adotarem um candidato comum ao govêrno, candidato êsse que deverá sair de uma das quatro fôrças que subscreveram o documento.

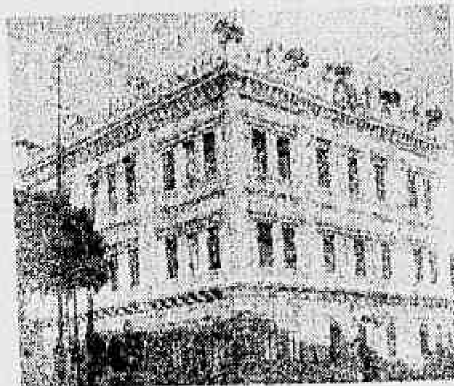
DICIONÁRIO POLÍTICO

● **AUTONOMIA** — Substantivo do gênero demagógico.

O Distrito Federal quer vestir calças compridas, mas é um «enfant terrible». A gente adulta (o sr. Assis Chateaubriand, por exemplo) receia que o «play-boy» se perca em boêmias e estravagâncias, na explosão dos seus instintos de rapaz maleducado. Grande como é, rico como é, bonitão como só êle, o D.F. fica ridículo de calças curtas, ainda mais chupando o dedo. Mas, o senador Mozart Lago e outros líderes autonomistas estão preparando uma bela surprêsa para o menino grande. E talvez ainda êste ano êle possa ter direito ao seu prefeito de verdade, às suas calças compridas e às suas noites livres pelo Joá e adjacências.

● **BANCO DO BRASIL** — Substantivo classificado na gramática, mas desclassificado na opinião pública.

O nosso maior estabelecimento de (10) crédito. Órgão financiador da pecuária jornalística e da piscicultura dos «tubarões». Empresta sem garantias, sem juros, sem formalidades, tratando-se de quantias superiores a 250 milhões de cruzeiros. É o Banco dos bancos, quer dizer, o último refúgio de todos os pecados financeiros que se cometem nesta praça. «Slogan» da casa: «Melhore o seu crédito, participando dos nossos famosos inquéritos».



● **CATETE** — Substantivo locativo, a curto ou longo prazo, com locatários de intenções variáveis.

Palácio quadrado onde trabalha (por assim dizer) e reside (antes e depois da canícula) o presidente da República, desde o baiano Manoel Vitorino, que achava o Catete parecido com a Baixa dos Sapateiros. Também chamado «Palácio das Águias», porque tem águias por fora, «águias» por dentro e ainda muitas outras «águias» querendo entrar de qualquer jeito. Dispõe de um belo jardim com saída para o mar, tendo em vista possíveis retiradas estratégicas.

● **CONSTITUIÇÃO** — Substantivo variável e reformável, sujeito a golpes de todo gênero, número e grau.

A Lei das leis tem, no Brasil, menos consistência do que qualquer portaria de chefe de serviço. Nasceu para ser violada, como diria o sr. Francisco Campos, nos áureos tempos. Também no capítulo das Constituições, assim como nos de futebol, carnaval e café, somos os maiores do mundo. Temo-las para todo gôsto e tamanho: democráticas, fascistas, liberais, autoritárias, bem escritas, mal escritas, claras e confusas, boas e más. A resistência é que é sempre a mesma, isto é, bem fracota. Não se dão bem neste clima tropical, coitadas!



● **POPULISMO** — Palavra de categoria suspeita, aguardando vaga no dicionário do Catete.

Edição ademarista, com encardenação de luxo, do trabalhismo getuliano. Financiado pela «caixinha», embrião do Banco do Brasil do futuro. O populismo é uma produção paulista em fase de propaganda por todos os mercados do país. «Bôlso cheio e manga arregaçada» — é o seu «slogan».

● **PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO** — Substantivo nominativo singular (singularíssimo), do gênero neutro.

Partido que tem um genro para cada govêrno; o «obediente, silencioso e cabisbaixo» da definição do líder Capanema, tão prócer, hoje, do PSD getulista, como o foi, até ontem, do PSD dutrista. Enquanto outros partidos, que se dizem vitoriosos, danam-se a tocar foguetes e fazer a festa, o PSD papa os confeitos, escolhe os melhores pratos e tem do dono da casa a mais carinhosa acolhida. Incolor e inodoro, o Partido Social Democrático também não tem sexo. Ou melhor: é andrógino.

ÚLTIMO FLASH



PEDRO TENÓRIO DIZ O QUE SABE

APESAR do calor reinante, o delegado Wilson Federici, da polícia fluminense, fêz questão de manter fechada a janela junto à qual o motorista Pedro Tenório prestava o seu depoimento. Isso por temer (diz êle) que uma rajada de metralhadora vinda da rua liquidasse personagem «tão precioso». Uma avalanche de jornalistas e fotógrafos acorreu à sala de interrogatório da Secretaria de Segurança de Niterói para ouvir, no dia 14 último, o homem que «levaria às grades» o célebre deputado alagoano.

Antes do depoimento de Pedro Tenório, o cel. Feio fêz uma preleção aos repórteres no jeito assim de quem apresenta um conferencista a uma platéia.

Explicando sua atuação no tiroteio que vitimou o delegado Imparato, Pedro Tenório, prêso em Pernambuco dois meses após a ocorrência, descreveu em detalhes o sangrento caso. Revelou que
a «Buick» negra e que o deputado Tenório, sentado no banco
seiro, logo atrás do volante, fôra o autor das rajadas, bem
son Tenório, que se sentava à frente. E deu outros detalhes, já
mente descritos pelos jornais. As revelações de Pedro Tenório
tretanto, não conseguiram convencer totalmente os jornalistas
as atitudes por demais estudadas do motorista, como se tivesse
cipadamente decorado as frases que deveria dizer pùbli
Aliás, mostrando seu completo desprêzo e destemor por
mentos, o próprio deputado Tenório Cavalcânti falando
repórter Hélio Abreu da «REVISTA DA SEMANA», disse: «Quando
empregado meu é prêso, conhecendo como conheço a capacidade
trituração da polícia fluminense, tem ordem minha de confessar
até mentiras, para não sofrer...»

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

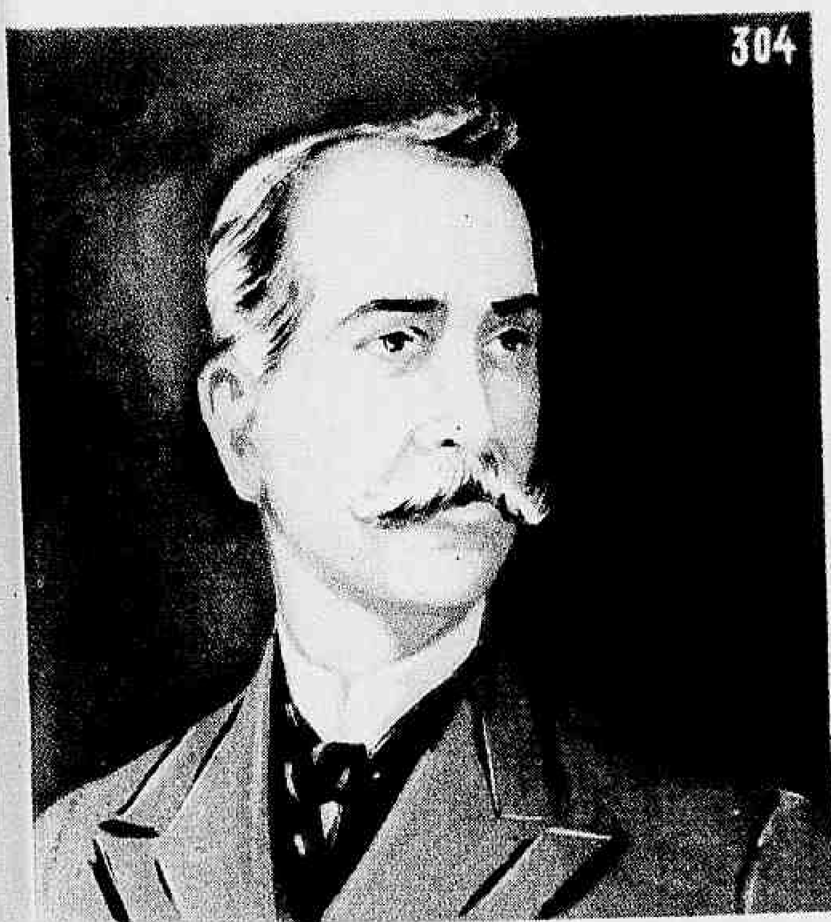


MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

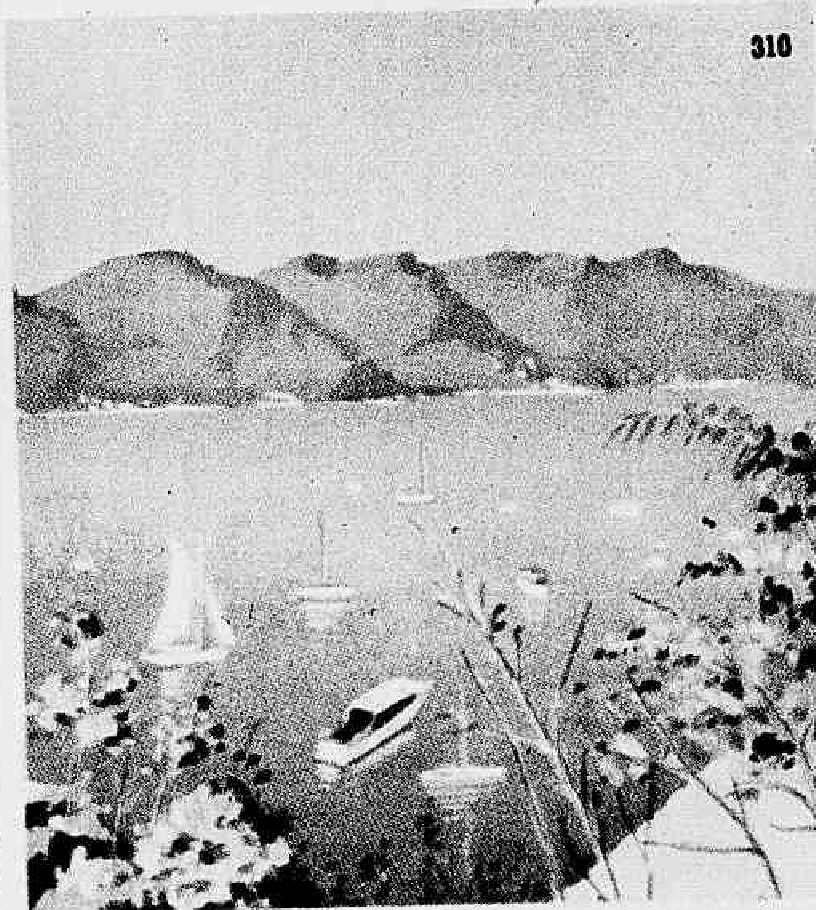
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencheram os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.

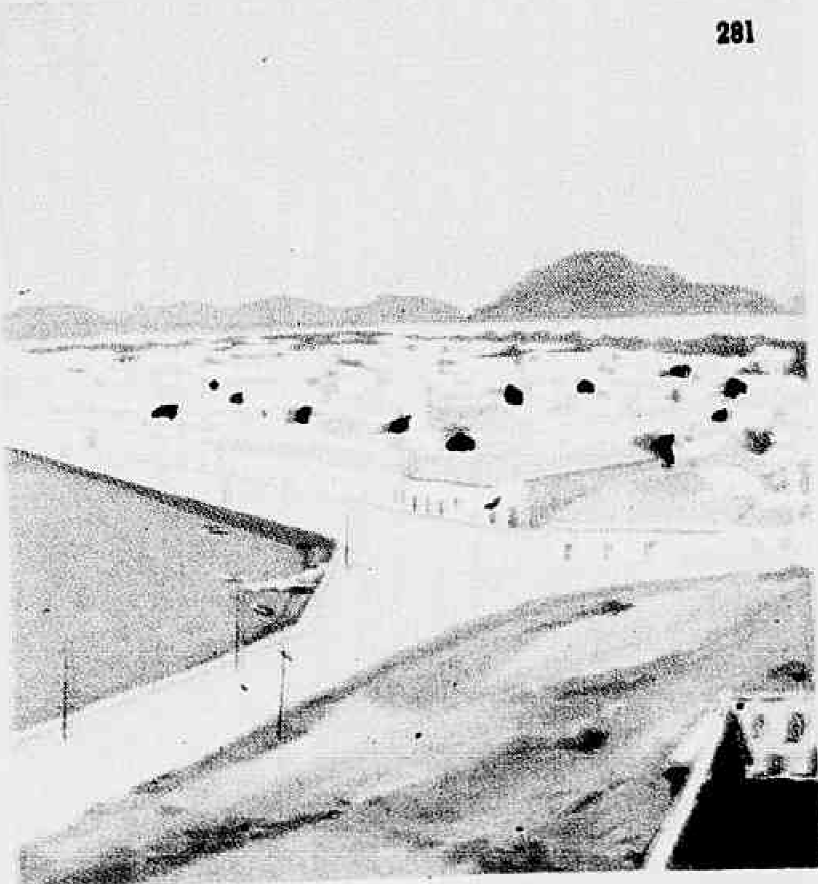
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro

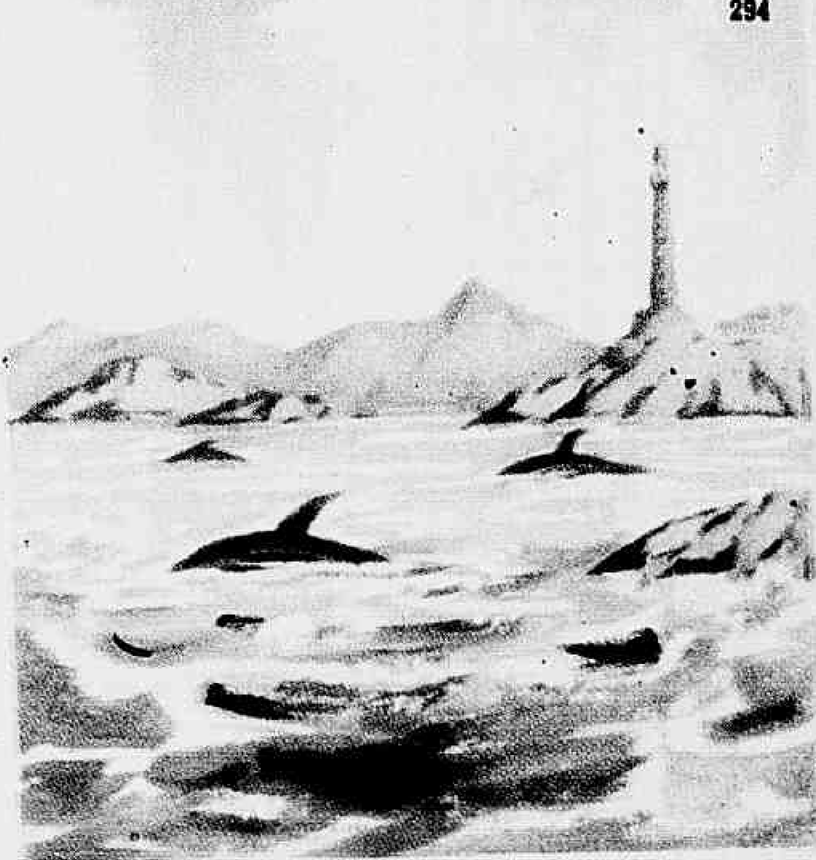














Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CR